JOSÉ ANTÓNIO PRIMO DE RIVERA

ANTOLOGIA

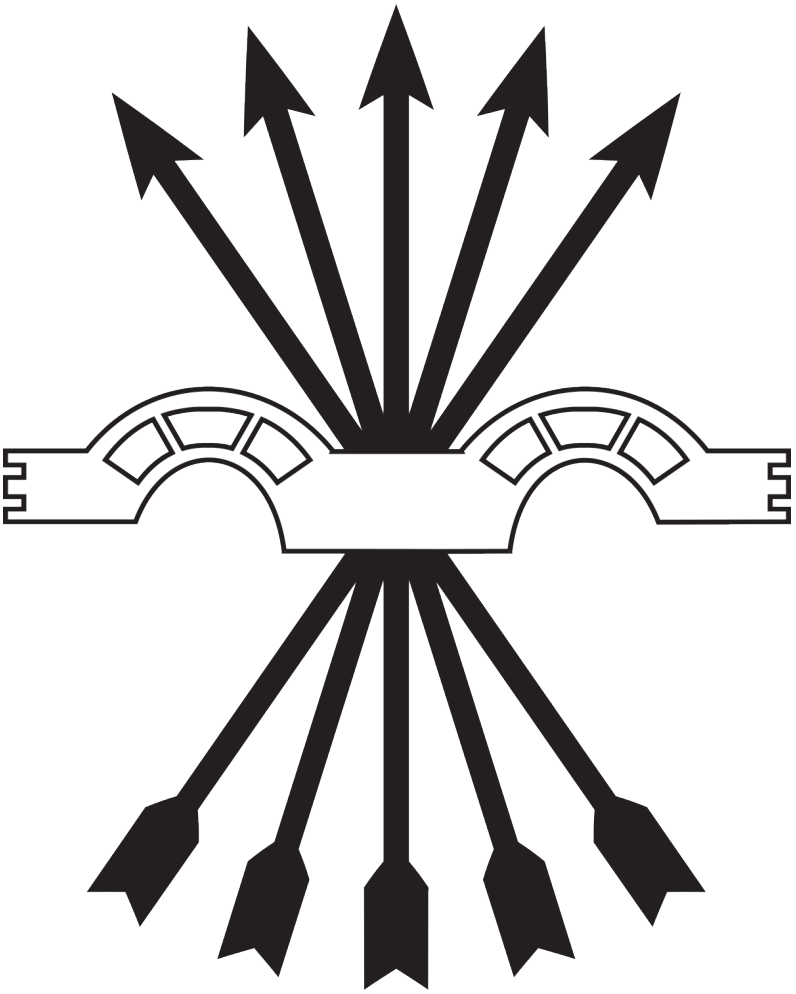
LIVRO TRADUZIDO PELO SERVER RESISTANCE

Faça parte da comunidade!
https://discord.gg/7xSsYRrx4V

Mande uma mensagem para vodka1_2 (Discord) caso tenha algum problema.

JOSÉ ANTÓNIO PRIMO DE RIVERA

ANTOLOGIA



Índice

PRÓLOGO de Gonzalo Torrente Ballester

Parte Um

Citações

I - AS BASES INTELECTUAIS..... 1 a 5
II - O CONCEITO DE HOMEM..... 6 a 19
III - LIBERDADE HUMANA..... 20 e 21
IV - PROPRIEDADE E TRABALHO COMO ATRIBUTOS ELEMENTARES..... 22 e 23
V - O CONCEITO DE VIDA..... 24 a 27
VI - POVO..... 28
VII - HISTÓRIA..... 29 a 35
VIII - PÁTRIA, PATRIOTISMO..... 36 a 50
IX - TEORIA DA NAÇÃO..... 51 a 57
X - O ESTADO..... 58 a 64
XI - A POLÍTICA..... 65 a 75
XII - TEORIA DA REVOLUÇÃO..... 76 a 95
XIII - COMANDO..... 96 a 100

Parte Dois

I - CRÍTICA DO LIBERALISMO POLÍTICO..... 101 a 111
II - CRÍTICA DO LIBERALISMO ECONÔMICO..... 112 a 117
III - CRÍTICA AO MARXISMO..... 118 a 126
IV - O LIBERALISMO ESPANHOL..... 127 a 132
V - SOBRE O ESTADO CORPORATIVO E OUTRAS FORMAS DE ESTADO..... 133 e 134
VI - O FASCISMO..... 135 a 140
VII - CRÍTICA GERAL À POLÍTICA ESPANHOLA..... 141 a 215

Parte Três

I - JUVENTUDE AO AR LIVRE..... 216 a 234
II - O INSTRUMENTO DA REVOLUÇÃO..... 235 a 274
III - A TEORIA DA REVOLUÇÃO..... 275 a 303
IV - INSTRUÇÕES TÁTICAS..... 304 e 305
V - O FATO DO IMPÉRIO OU DOUTRINA DA ÚLTIMA PALAVRA..... 306 a 309
VI - INVOCAÇÃO FINAL..... 310

PRÓLOGO

O escritor de hoje pode considerar de três maneiras muito gerais a figura de José Antonio Primo de Rivera, de cuja obra escrita se oferece neste livro uma antologia ordenada: três maneiras determinadas, por um lado, pelo caráter de sua figura; por outro lado, pelas condições especiais do tempo que se seguiu à sua morte, pela sua proximidade, pela sua presença inegável e "sui generis" nas mentes e nos corações dos espanhóis.

A primeira via é exclusiva para aqueles que o conheceram e com ele conviveram, para aqueles que partiram com ele, seja pela amizade ou pela angústia da luta e da criação política, e inclui todo tipo de descrições pessoais e anedóticas, o relato de acontecimentos e façanhas, e também a expressão emocional de seu tratamento e presença. Este é um caminho que até agora só produziu frutos fragmentários, mas que seria desejável que tivesse resultados mais abundantes e completos, pois evitá-los significaria roubar da história dados considerados importantes, preformando e deformando biografias futuras.

A segunda é a expressão do mito, isto é, do "modo de ser operativo" com que José Antonio vive nas consciências juvenis contemporâneas; uma maneira que é considerada própria dos poetas, a cuja obra e inspiração ele se dedica; entendendo bem que no futuro é importante que canções bem afinadas e polidas, de alto acento e cautelosas e precisas no conceito, acompanhem a memória de José Antonio; porque a qualidade das emoções despertadas entre os contemporâneos é boa para avaliar o próprio valor.

A terceira é a histórica, entendendo o adjetivo em toda a sua amplitude, talvez mais amplamente do que o habitual. Um setor muito breve e bem definido daqueles que hoje escrevem sobre os caminhos e as coisas da Falange se dedicou a ela, com poucos, mas profundos sucessos: todos aqueles que, nas horas perplexas e duvidosas da orfandade, tentaram tornar mais precisa e acessível a figura daquele que, do outro lado — então não conhecíamos bem o significado cruel e definitivo desse "outro lado" — nos guiava espiritualmente. Isoladas e de forma um tanto anárquica, as intuições e os pensamentos de uns e de outros foram sendo gradualmente publicados e impressos, permitindo-nos vislumbrar, nos melhores casos, todo um sistema de valores e ideias que a urgência da guerra impediu de tomar forma num livro. (Livros, nem mesmo inéditos, pensados e não escritos, que estão na mente de muitos camaradas cujos nomes não são desejados, nem deveriam ser, lembrados aqui; mas aos quais estas páginas enviam um pedido.)

Vale ressaltar que o colecionador desta antologia, embora pratique a literatura como uma fuga entre a diversão e a angústia de sua rotina diária, na verdade professa História. Parece, portanto, oportuno e adequado que neste prólogo eu tente um estudo histórico da figura extraordinária de José Antonio Primo de Rivera. Mas não é, aqui e agora, uma tarefa fácil. Certamente, o estudo de José Antonio, por alguém que nunca o conheceu ou viu, se quiser ser alguma coisa, tem que respeitar os limites e as normas do que é estritamente histórico; Ele tem que se concentrar na figura tal como é concebida por uma geração que, embora a maioria não o tenha conhecido diretamente, vive e age sob seu signo e em grande medida segundo a direção por ele marcada. Mas isso não é suficiente. Não podemos dizer que nossa geração "vive" e ama o José Antonio histórico, mas sim o José Antonio mítico que ela mesma criou. O mito também é um elemento histórico de força primária, mas não é tudo. Ao seu lado, o documento fiel, a referência exata, é importante; No caso de um político, como o nosso, falta o desenvolvimento pleno da obra para que a figura adquira o seu volume exato, o volume com que deve ser contemplada pela posteridade.

Além disso, o estudo histórico exige distância; nem frieza, pois sem amor nada é fecundo ou positivo, nem desapego, pois sem paixão não há crítica fértil; mas se a distância, sem a qual a perspectiva não é possível. E hoje todos os jovens da Falange, todos os jovens da Espanha, estão, gostemos ou não, atmosfericamente dentro de José Antonio, nutrindo dele nossa seiva e nossa atividade política. Até mesmo seus modestos inimigos se alimentam um pouco dele.

Para o estudo histórico, portanto, faltam tempero e faltam documentos. Temos, porém, o mito muito próximo, temos o início do trabalho político; Temos um monte de escritos e discursos, temos a Falange e temos um feito glorioso e tragicamente concluído. Mas, além da distância, faltam dados que podem ser acrescentados por aqueles que compartilharam sua intimidade, aqueles que participaram de sua vida política em cooperação e ajuda; O que falta é um epistolário, um livro que forneça dados suficientes para uma reconstrução psicológica que seja algo mais que uma hipótese. E sem isso, todo exercício histórico é prematuro e condenado, antes mesmo de nascer, a ser fraco e incompleto.

Consequentemente, este prólogo de uma antologia de seus escritos e discursos não pode ir além de um ensaio muito leve e sem a menor pretensão de transcendência. Tudo o que aqui é dito não tem outro valor além do de opinião puramente individual, sempre sujeito a reforma e correção. Mas uma coisa certamente permanecerá de pé, de tudo o que aqui se mantém, e é isto: a posteridade não verá em José Antonio um poeta, nem um profeta, nem um teórico da revolução; José Antonio passará exclusivamente como político, e sua dimensão de grandeza será alcançada como tal. José Antonio foi o primeiro político espanhol contemporâneo, frustrado por uma morte prematura: aquela morte que os democratas honestos de todos os tempos reservam para aqueles que tentam restaurar formas políticas ambiciosas e grandiosas, formas criativas e heroicas.

* * *

Se lermos os jornais da Falange antes da guerra, aqueles semanários heróicos cujas vendas eram uma batalha por si só, e aqueles publicados diariamente ou periodicamente durante a guerra, uma coisa se destaca acima de tudo: é a forma como José Antonio foi tratado — jornalisticamente. Abra o "UP": sua coleção agora está ao alcance de todos. José Antonio preenche todas as suas páginas. Em cada edição, um artigo seu, uma resenha de uma conferência, o texto de um discurso, um breve relato de um episódio parlamentar ou de rua. Ele é sempre chamado de "nosso Líder Nacional", ou "o Líder Nacional da Falange", ou "José Antonio Primo de Rivera". Assim, sucintamente, sem adjetivos, sem outras determinações, sem definição (Nota de rodapé na edição impressa: "Uma exceção, se alguma, é feita para um ensaio de Giménez Caballero publicado na FE") nem metáfora. O clichê que a primeira imprensa falangista deu a José Antonio é simples, sóbrio, elegante. Nem uma única palavra de avaliação, nem um único elogio, nem um único elogio.

Isso deve ser interpretado como um sinal da diferente apreciação de José Antonio naquela época e agora? De jeito nenhum, absolutamente não. Em primeiro lugar, já naquela época ele é, para os jovens que o seguem, "José Antonio", sem outros sobrenomes. Em segundo lugar, ele também é uma figura proeminente e indiscutível entre os membros de seu esquadrão; Ele é o chefe, resumo de uma fé, símbolo de uma atitude, cabeça e guia de uma ação.

Por que, então, essa ausência de adjetivos, essa absoluta falta de "propaganda", essa modéstia? Deve-se acreditar que ela responde apenas à vontade pessoal do Chefe? Não. José Antonio é, desde sua primeira aparição na vida política, uma figura histórica, algo mais que uma figura política: é um homem com um destino especial que o distingue de outras figuras contemporâneas na ação e na vida. Em pouco tempo, ele é algo mais que o líder de um partido. Não por escolha, é claro, mas por... vamos chamar de destino. E uma figura histórica é algo diferente do que os contemporâneos podem acreditar, sempre correndo o risco de erro ou falsa estimativa. Vamos expressar, de forma um tanto indireta, uma ideia difícil: uma figura histórica, quando o é, é necessariamente acompanhada de uma bagagem de adjetivos, "grande", "ilustre" ou "brilhante" - por exemplo, se for uma figura de destaque. E esses aditivos só podem ser discernidos diante de uma obra completa, acabada, mas nunca diante da obra em andamento, diante da personalidade em formação, diante daquilo que se move ou está em gestação. O adjetivo que acompanha e define a obra ou pessoa histórica sempre se refere ao que é passado, definido e concluído, nunca ao que é presente e duvidoso.

É natural que essas coisas não vivam muito claramente na alma popular, mas são evidentemente "sentidas", com certa obscuridade, embora com inegável eficácia. Quanto mais amor, entusiasmo e esperança uma figura pública inspira em sua geração ou em seu povo, mais relutante ela se torna em ser classificada em vida. Entenda-se bem isto: há um certo tipo de honra, que é recebida na vida como fragmentos ou partículas de glória, da qual o herói necessita, alimento para seu heroísmo. Mas as honras definitivas, a glória definitiva, são sempre "post mortem". Pelo menos, é posterior ao trabalho concluído. A condecoração ao soldado vitorioso é dada, justamente, quando ele sai vitorioso, mas não é concedida em meio ao combate, quando o resultado final ainda é duvidoso ou aleatório. Neste momento, os soldados não comemoram, mas obedecem e dão fé.

Tudo isso pode ser percebido claramente nos tempos heróicos da Falange. O Chefe tinha, de seus seguidores, a adesão, a fé, a obediência, a disciplina e, muito proeminentemente, o amor. Quando um homem e uma equipe se relacionam dessa forma excepcional, diante de um empreendimento tão importante como o que a Falange estava realizando, coisas mais urgentes têm que perder tempo em fogos de artifício de adjetivos. Acima de tudo, coisas mais urgentes cercam o Chefe do que procurá-lo. Se o Chefe é o primeiro servo, a fé, o entusiasmo, a obediência e o amor que lhe são dados devem corresponder à mais perfeita função de liderança e comando. Nada mais, nada menos.

As circunstâncias mudam com o início da guerra civil. O chefe está preso, e o destino quer que sua prisão esteja localizada no ponto mais distante da zona de combate, em território hostil. A Falange participa da guerra como órfã, ainda que provisória, mas não menos eficaz. Nada se sabe sobre o Chefe, exceto lendas que se espalham por toda parte. Ela já está praticamente perdida, embora a ideia desperte os falangistas e eles se apeguem à "ausência" como a um prego em chamas. Mas a ação política não é mais possível sem um líder. O comando interino não é suficiente: há uma qualidade espiritual de liderança que não admite provisoriedade, e é essa qualidade espiritual que os falangistas mais sentem falta. E então o milagre acontece; Não há palavra mais exata do que essa: a Falange recria essa proteção espiritual do seu Líder, exalta-a e espalha-a por toda a Espanha: é então que começam a dizer-se coisas do Líder que ninguém ousaria proclamar se ele estivesse vivo e presente.

Há, porém, um segundo aspecto: a luta política. Não apenas a Falange, mas outros grupos, com credos e povos diversos, participam da guerra. O denominador comum é o patriotismo, mas os numeradores são diversos e até opostos. Cada grupo traz seu líder com pretensões de totalidade. Há, sem dúvida, uma espécie de miopia quanto aos valores vivos, e nem um nem outro concordam sobre o que unirá, em última análise, todas as magistraturas, todos os comandos fragmentários, todos os grupos à maneira romana. A Falange —obscuramente, cegamente, como em todo trabalho coletivo— adivinha a superioridade do seu "Ausente" sobre aquelas figuras estritamente políticas que começam a brilhar e a borbulhar como fundamento, ou pretexto, ou cabeça desta ou daquela direção que os vários grupos querem dar ao Movimento. Portanto, José Antonio é mais que o Líder Nacional, mais que aquele líder espiritual e mítico que foi forjado através da palavra falada ou escrita: é uma figura de combate, um símbolo e uma bandeira, uma espora e um aríete; É também a pedra de contraste de muitas glórias espontâneas.

Desta forma, por todas estas razões, vai-se incutindo na mente do povo espanhol um José Antonio que não é, propriamente, o histórico; mas é aquele que promove a história; ou seja, um José Antonio mítico. Assim como acontece com aquele que morreu, e cuja obra teve uma conclusão digna e consumada, honra e glória não lhe são negadas. Tentam-se definições e qualificações em relação à sua pessoa e ações. Sua figura assume todas as qualidades de um herói político e, coroando todas elas, concretiza o ideal masculino popular, e muitas crianças que nascem são chamadas, como ele, de "José Antonio".

Para ser justo, digamos aqui que isso não se deve apenas à Falange. Não há dúvidas de que ela promove o evento, lança suas bases, o dirige; mas há muito trabalho popular e nacional. Em pouco tempo, José Antonio se tornou mais do que um mito da Falange: ele é o mito nacional da Espanha. A burguesia espanhola conhece outros homens e outros nomes, mas o povo, o povo que trabalha e luta, que morre na guerra e perde os seus homens, só conhece dois: um, real, tangível, que às vezes se vê ou se ouve: o Caudilho; Outro, um pouco estranho, que soa no imaginário popular como um herói de tempos passados, de quem as pessoas têm o mesmo conhecimento que têm de seus santos ou de seus heróis espontâneos e queridos: é José Antonio. Certamente, as humildes mulheres que pronunciam seu nome não sabem quem ele foi, nem quando, nem onde. Eles conhecem o seu "jeito de ser" que intuem, não tanto no que ouvem, mas no que desejam. Todo espanhol honesto, simples e sincero vê em José Antonio o que ele gostaria que o governante, o líder, fosse. Assim, José Antonio não tem semelhanças no imaginário popular, pois estão colocando nele propriedades ou qualidades absolutamente opostas às que os espanhóis conheciam ou adivinhavam naquela desgraça de governantes que a Espanha sofreu durante tantos anos.

Tudo isso tem seus inconvenientes, e um deles é que José Antonio foi creditado com qualidades que, se ele realmente não as tinha, talvez não se encaixassem na projeção mítica de sua figura. Por exemplo, em certos círculos menos rigorosos, fala-se de um José Antonio "poeta", ou "profeta" ou "teórico político".

A primeira afirmação de origem conhecida é aquela frase do próprio José Antonio: "O povo não se comoveu...", etc. A palavra "poeta" está incluída nele. Ela é tomada ali, sem dúvida, num sentido muito amplo, mais próximo do seu significado original do que deste outro, mais restrito, que costumamos dar a ela. Mas o bom desse caso é que ao chamar José Antonio de "poeta" ninguém pensa em um "modo de ser poeta" comum, por exemplo, a César, Napoleão e Fernando o Católico, ou a quaisquer outros líderes de povos. Ou seja, na "poiesis" inerente a todo político criativo. Ao falar do poeta "José Antonio", vêm-nos imediatamente à mente certos parágrafos de acentuado lirismo, certamente raros nos seus discursos, assim como a sua perfeição formal, literária; E, gostemos ou não, há um lugar reservado para eles na história da literatura. E não é de se crer que essa maneira de estimá-lo, bastante precária mesmo, possa ser exclusiva de amadores ou de pessoas irresponsáveis: nesses diários de Deus há um artigo de um professor de literatura, um crítico notável, em que estão estampados conceitos desse estilo. Como se a maior virtude desses discursos fosse sua possível exemplaridade em futuras escolas de retórica!

A segunda afirmação é de origem mais difusa, mas não há dúvida de que se deve às inegáveis previsões de ordem política — quase todas cumpridas, pelo menos todas as feitas de forma rigorosa — espalhadas pelas palavras de José Antonio.

E, no entanto, chamá-lo de "profeta" causa um dano extraordinário à sua imagem. Pense cuidadosamente sobre o que é um profeta e qual é sua missão em relação ao povo. Esqueça, se quiser, os exemplos fornecidos pelo Antigo Testamento e restrinja sua meditação a formas menores e mais modernas de profecia, e até mesmo profecia política. Há casos muito populares e recentes. O profeta é sempre um homem que, seja por permissão divina em casos supremos, seja por percepção aguçada em casos cotidianos, tem conhecimento prévio de eventos FUTUROS E INEVITÁVEIS. Mas nada mais. O profeta prediz, e se ele prega; Mas ele não se coloca à frente do povo para se opor ao que é fatal, entre outras razões porque sabe que é fatal; porque ele sabe que se opor a ele seria inútil e estéril.

A tarefa política é absolutamente diferente. Todo bom político precisa de uma visão de longo prazo, não apenas dos eventos atuais, mas também dos futuros. O político, em parte por sua inspiração (como "vate", não como "poeta"), adivinha possibilidades; Mas, e que isto fique bem claro, sua adivinhação não inclui apenas eventos fatais e inevitáveis, mas também, e muito importante, eventos que são, se importantes, contingentes, e é precisamente para evitá-los que ele assume as funções de capitania. Ele é, portanto, um profeta, no mesmo sentido que um estrategista ou um financista. Mas isso não é ser profeta. Chamar um político de profeta é sempre uma contradição de termos: são duas funções irreconciliáveis.

Aqueles que afirmam isso, sem distinção, parecem não ter lido o artigo muito substancial que o próprio José Antonio escreveu no famoso artigo "Homenagem e reprovação a Dom José Ortega y Gasset". Ali, a distinção que, em sua opinião, existia entre o intelectual e o político estava claramente estabelecida em termos tais que José Antonio deveria necessariamente ser enquadrado neste último grupo. Na Espanha, estávamos tão acostumados à ignorância enciclopédica daqueles que se dedicam às profissões políticas, que não pudemos deixar de nos surpreender com o refinamento mental de José Antonio. Não cabe aqui fazer uma análise de sua formação intelectual, conforme inferida de sua obra escrita; Um dia isso será feito, e quem tiver dados confiáveis e pulso firme para isso (é melhor que as obras amadoras permaneçam inéditas) esclarecerá o mapa de suas leituras e de suas ideias gerais; Sem dúvida, haverá muitas surpresas.

Veremos também que o estilo intelectual de José Antonio não pertence àquela longa tradição de escritores que vai de Maquiavel a Ramiro Ledesma Ramos: homens que investigaram o fato político e, a partir de suas observações, construíram arquiteturas teóricas. José Antonio sabia o que queria, porque sua vontade política e revolucionária vinha depois do conhecimento e do estudo; Ele sabia disso claramente e também o expressava com elegância e firmeza. Como um homem rigorosamente treinado em disciplinas intelectuais, ele conhecia o valor das palavras. Suas intuições políticas eram formuladas de forma precisa. Agora, seus escritos e discursos têm o mínimo ar de "teoria política". Seus discursos criticam, atacam ou defendem, propõem ou destroem. Eles buscam um efeito imediato e ativo no público. Elas se parecem o menos possível com uma conferência. Mesmo aqueles que estão mais distantes do comício e da propaganda, como o discurso no Círculo Mercantil de Madri, não buscam tanto esclarecer a mente dos ouvintes sobre questões econômicas, mas sim convencê-los de que a solução para alguns problemas bem conhecidos que ele acaba de apresentar está, precisamente, e no que diz respeito à Espanha, no nacional-sindicalismo. Suas "frases" têm um caráter semelhante. Isolem-se como experiência dos discursos, dos artigos semanais. Tomemos, por exemplo, a bem conhecida: "A revolução é tarefa de uma minoria determinada que não pode ser desencorajada". Ela contém uma série muito apreciável de virtudes intelectuais e literárias. É uma definição perfeita, formulada de forma concisa e precisa. Mas esse não é o maior mérito da frase. Ao lê-lo, não só se testemunha uma verdade de ordem intelectual, mas sente-se imediatamente obrigado a essa inacessibilidade, a essa resolução. É uma frase que move, que empurra. Ou seja, a frase de um motorista, de um político; não a de um intelectual.

José Antonio era um homem culto, o que, como sabemos, não significa que lesse mais ou menos, mas que sua cabeça e seu coração continham um sistema completo e ordenado do "seu" mundo. Seria fácil, lendo suas obras, reconstruir esse sistema. Mas é um erro acreditar que o resultado seria uma nova doutrina política. Em vez disso, seria encontrado. que suas convicções, suas ideias políticas e suas ações estavam intimamente relacionadas, consequentemente ligadas ao complexo de suas ideias e seus sentimentos. Isto, na Espanha, foi um espetáculo incomum para nossos políticos. Não é de surpreender que um cérebro e um coração bem organizados tenham sido confundidos com uma doutrina política.

Isso significa que José Antonio não tinha doutrina? Não. Ele era um sindicalista nacional e contribuiu com boa parte de suas ideias para a construção geral da teoria. Em outros, era subsidiária dos JONS e dos primeiros Jonsistas. Mas há duas coisas em José Antonio que constituem o eixo do seu pensamento e da sua ação, anteriores às suas relações com os jonsistas, talvez anteriores à sua formação universitária. Não seria estranho se essas fossem ideias recebidas pela educação ou pela tradição, que constituíam a herança familiar. Uma é a ideia da grandeza da Espanha; o outro, o respeito pelo homem "portador de valores eternos". Como se vê, são tão gerais que ninguém pode reclamar de originalidade: constituem o cerne do pensamento de José Antonio e os motivos mais íntimos e fundamentais de sua ação.

Parece que isso estabelece que ele não era um teórico político, nem um elaborador de doutrinas. O que era José Antonio, então?

Um político. Nada menos. O que não é pouca coisa. Melhor ainda: é uma das coisas mais difíceis e gloriosas que pode haver no mundo.

O colecionador desta antologia gostaria de escrever um livro com o título "O político José Antonio". Este livro não é possível hoje: seria, em todos os sentidos, prematuro. São necessários vários anos de história e uma bibliografia abundante. Poderia ser concebido em várias partes ou capítulos, e, no primeiro deles, uma reconstrução psicológica do protagonista com base em todos os dados possíveis, desde os iconográficos até os grafológicos. Seu ápice seria a descrição do conflito íntimo de José Antonio, não tão íntimo que não possa ser adivinhado hoje, apesar da escassez de dados pessoais e históricos existentes. Quem o conheceu tem a palavra, mas esse conflito aparece como uma luta entre "vocação" e "destino". Em repetidas ocasiões, desde seu primeiro documento público, um folheto de propaganda eleitoral pedindo ao povo de Madri uma cadeira nas Cortes Constituintes para defender a memória de seu pai, José Antonio insiste que, se as circunstâncias do país não o exigissem, ele permaneceria recluso entre seus livros e suas ocupações intelectuais. Tudo nele, até mesmo sua escolha de amigos, revela uma forte vocação intelectual. Mas sua mentalidade não era a de um homem de gabinete e biblioteca, nem seu destino permitiu que sua vocação tomasse forma. A família faz parte do destino de um homem e, por meio dela, José Antonio se insere em uma linhagem dedicada ao serviço da Pátria e do Estado. É uma família ascendente que se glorifica à moda antiga a serviço do Rei. De antigo sangue nobre, um Primo de Rivera conquista a Grandeza da Espanha e o Marquesado de Estella defendendo o Estado e a Rainha.

O serviço é apreciado por Dom Miguel, que vai da servidão das armas à mais complexa e grande servidão da política. José Antonio aponta para o cume. Essa questão de família, esse dever herdado, obrigou-o a abandonar suas ocupações favoritas e se lançar no campo da política ativa. A princípio, como se ocupasse um posto vago com certo ar de provisoriedade; como se esperasse por um melhor para substituí-lo. Por fim, completamente comprometido com seu destino, assumiu a posição de líder com caráter definitivo, irrevogável e indiscutível. Nada sabemos do processo íntimo, da luta pessoal de José Antonio antes de decidir assumir seu papel culminante, exceto por certas frases significativas espalhadas por sua obra escrita. Mas pode-se dizer que é nessa luta interna e nessa decisão final, que o levou a aceitar a morte com a maior galhardia, que reside seu maior valor humano.

Outro capítulo seria o estudo de sua carreira política. Os primeiros passos não são importantes. Apesar de certas declarações em contrário, feitas por ocasião do seu segundo aniversário, o propagandista monarquista José Antonio de 1930 não desperta interesse, exceto como anedótico. Nem mesmo o pró-fascista dos primeiros anos da República, José Antonio, iniciou sua apresentação em 29 de outubro de 1933 no Teatro de la Comedia. Ali, seu caminho é marcado com características definitivas, e ali ele assume decisivamente um compromisso trágico. Em 1933, havia muitos grupos políticos que se opunham à direção republicana. Algumas delas ecoam a saída de José Antonio da vida pública. Destacamos duas reações: uma, a dos JONS; pode ser visto em uma das primeiras edições da revista que leva o mesmo título. Diante da "bandeira que se levanta", os jonsistas destacam que José Antonio retomou muitas de suas consignas, o que lhes parece bom e legítimo, mas exigem, em nome de seu real sentido político, ações. Se a memória não me falha, a frase era mais ou menos assim: "Atitudes como as do Sr. Primo de Rivera são vorazes em suas ações". Outro eco pode ser visto na revista «Acción Española». O cronista limitou-se a afirmar que o que José Antonio havia proclamado era conhecido, se não até o ponto da saciedade, então muito pouco menos, e certamente coincidia quase inteiramente com o que era sustentado por uma certa doutrina política. Nós, falangistas, é claro, não vimos essa coincidência tão literalmente, nem José Antonio deveria tê-la visto, pois, colocado num momento entre ambas as atitudes, decidiu-se pela primeira, dando mostras de autêntico sentido político: porque aquele grupo mínimo e quase destituído dos primeiros JONS, aquelas consignas estridentes e catilinárias de Ramiro, estavam destinados a ser os únicos com futuro político na Espanha.

A história de José Antonio como político continua com sua atividade parlamentar. O capítulo poderia ser intitulado "Uma voz clamando no deserto". Hoje, quando conhecemos o texto de seus discursos, nós, os jovens espanhóis, não sabemos explicar, embora os mais velhos o saibam, como foi possível que ele fosse silenciado pela imprensa de ambos os lados, a ponto de ser totalmente ignorado. José Antonio passou vários anos no Parlamento falando a verdade, fazendo grandes discursos, lutando contra a incompreensão obstinada da esquerda e a ironia da direita; Respondendo com a maior elegância irônica a ambos os lados, exceto quando respondia com socos. Seus discursos são a categoria; Todos os outros pronunciados no Parlamento durante a República são pura anedota. Mas você pode colocar essas pessoas em categorias... As soluções que agora daremos aos problemas nacionais depois da guerra foram pregadas em voz alta, com a maior clareza e com a maior energia, por José Antonio no Parlamento. Sua voz sublinhou os grandes temas tratados naquela magistratura, às vezes de forma muito definitiva, às vezes não menos definitiva porque ignorados na legislação, às vezes tão definitiva quanto por ocasião da Reforma Agrária.

Um capítulo sombrio vem a seguir. Um dos nossos escritores chamou-lhe "a loucura de José Antonio". Isto é sobre a tentativa de revolução planejada em 1935. Um dia ela será devidamente registrada. Até onde sabemos agora, se tivesse sido executado, teria falhado. É disso que José Antonio é acusado: de embarcar em uma aventura fadada ao fracasso. Mas seria realmente assim? E se falhasse, não seria suficiente para comover e despertar o povo espanhol, evitando os males que viriam depois? Não se pode prejulgar, nem é aconselhável adivinhar sobre um acontecimento passado... que nunca aconteceu. O importante é esclarecer que ter planejado não diminui a grandeza política do nosso primeiro líder.

Os dias mais difíceis estão se aproximando. Os últimos discursos de 1935, os de 1936, antes do triunfo da esquerda, estão cheios de previsões angustiantes e certeiras. José Antonio mediu suas forças, e as forças relacionadas, e as contrárias. Ele sabe muito sobre estratégia política e muito sobre revoluções. E ele sabe que só há uma solução para os nossos males. Em maio de 1936, da prisão, ele escreveu a segunda de suas cartas aos militares, convocando à rebelião. Enquanto isso, os principais políticos espanhóis estão flertando solenemente, procurando e esperando por soluções legais...

Prisão e morte frustraram um grande político; Ao aceitá-los, José Antonio coroou sua figura humana heróica, mas privou a Espanha de um cérebro e um braço de primeira grandeza. Sua última obra, seu testamento, é um documento pessoal comovente, uma manifestação, em última análise, mais comovente, de sua sublime grandeza.

O livro teria uma segunda parte, destinada a avaliar o perfil político do protagonista. Conhecidos o enredo, os motivos e as consequências, suas ações ganharão o devido volume, e o adjetivo justo, a medida certa, poderá ser alcançado. A um julgamento sem erro, mas apaixonado, com a paixão que a nobre grandeza humana desperta.

Como epílogo, a expressão do amor que a Falange tinha por ele. Aquele amor que se acendeu na melhor juventude espanhola, desesperada e sem orientação nos dias mais difíceis, refugiando-se ansiosamente no belo mito da ausência. Por meio desse amor tão estranhamente despertado, e que se apoderou, talvez com maior força, daqueles que lhe demonstraram hostilidade ou indiferença, é que se pode medir sua dimensão espiritual. Já faz muitos anos que a Espanha não testemunha um amor tão belo e tão cheio de promessas.

Aqui estão, em alguma ordem, partes de sua obra escrita. Ao escolher aqui e ali, tentamos dar coesão e apresentar um pensamento completo, ou pelo menos o mais completo possível. A antologia tem, entre outras deficiências, a de não ter revisado todos os seus discursos, mas apenas aqueles que puderam ser reunidos até o momento. Talvez alguns escritos de outro gênero também tenham sido esquecidos.

* * *

De suas declarações e ideias, todas aquelas que não tinham valor permanente foram rejeitadas. Todo pensamento circunstancial foi eliminado da antologia, que foi dividida em três partes. Na primeira, são expostos os fundamentos espirituais do pensamento e do sistema, ou seja, o que em sua obra pode ser interpretado como resposta ou atitude diante dos problemas fundamentais do Homem, da Pátria, da Cultura ou da História. No segundo, suas ideias políticas gerais e, no terceiro, seus pensamentos sobre a Espanha contemporânea, bem como suas ideias políticas especificamente nacional-sindicalistas.

O colecionador desta Antologia quer que sua obra seja interpretada como uma manifestação do amor que ele, membro de uma geração com dez anos de destaque político, professa por José Antonio, nosso primeiro Líder Nacional.

Ferrol del Caudillo, agosto de 1939
Ano da Vitória.

Parte Um

Esta primeira parte reúne aqueles pensamentos que podem ser considerados fundamentais, por fazerem parte de uma concepção de mundo. Não se deve esperar encontrar neles profundidade metafísica, originalidade filosófica ou sistema. O político, assim como o poeta, tira sua concepção do mundo. da cultura na qual estão imersos; mas não é lícito exigir que eles mesmos o produzam ou criem. Seria tirar as coisas do contexto e, infelizmente, confundir ocupações e tarefas.

Ver-se-á, já se viu, e muito se disse sobre a posição rigorosamente antimoderna de JOSÉ ANTONIO: se a cultura moderna — isto é, a de antes da guerra europeia — gira em torno de uma frase de Pascal "o coração tem razões que a razão não entende" e de uma frase de Goethe "o princípio era a Ação", JOSÉ ANTONIO, proclamando a supremacia da inteligência, do verbo do Logos — e proclamando sua via intelectual do amor — parece claramente oposto ao princípio faustiano da Ação e à obscuridade pascaliana das razões sentimentais.

As noções de Homem, História, Pátria, Nação e Estado, assim como as de Política, Revolução e Comando, nada mais são do que o desenvolvimento consistente e orgânico daquela posição inicial que professa e mantém a supremacia da Inteligência.

I - AS BASES INTELECTUAIS

1 - Junto com esse marco em nossa trajetória, somos obrigados, diante da História, a ter um rigor de precisão e posicionamento.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

2 - O bem e a verdade são categorias permanentes da razão, e para saber se estamos certos não basta perguntar ao rei — cuja vontade, para os partidários da soberania absoluta, foi sempre justa — nem basta perguntar ao povo — cuja vontade, para os rousseaunianos, é sempre correta, mas é preciso ver a cada momento se nossas ações e nossos pensamentos estão de acordo com uma aspiração permanente.

Parlamento. "Concepto de Estado". 19-12-1933.

3 - ...entusiasmo e amor podem ser alcançados através da inteligência.

Parlamento. "Romanticismo, revolución, violencia". 03-07-1934.

4.- O coração tem suas razões, que a razão desconhece. Mas a inteligência também tem sua maneira própria de amar, pois o coração talvez não saiba.

"Ensayo sobre el nacionalismo". Revista JONS, no 16.04-1934.

5.- O jogo impassível das regras é sempre mais seguro que a nossa apreciação pessoal, assim como a balança pesa mais rigorosamente que a nossa mão. "Derecho y política". Conferencia de inauguración de curso del SEU. 11-11-1935.

II - O CONCEITO DE HOMEM

(A)

6 - Nosotros consideramos al individuo como unidad fundamental, porque éste es el sentido de España, que siempre ha considerado al hombre como portador de valores eternos.

"España y la barbarie". Conferencia en el teatro Calderón, de Valladolid. 03-03-1935.

7.- ...a liberdade do homem só é respeitada quando ele é considerado, como nós, portador de valores eternos; quando é considerado o revestimento corporal de uma alma que é capaz de ser condenada e salva. Somente quando o homem é considerado como tal podemos dizer que sua liberdade é verdadeiramente respeitada...

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

8.- O indivíduo é, em relação à pessoa, o que o povo é em relação à sociedade política.

"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, n.º 16.04-1934.

9.- Ninguém é "um" exceto quando outros podem existir. Não é a nossa armadura física interna que nos torna pessoas, mas a existência de outros dos quais ser pessoas nos diferencia.

"Euskadi livre?" FE, nº 1.07-12-1933.

10.- A verdadeira unidade jurídica é a pessoa, isto é, o indivíduo, considerado, não na sua qualidade vital, mas como portador ativo ou passivo das relações sociais que o Direito regula; como capaz de exigir, de ser compelido, de atacar e de transgredir.
"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, n.º 16.04-1934.

11.- Ninguém é uma pessoa senão na medida em que é outro; isto é: um em face dos outros, possível credor ou devedor em relação aos outros, titular de posições que não são as dos outros. A personalidade, portanto, não é determinada de dentro, por ser um agregado de células, mas de fora, por ser portadora de relacionamentos.
"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, n.º 16.04-1934.

12.- Ninguém jamais nasceu filiado a um partido político; Em vez disso, todos nos tornamos membros de uma família; somos todos vizinhos de um Município; todos nós nos esforçamos para fazer um trabalho.
Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

13.- A dignidade humana só é alcançada quando se serve. Só é grande aquele que está disposto a preencher um lugar na realização de um grande empreendimento. Este ponto essencial, a grandeza do objetivo ao qual você aspira, é o que você não quer considerar.
"Carta a Juan Ignacio Luca de Tena" (2ª carta). Jornal ABC. 23-03-1933.

14.- O "señoritismo" é a degeneração do "señor", do "hidalgo" que escreveu, e até muito recentemente, as melhores páginas da nossa história. O senhor era tal senhor porque era capaz de "renunciar", isto é, abrir mão de privilégios, confortos e prazeres em homenagem a uma alta ideia de "serviço". A nobreza obriga, pensaram os nobres, os senhores; isto é, a nobreza "exige". Quanto mais alguém é, mais ele deve ser capaz de deixar de ser. E assim, dos padrões de nobreza surgiram a maioria dos nomes que foram adornados no sacrifício. "Seniorismo". FE, n.º 4. 25-01-1

(B)

15.- Pense no que o homem europeu foi reduzido pela obra do capitalismo. Ele não tem mais casa, não tem mais bens, não tem mais individualidade, não tem mais habilidades artesanais, agora ele é apenas um mero conjunto de aglomerações.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

16. A característica da tragédia espanhola e da tragédia europeia... (É esta): O homem foi desintegrado, foi desenraizado, tornou-se... Um número nas listas eleitorais e um número na fila nos portões das fábricas; Este homem desintegrado clama para que seus pés sejam colocados novamente no chão, para que ele se harmonize com um destino coletivo, com um destino comum, simplesmente — chamando as coisas pelo nome — com o destino do país.
"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

(C)

17 - O homem da cidade mal vê. Ele está sempre escondido atrás de sua posição, atrás de seu terno. Na cidade você vê o comerciante, o eletricista, o advogado, etc. No campo você sempre vê o homem.

18 - Nós que viemos da Cidade sempre nos sentimos um pouco inferiores a eles (os do campo), que dificilmente nos encontram entre nossas roupas.

(D)

19.- Quando o mundo enlouquece, não há conserto com patches técnicos; precisa de uma ordem totalmente nova. E essa ordem deve começar novamente a partir do indivíduo.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

III - LIBERDADE HUMANA

20.- Em contraste com o desdenhoso "Liberdade para quê?" de Lenin, começamos afirmando a liberdade do indivíduo, reconhecendo o indivíduo. Nós, acusados de defender um panteísmo de Estado, começamos aceitando a realidade do indivíduo livre, portador de valores eternos.
"Estado, indivíduo e liberdade".

Conferência sobre curso de treinamento FE e JONS. 28-03-1935.

21.- O homem deve ser livre, mas a liberdade não existe senão dentro de uma ordem.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

IV - PROPRIEDADE E TRABALHO COMO ATRIBUTOS ELEMENTARES

22.- A propriedade é a projeção direta do homem sobre suas coisas: é um atributo humano elementar. O capitalismo vem substituindo essa propriedade do homem pela propriedade do capital, o instrumento técnico de dominação econômica.

Discurso sobre la Revolución Española. Cine Madrid, de Madrid, 19-05-1935.

23 - O trabalho é uma função humana, assim como a propriedade é um atributo humano. O que é isso de harmonizar capital e trabalho?

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

V - O CONCEITO DE VIDA

24.- Religião e exército são as únicas duas maneiras completas e sérias de entender a vida.

Discurso de encerramento do II Conselho Nacional. Cinema Madrid, Madri, 17-11-1935.

25.- Toda a existência humana – individual ou de pessoas – é uma luta trágica entre o espontâneo e o difícil.

"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, nº 16. 04-1934.

26.- As posições espirituais conquistadas desta forma, na luta heróica contra o espontâneo, são aquelas que mais tarde se tornam mais profundamente enraizadas em nossa autenticidade.

"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, nº 16. 04-1934.

27.- Tal é, entre outras, a doce recompensa que se ganha com o esforço de melhorar; Se os prazeres elementares se perdem, no fim do caminho há outros tão caros e tão intensos que invadem até o reino dos antigos afetos, extirpados quando se inicia a tarefa de superá-los.

"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, nº 16. 04-1934.

VI - POVO

28.- ...um povo é... uma integridade de destino, esforço, sacrifício e luta, que deve ser visto como um todo e que avança na história como um todo e deve ser servido como um todo.

Parlamento. "Conceito de Estado". 19-12-1933

VII - HISTÓRIA

29. A vida de todos os povos é uma luta trágica entre o espontâneo. e o histórico. Os povos primitivos sabiam perceber as características da terra quase vegetalmente. Quando as pessoas superam esse estado primitivo, elas sabem que o que as define não são suas características terrenas, mas sim a missão que as diferencia universalmente dos demais povos. Quando chega o período de declínio desse senso de missão universal, o separatismo começa a florescer novamente, as pessoas começam a retornar ao seu solo, à sua terra, à sua música, à sua língua, e mais uma vez essa gloriosa integridade que foi a Espanha em seus grandes tempos é posta em perigo.

Discurso proclamando a Falange Espanhola dos JONS.

Teatro Calderon, Valladolid. 04-03-1934.

30.- Todo o sentido da história e da política, como eu disse no encontro de Comédia, é como uma lei de amor; Devemos ter uma compreensão do amor que, sem a necessidade de um programa escrito, com artigos e parágrafos numerados, nos diga, a cada momento, quando devemos abraçar e quando devemos lutar.
A Falange antes das eleições de 1936.

Discurso no Cinema Europa, Madri. 02-02-1936

31.- Que estamos testemunhando o fim de uma era é algo que quase ninguém, exceto por razões de interesse próprio, ousa negar. Foi um tempo, este que agora está morrendo, curto e brilhante; Seu nascimento pode ser rastreado até a terceira década do século XVIII; seu motor interno talvez seja expresso em uma palavra: otimismo. O século XIX – desenvolvido sob a sombra de Smith e Rousseau – acreditava, na verdade, que deixar as coisas por si mesmas produziria os melhores resultados, tanto econômica quanto politicamente.

"Tradição e revolução."

Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

32.- Nosso tempo não tem trégua. Foi-nos atribuído um destino de guerra, no qual devemos deixar nossa pele e entranhas sem hesitação. Por lealdade ao nosso destino, vamos de um lugar para outro suportando o rubor das exibições; tendo que gritar aquilo em que trabalhamos na mais silenciosa austeridade; sofrendo a deformidade daqueles que não nos entendem e daqueles que não querem nos entender; desmoronando naquela absurda simulação costumeira de conquista da "opinião pública", como se o povo, que é capaz de amar e sentir raiva, pudesse ser coletivamente sujeito de opinião.

"Homenagem e reprovação a Dom José Ortega y Gasset." Haz, No. 12. 05-12-1935.

33.- Todos os jovens, conscientes de sua responsabilidade, se esforçam para reajustar o mundo. Eles lutam pela ação e, mais importante, pelo pensamento, mas sem vigilância constante a ação é pura barbárie. Nós, os espanhóis, cuja juventude veio a se abrir nas perplexidades do pós-guerra, dificilmente poderíamos escapar dessa preocupação universal.

"Tradição e revolução."

Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

34.- Nós, os jovens, que somos movidos por impulsos espirituais, livres do egoísmo grosseiro dos velhos chefes; Aspiramos a uma Espanha grande e justa, ordeira e religiosa.

"Juventude ao ar livre." Acima, nº 18. 07-11-1935.

35.- O que os jovens estão esperando agora ao ar livre? Eles perderão toda a esperança? Eles recuarão para torres de marfim? Será que eles vão esperar para confiar novamente nas vozes partidárias, que mais uma vez os seduzirão para desencantá-los?

"Juventude ao ar livre." Arriba, nº 18. 07-11-1935.

VIII - PÁTRIA, PATRIOTISMO

(A)

36.- A pátria é aquilo que, no mundo, configura um empreendimento coletivo. Sem empresa não há país; Sem a presença da fé em um destino comum, tudo se dissolve em regiões nativas, em sabores e cores locais.

"Pátria. A gaita de foles e a lira." FE, No. 2. 11/01/1934.

37.- A Pátria é uma unidade total, na qual estão integrados todos os indivíduos e todas as classes; O país não pode estar nas mãos da classe mais forte ou do partido mais bem organizado. A Pátria é uma síntese transcendente, uma síntese indivisível, com seus próprios propósitos a cumprir.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

38.- Sonho de unidade e tarefa comum, contra o particularismo estreito e o retrocesso das fragmentações suicidas.

"Argumentando sobre a Catalunha" (sic).

39.- A Pátria é o único destino coletivo possível. Se reduzirmos isso a algo menor, à casa, à pátria, então ficamos com uma relação quase física; Se o estendermos ao Universo, nos perderemos em uma imprecisão inacessível. A Pátria é, precisamente, o que configura, numa base física, uma diferenciação no universal; A Pátria é, precisamente, o que une e diferencia o destino de todos os povos no universal; É, como sempre dizemos, uma unidade de destino no universal.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

(B)

40.- Queremos que a pátria seja entendida como uma realidade harmoniosa e indivisível, superior às lutas dos indivíduos, das classes, dos partidos e das diferenças naturais.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16/01/1936.

41.- Uma pátria precisa, leve, empreendedora, livre de zarzuelas chafarrinones e de muitas imundícies costumeiras. Não uma pátria para ser louvada em grandes efusões, mas para ser entendida e sentida como executora de um grande destino.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16/01/1936.

42.- A Pátria, que não é meramente o território onde vários partidos rivais, todos ávidos pelo Poder, se destroem – mesmo que apenas com as armas do insulto. Nem o campo indiferente em que se desenrola a eterna luta entre a burguesia, que tenta explorar o proletariado, e o proletariado, que tenta tiranizar a burguesia. Mas sim a unidade íntima de todos a serviço de uma missão histórica, de um destino comum supremo, que atribui a cada um sua tarefa, seus direitos e seus sacrifícios.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

43.- ...A Espanha é mais do que uma forma constitucional; ... A Espanha é mais do que uma circunstância histórica; ... A Espanha nunca poderá ser algo que se oponha ao conjunto das suas terras e a cada uma dessas terras.

Parlamento. "Sobre a Catalunha". 04-01-1934.

44.- Espanha, não como vã invocação de coisas falsas e exageradas, mas como expressão plena de um conteúdo espiritual e humano: a pátria, o pão e a justiça.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16-01-1936

45.- A Espanha, desde que existe, é e será sempre uma tarefa; ... A Espanha se justifica por uma missão a cumprir; ...A Espanha não pode ser entregue a períodos intermináveis de lazer, dispersão e falta de explicação vital.

Parlamento. "Em 6 de outubro, o estado de guerra e a Falange." 25-01-1935.

(D)

46.- A Espanha se justifica por uma vocação imperial para unir línguas, unir raças, unir povos e unir costumes em um destino universal.

Parlamento. "Espanha e Catalunha". 11-30-1934.

(E)

47.- A Espanha é "irrevogável". Os espanhóis poderão decidir sobre questões secundárias; Mas eles não têm nada a decidir sobre a própria essência da Espanha. A Espanha não é "nossa" como objeto patrimonial: nossa geração não é dona absoluta da Espanha: ela a recebeu do esforço de gerações e gerações anteriores e deve entregá-la, como depósito sagrado, àqueles que a sucederem. Se aproveitássemos este momento do nosso tempo para dividir a Espanha em pedaços, nossa geração cometeria a fraude mais abusiva e a traição mais traiçoeira que se possa imaginar em relação à próxima geração.

"A Espanha é irrevogável." FE, No. 15. 19-07-1934.

48.- Se o patriotismo fosse ternura emocional, não seria o melhor dos amores humanos. Os homens cederiam em patriotismo às plantas, que os superam em seu apego à terra. A primeira coisa que vem à mente não pode ser chamada de patriotismo. É impregnação elementar no telúrico. Para que a melhor qualidade vença, tem que ser o que está no outro extremo, o mais difícil; a mais refinada das barganhas terrenas; os contornos mais nítidos e limpos; o mais invariável. Ou seja, ela tem que firmar seus pilares, não no sensível, mas no intelectual.

"Pátria. A gaita de foles e a lira." FE, No. 2. 11/01/1934.

49.- ...não há patriotismo fecundo se ele não vier pelo caminho da crítica. E eu lhe digo que nosso patriotismo também veio por meio de críticas. Não nos comovemos, nem um pouco, com esse patriotismo zarzuela que se vangloria da mediocridade, da mesquinharia do presente da Espanha e das interpretações grosseiras do passado. Nós amamos a Espanha porque não gostamos dela. Aqueles que amam seu país porque gostam dele, amam-no com desejo de contato, amam-no fisicamente, sensualmente. Nós a amamos com um desejo de perfeição. Não amamos esta ruína, esta decadência da nossa atual Espanha física. Amamos a metafísica eterna e inabalável da Espanha.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

50.- ...esse tipo de patriotismo é mais difícil de sentir; mas sua grandeza está em sua dificuldade. Toda a existência humana – seja individual ou de pessoas – é uma luta trágica entre o espontâneo e o difícil. Pela mesma razão que o patriotismo da terra natal é sentido sem esforço, e até com uma sensualidade venenosa, é um belo empreendimento humano desvencilhar-se dele e superá-lo no patriotismo da missão inteligente e árdua. Tal será a tarefa de um novo nacionalismo: substituir a fraca tentativa de combater os movimentos românticos com armas românticas, pela firmeza de erguer redutos clássicos firmes e inexpugnáveis contra os transbordamentos românticos. Coloque os apoios do patriotismo não no emocional, mas no intelectual. Fazer do patriotismo não um sentimento vago, que qualquer capricho murcha, mas uma verdade tão inabalável quanto as verdades matemáticas. Contudo, o patriotismo não permanecerá um produto intelectual árido.

"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, nº 16. 04-1934.

IX - TEORIA DA NAÇÃO

51.- A nação não é uma realidade geográfica, étnica ou linguística; É simplesmente uma unidade histórica. Um agregado de homens num pedaço de terra só é uma nação se for uma nação em termos de universalidade, se cumprir o seu próprio destino na História; um destino que não é o dos outros. São sempre os "outros" que nos dizem que somos "um".
Na convivência dos homens eu sou aquele que não é nenhum dos outros. Na coexistência universal, cada nação é o que as outras não são. É por isso que as nações são determinadas de fora; Eles são conhecidos pelos contornos nos quais cumprem seu próprio destino, diferente e universal.

"Euskadi livre?" FE, No. 1. 07-12-1933.

52.- ... Entendemos que uma nação não é meramente a atração da terra onde nascemos, não é essa emoção direta e sentimental que todos sentimos na proximidade de nossa pátria, mas sim que uma nação é uma unidade no universal, é o grau em que um povo se eleva quando cumpre um destino universal na História.

Parlamento. "Sobre a Catalunha". 04-01-1934

53.- As nações não são "contratos" que podem ser rescindidos pela vontade de quem os concede: são "fundações" com substância própria, não dependentes da vontade de poucos ou de muitos.
"A Espanha é irrevogável." FE, No. 15. 19-07-1934.

54.- Para nos entendermos, é conveniente utilizar a palavra nação, que significa precisamente isso: a sociedade política capaz de encontrar no Estado sua máquina operante. E com isso se define o tema deste trabalho: esclarecer o que é a nação: se ela é a realidade espontânea de um povo, como pensam os nacionalistas românticos, ou se é algo que não é determinado pelas características nativas.
"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, nº 16. 04-1934.

55.- A tese romântica visava à "desqualificação"; Ou seja, a supressão de tudo o que foi acrescentado pelo esforço (Lei e História) às entidades primárias, indivíduos e pessoas. A Lei havia transformado o "indivíduo" em "pessoa"; A história transformou o povo em uma "polis", em um regime de Estado. O indivíduo é, em relação à pessoa, o que o povo é em relação à sociedade política. Para a tese romântica, era urgente retornar ao primário, ao espontâneo, em ambos os casos.
"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, No. 16. 04-1934

56.- O romantismo é uma atitude fraca que coloca precisamente todos os pilares fundamentais em terreno pantanoso; O Romantismo é uma escola sem linhas constantes, que confia cada minuto, cada momento, à sensibilidade a resolução daqueles problemas que só podem ser confiados à razão.
Parlamento. "Romantismo, revolução, violência." 03-07-1934.

57.- O Romantismo gostava da naturalidade. O retorno à Natureza era seu lema. Com isso, a nação passou a se identificar como nativa. O que determinava uma nação eram suas características étnicas, linguísticas, tipográficas e climáticas. Em última análise, a comunidade de usos, costumes e tradições; Mas a tradição é tomada como pouco mais que a memória dos mesmos usos repetidos, não como uma referência a um processo histórico que foi como um ponto de partida em direção a um ponto de chegada talvez inatingível.
Os nacionalismos mais perigosos, por serem tão divisivos, são aqueles que entenderam a nação dessa maneira. Se for aceito que a nação é determinada pela espontaneidade, os nacionalismos particularistas ganham uma posição inexpugnável. Não há dúvida de que a espontaneidade prova que eles estão certos. É tão fácil sentir patriotismo local. Assim, as cidades são rapidamente incendiadas pelo frenesi alegre de suas canções, de suas festas, de suas terras. Há em tudo isso um chamado sensual, que pode ser percebido até no aroma do solo: uma corrente física, primitiva e deslumbrante, algo semelhante à embriaguez e à plenitude das plantas no momento da fecundação.

Os nacionalismos românticos devem sua extrema vítrea a essa condição rústica e primária. Nada irrita mais os homens e os povos do que ver obstáculos no caminho de seus movimentos elementares.

Quando um desses sentimentos primários, profundos na espontaneidade de um povo, é ofendido, uma reação elementar contra ele é inevitável, mesmo por parte daqueles menos conquistados pelo espírito nacionalista. É quase um fenômeno biológico. Mas a atitude daqueles que tentaram despertar diretamente, em oposição ao sentimento patriótico local, o mero sentimento patriótico unitário, não é muito mais aguda. Sentimento por sentimento, o mais simples pode em qualquer caso fazer mais. Descer com patriotismo unitário ao reino emocional é estar disposto a perder, porque a atração da terra, perceptível por uma sensibilidade quase vegetal, é mais intensa quanto mais próxima ela está. Como, então, podemos reviver o patriotismo de grandes unidades heterogêneas? Nada menos do que rever o conceito de "nação" para construí-lo sobre outros fundamentos. E aqui podemos usar isso como uma diretriz para o que foi dito sobre a diferença entre "indivíduo" e "pessoa". Assim como a pessoa é o indivíduo considerado em termos de sociedade, a nação é o povo considerado em termos de universalidade. Um povo não é uma nação por qualquer tipo de justificativa física, cores ou sabores locais, mas porque é outro no universal; isto é: por ter um destino que não é o de outras nações. Assim, nem todo povo nem todo grupo de pessoas é uma nação, mas somente aqueles que cumprem um destino histórico diferenciado no universal.

É, portanto, supérfluo esclarecer se os requisitos de unidade de geografia, raça ou língua são atendidos em uma nação; O importante é esclarecer se existe, no universal, a unidade do destino histórico.

Os tempos clássicos viam isso com sua clareza habitual. É por isso que eles nunca usaram as palavras "pátria" e "nação" no sentido romântico, nem ancoraram o patriotismo no amor obscuro pela terra. Em vez disso, eles preferiam expressões como "Império" ou "serviço ao rei"; isto é, expressões que fazem alusão ao "instrumento histórico". A palavra "Espanha", que é em si uma declaração de uma empresa, sempre terá muito mais significado do que a frase "nação espanhola". E na Inglaterra, que é talvez o país do patriotismo mais clássico, não só existe a palavra "pátria", como muito poucos são capazes de separar a palavra "rei", símbolo da unidade que opera na História, da palavra "país", referência ao suporte territorial da própria unidade.

Chegamos ao fim da estrada. Somente o nacionalismo da nação, entendido dessa maneira, pode superar o efeito desintegrador dos nacionalismos locais. Devemos reconhecer tudo o que é autêntico neles; Mas é preciso levantar contra eles um movimento enérgico, aspirante ao nacionalismo missionário, que conceba a Pátria como unidade histórica de destino.

"Ensaio sobre nacionalismo". Revista JONS, nº 16. 04-1934.

X - O ESTADO

58.- Queremos que o Estado seja sempre um instrumento a serviço de um destino histórico, a serviço de uma missão histórica de unidade: achamos que o Estado se comporta bem se acredita nesse destino histórico total, se considera o povo como uma integridade de aspirações, e é por isso que não somos a favor nem da ditadura de esquerda nem da de direita, nem mesmo da de direita e da de esquerda, porque entendemos que um povo é isso: uma integridade de destino, de esforço, de sacrifício e de luta, que deve ser visto como um todo e que avança na História como um todo e deve servir a si mesmo como um todo.

Parlamento. "Conceito de Estado". 19-12-1933.

59.- Consideramos que o Estado não justifica a sua conduta em cada momento, como não o justifica um indivíduo, nem uma classe, exceto na medida em que se conforma a cada momento a uma norma permanente.

Parlamento. "Conceito de Estado". 19-12-1933.

60.- O que é um Estado forte? Um Estado pode ser forte quando serve a um grande destino, quando se sente executor do grande destino de um povo. Caso contrário, o Estado é tirânico.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 09-04-1935

61.- ...somente o Estado que serve a uma unidade de destino pode ser forte sem ser tirânico. É assim que o Estado forte, servidor da consciência da unidade, é a verdadeira garantia da liberdade do indivíduo. Por outro lado, o Estado que não se sente servidor de uma unidade suprema teme constantemente ser visto como tirânico.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

62.- ... a deificação do Estado é exatamente o oposto do que desejamos.

Parlamento. "Conceito de Estado". 19-12-1933.

63.- ...é falso o ponto de vista que coloca o indivíduo em oposição ao Estado, e que concebe a soberania de ambos como antagônica. Esse conceito de "soberania" custou muito sangue ao mundo e continuará custando. Porque essa soberania é o princípio que legitima qualquer ação simplesmente por causa de quem ela pertence. Naturalmente, o direito do soberano de fazer o que quiser será oposto ao direito do indivíduo de fazer o que quiser. A disputa é, portanto, insolúvel.

"Estado, indivíduo e liberdade".

Conferência sobre curso de treinamento FE e JONS. 28-03-1935.

64.- O Estado está entrincheirado na sua soberania: o indivíduo, na sua; Ambos lutam pelo direito de fazer o que quiserem. A disputa não tem solução. Mas há uma maneira justa e proveitosa de sair dessa disputa se ela for abordada em bases diferentes. Esse antagonismo destrutivo desaparece assim que o problema do indivíduo versus o Estado é concebido não como uma competição de poderes e direitos, mas como o cumprimento de destinos. A Pátria é uma unidade de destino no universal, e o indivíduo, portador de uma missão peculiar na harmonia do Estado. Não há espaço para disputas de qualquer tipo; O Estado não pode ser traidor de sua tarefa, nem o indivíduo pode deixar de colaborar com os seus na perfeita ordem da vida de sua nação.
A ideia de "destino" justificando a existência de uma construção (Estado ou sistema) preencheu o período mais alto que a Europa já viveu. século XIII, século de São Tomás. E nasceu na mente dos frades. Os frades confrontavam o poder dos reis e negavam-lhes esse poder enquanto não fosse justificado pelo cumprimento de um grande objetivo.
Uma vez aceita essa definição do ser – portador de uma missão, uma unidade que cumpre um destino –, a nobre, grande e robusta concepção de "serviço" floresce. Se ninguém existe exceto como executor de uma tarefa, cada um alcança sua própria personalidade, unidade e liberdade "servindo" em total harmonia... Ninguém se sente duplo, disperso, contraditório entre o que é realidade e o que representa na vida pública. O indivíduo intervém, portanto, no Estado como cumpridor de uma função, e não através de partidos políticos; não como representante de uma falsa soberania, mas porque tem um emprego, uma família ou pertence a um município. Se assim for, ao mesmo tempo que um trabalhador esforçado, um guardião do poder...
...O Estado, síntese de tantas atividades frutíferas, zela pelo seu destino universal. E como o chefe é aquele a quem é confiada a tarefa mais elevada, ele é quem mais serve. Coordenador dos múltiplos destinos individuais, diretor do curso da grande nave da Pátria, ele é o primeiro servidor; É como alguém que encarna a mais alta magistratura da terra, "servo dos servos de Deus".
"Estado, indivíduo e liberdade".
Conferência sobre curso de treinamento FE e JONS. 28-03-1935.

XI - A POLÍTICA

(A)

65.- Se uma política não é exigente em sua abordagem – isto é, intelectualmente rigorosa – ela provavelmente se reduz a um pesado esvoaçar na superfície da mediocridade.

"Homenagem e reprovação a Dom José Ortega y Gasset." Haz, No. 12. 05-12-1935.

(B)

66.- A política é, antes de tudo, temporária. A política é um jogo de tempo em que não é permitido adiar nenhum movimento. Na política existe a obrigação de chegar, e chegar na hora certa.

"Homenagem e reprovação a Dom José Ortega y Gasset." Haz, No. 12. 05-12-1935.

67.- ...Nenhum regime pode sustentar-se se não conseguir recrutar à sua volta a geração jovem em que nasce, e para recrutar uma geração jovem é preciso encontrar as palavras certas, é preciso encontrar a fórmula certa para a expressão conceptual.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

68.- Quando se chega a uma posição política por este caminho um tanto dramático que tive que seguir, este caminho onde tive que sofrer muitas coisas na parte mais viva da minha intimidade, não se sai para o mundo exterior, não se abandona a sua tranquilidade, a sua vocação, os seus meios normais de vida, a possibilidade de cultivar o espírito, a possibilidade de viver fora do ruído, nesse silêncio de onde só se tiram as obras fecundas; Ele não se afasta de tudo isso, eu digo, para se dar o prazer de levantar o braço ali. ... Isso acontece porque a nossa geração, que talvez tenha trinta ou quarenta anos de vida pela frente, não se resigna a continuar vivendo mais uma vez naquela camada plana entre a falta de interesse histórico e a falta de justiça social.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

69.- Você tem que acreditar em alguma coisa. Quando foi que algo foi alcançado com uma atitude liberal? Francamente, só conheço exemplos frutíferos de políticos religiosos, em um sentido ou outro. Quando um Estado se deixa vencer pela convicção de que nada é bom ou mau, e que lhe cabe apenas uma missão policial, esse Estado perece ao primeiro sopro de fé ardente nas eleições municipais.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

70.- Toda grande política se baseia no nascimento de uma grande fé. Diante do mundo exterior – das pessoas, da história – a função do político é religiosa e poética. Os fios de comunicação entre o maestro e seu povo não são mais puramente mentais, mas poéticos e religiosos. Precisamente, para que um povo não se dissolva na amorfidade – para que não se desintegre – as massas têm que seguir seus líderes como profetas. Esse relacionamento das massas com seus líderes é alcançado por um processo semelhante ao do amor.
Daí a imponente gravidade do momento em que uma missão de capitania é aceita. Ao simplesmente assumi-lo, assume-se o enorme e inevitável compromisso de revelar a um povo – incapaz de encontrá-lo por si mesmo como massa – seu verdadeiro destino. Aquele que atinge a primeira nota na música misteriosa de cada época não pode mais evitar terminar a melodia. Ele já carrega consigo as esperanças de um povo e o tremendo fardo de como administrá-las. Qual deve ser sua responsabilidade se, como no poema de Browning, ele arrasta uma multidão de crianças atrás do cano para enterrá-las sob a montanha da qual não há retorno!

"Homenagem e reprovação a Dom José Ortega y Gasset." Haz, No. 12. 05-12-1935.

71.- A chama de uma nova fé foi acesa na Europa e já arde na Espanha. De uma fé que vê, na terra e nas questões civis, esta como a primeira verdade: um povo é uma entidade total, indivisível, viva, com seu próprio destino a cumprir no universal. O bem-estar de cada membro da comunidade não é um interesse individual, mas um interesse coletivo, que a comunidade deve assumir como seu até o âmago, de forma decisiva. Nenhum interesse particular é alheio ao interesse da comunidade. E, consequentemente, não é lícito a ninguém minar os fundamentos da comunidade em nome de interesse privado, capricho intelectual ou orgulho.

"Nova luz na Espanha".

Artigo inédito destinado ao Patria Sindicalista, Zaragoza. Maio de 1934.

72.- Esta é a tarefa do nosso tempo: restituir aos homens os antigos sabores da lei e do pão. Faça-os ver que a norma é melhor que a libertinagem; que mesmo para abandonar a contenção, é preciso ter certeza de que é possível retornar a uma posição fixa. E, por outro lado, economicamente, recolocar os pés do homem no chão, ligá-lo de modo mais profundo às suas coisas: à casa em que vive e ao trabalho diário das suas mãos.
"Tradição e revolução."
Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

73.- O homem é o sistema; E esta é uma das profundas verdades humanas que o fascismo trouxe de volta à tona. Todo o século XIX foi gasto na criação de máquinas para um bom governo. É igualmente válido propor encontrar a máquina para pensar ou amar. Nada tão autêntico, eterno e difícil como governar jamais foi possível de ser feito por uma máquina; sempre teve que recorrer, no último minuto, àquele que, desde o princípio do mundo, é o único aparelho capaz de dirigir os homens: o homem. Ou seja, o chefe. O herói.
"Em uma tarde de outubro." Prólogo de "Fascismo" de B. Mussolini. Outubro de 1933.

74.- Que aparelho de governo, que sistema de pesos e balanças, conselhos e assembleias pode substituir essa imagem do Herói feito Pai, que vela pelos esforços e pelo descanso do seu povo por meio de uma pequena luz perpétua?
"Em uma tarde de outubro." Prólogo de "Fascismo" de B. Mussolini. Outubro de 1933.

75.- ...este chefe voltará a encarnar o sistema por muitos anos. Mas ele – Duce, líder – seguirá a fé do seu povo na comunicação de homem para homem, naquela forma de comunicação elementar, humana e eterna que deixou sua marca em todos os caminhos da História.
"Em uma tarde de outubro." Prólogo de "Fascismo" de B. Mussolini. Outubro de 1933.

XII - TEORIA DA REVOLUÇÃO

(A)

76.- ...uma sociedade que sabe que precisa se reformar é aquela que tem noção de sua própria injustiça; e uma sociedade que se considera injusta não é capaz de se defender vigorosamente.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

(B)

77.- Ninguém arrisca a vida por um bem material. Os bens materiais, quando comparados entre si, sempre têm precedência sobre o bem maior da vida. Quando alguém arrisca uma vida confortável, quando alguém arrisca vantagens econômicas, sente-se tomado por um fervor místico por uma religião, por um país, por uma honra ou por um novo senso da sociedade em que vive.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

78.- As rebeliões são sempre o resultado de pelo menos dois ingredientes: o primeiro ingrediente, difuso, é uma inexplicação interna, uma falta de razão interna no regime vigente, no estado social, no estado político vigente. Isso tem que ser verdade para que uma rebelião tenha uma chance de sucesso; Simplificando, para que alguns se lancem numa tentativa de rebelião, deve haver um certo descontentamento, uma falta de razão vital para a existência no regime contra o qual a rebelião eclode. Isso é inquestionável; Rebeliões nunca eclodiram, exceto contra regimes que estavam começando a expirar. Por outro lado, é necessário que exista uma minoria enérgica que, aproveitando, captando esse estado de desânimo, essa falta de razão interna de subsistência no estado político que pretende atacar, lance um ataque com mais ou menos sucesso.

Parlamento. "Em 6 de outubro, o estado de guerra e a Falange." 25-01-1935

(C)

79.- Essa vontade de jogar tudo ao vento, custe o que custar, é uma atitude característica de tempos cansados e degenerados; Colocar tudo em movimento é mais fácil do que juntar pontas soltas, amarrá-las, separar o útil do obsoleto... A preguiça não é a musa de muitas revoluções?
"Tradição e revolução."
Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

(D)

80.- ...todo fato histórico, todo regime histórico que se impõe por um ato de violência pode ser considerado de duas maneiras, e é isso que eu acredito que se perdeu um pouco de vista durante todo esse debate que temos assistido: cada período histórico pode ser considerado ou como uma coleção de anedotas, de dados locais, de dados individuais, ou como um fenômeno total, do ponto de vista total, em relação ao destino que esse fato histórico atribuiu a si mesmo quando aconteceu.
Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."
06-06-1934.

81.- Uma revolução é sempre, em princípio, uma coisa anticlássica. Toda revolução, por mais justa que seja, quebra muitas unidades harmoniosas ao longo do caminho. Mas uma revolução que foi lançada tem apenas dois resultados: ou ela afoga tudo ou é canalizada. O que não pode ser feito é evitá-lo; fingir ignorá-lo.
"Vitória sem asas." FE, No. 1. 07-12-1933 (censurado). Acima, nº 23. 12-12-1935.

(F)

82.- A revolução é necessária quando, ao final de um processo de decadência, o povo já perdeu, ou está prestes a perder, toda a forma histórica.
"Azaña. A revolução, ocasião para um César." Acima, nº 17. 31-10-1935.

83.- Uma revolução – para ser frutífera e não se dispersar em perturbações efêmeras – exige uma consciência clara de uma nova norma e uma vontade resoluta de aplicá-la.
“Sobre a revolução.” Do, No. 9. 10-12-1935.

84.- A revolução é necessária, não precisamente quando o povo é corrupto, mas quando suas instituições, suas ideias, seus gostos se tornaram estéreis ou estão perto de se tornarem. Neste momento ocorre a degeneração histórica. Não a morte por catástrofe, mas sim estar atolado em uma existência sem graça ou esperança. Todas as atitudes coletivas nascem fracas, como produto de casais reprodutivos quase exaustos. A vida comunitária se torna nivelada, enfadonha e afundada no mau gosto e na mediocridade. Não há remédio para isso, exceto um corte e um novo começo. Os sulcos precisam de novas sementes, sementes históricas, porque a semente velha já esgotou sua fertilidade.
Mas quem será o semeador? Quem escolherá a nova semente e o momento de lançá-la na terra? Essa é a parte difícil.
“Sobre a revolução.” Do, No. 9. 10-12-1935.

85.- Ninguém que pense alguns minutos pode esconder-lhe esta verdade: ao final de um período histórico estéril, quando um povo, por culpa própria ou alheia, deixou enferrujar todas as grandes fontes, como realizará sozinho a imensa tarefa de regenerar-se?
... Um povo submerso é incapaz de perceber e aplicar a norma; É nisso que consiste seu desastre. Ter as ferramentas necessárias para realizar uma revolução frutífera é um sinal inequívoco de que uma revolução não é necessária. E, ao contrário, precisar da revolução é não ter a clareza e o ímpeto necessários para amá-la e realizá-la. Em uma palavra, as pessoas não podem salvar-se em massa, porque o fato de estarem aptas a realizar a salvação é prova de que alguém está salvo.
“Sobre a revolução.” Do, No. 9. 10-12-1935.

86.- A massa de um povo que precisa de uma revolução não pode fazer a revolução.
“Sobre a revolução.” Do, No. 9. 10-12-1935.

87.- Os homens nunca se comoveram senão com os poetas, e ai daqueles que não sabem levantar, diante da poesia que destrói, a poesia que promete!

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

(G)

88.- Quem se propõe a fazer uma revolução está comprometido a completá--la; O que você nunca pode fazer é esconder isso.

Parlamento. "Em 6 de outubro, o estado de guerra e a Falange." 34. 25-01-1935.

89.- ...infelizes aqueles que não alcançam a torrente bruta da revolução – hoje mais ou menos difundida – e canalizam todo o seu ímpeto para o bem.

"Vitória sem asas." FE, No. 1. 07-12-1933 (censurado). Acima, nº 23. 12-12-1935.

90.- ...a única maneira de salvar a revolução é encontrar o que as massas logo chamarão de traidor. As massas, em sua ingênua insolvência, sempre consideram o que seus líderes fazem como morno: elas sempre consideram você traído. É inútil tentar evitar essa desaprovação das massas cedendo cada vez mais aos seus clamores. Somente homens de uma espécie foram salvos do castigo imposto pelas massas àqueles que elas acreditavam ser traidores: aqueles que, sem se preocupar em ser fiéis aos truques da revolução, souberam adivinhar seu significado profundo e desvendá-lo por caminhos insuspeitados pelas massas. Paradoxalmente, esses traidores das massas são os únicos servidores leais e eficazes do destino do povo.

"Azaña. A revolução, ocasião para um César." Acima, nº 17. 31-10-1935.

91.- Os líderes de um movimento revolucionário têm a obrigação de suportar até mesmo a acusação de serem traidores. As massas sempre acreditam que estão sendo traídas. Não há nada mais inútil do que tentar bajular alguém para evitar acusações.

"Sobre a revolução." Do, No. 9. 10-12-1935.

92.- Nenhuma revolução produz resultados estáveis se não iluminar seu César. Só ele é capaz de adivinhar o curso histórico enterrado sob o clamor efêmero das massas. As massas podem não entender ou apreciar isso; mas somente ele a serve.

"Azaña. A revolução, ocasião para um César." Acima, nº 17. 31-10-1935.

93.- A revolução é tarefa de uma minoria determinada e destemida. De uma minoria cujos primeiros passos não serão compreendidos pelas massas, porque a luz interior foi o bem mais caro que perderam, vítimas de um período de decadência.
“Sobre a revolução.” Do, No. 9. 10-12-1935.

(H)

94.- Nenhum ato revolucionário se justifica, nem jamais foi justificado, pela ordem jurídica anterior. Todo sistema político que existe no mundo, sem exceção, nasceu em conflito aberto com a ordem política que governava. em seu advento; Porque uma das coisas que não estão incluídas nos poderes das ordens políticas é o poder de fazer testamento.
Parlamento. “Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola.”
06-06-1934.

95.- ...um regime revolucionário é sempre justificado pelo seu histórico de serviço, e este histórico de serviço, considerado como história, não como uma anedota; Esse histórico de serviços, considerado justamente por uma comparação entre o que o regime revolucionário propôs ao romper com o sistema anterior e o que deixou para trás ao final de seu ciclo.
Parlamento. “Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola.”
06-06-1934.

XIII - COMANDO

96.- A liderança é o fardo supremo, aquele que exige todos os sacrifícios, até a perda da privacidade, aquele que exige adivinhações diárias sobre coisas não sujeitas a diretrizes, com a responsabilidade angustiante de agir.
É por isso que a liderança deve ser entendida com humildade, como uma posição de serviço e, aconteça o que acontecer, não se pode abandoná-la nem por impaciência, nem por desânimo, nem por covardia.

Discurso na cerimônia de fundação da SEU. Valladolid. 21-01-1935.

97.- O líder não deve obedecer ao povo, ele deve servi-lo, o que é uma coisa diferente; Servi-lo é ordenar o exercício do comando para o bem do povo, buscando o bem do povo governado, ainda que o próprio povo não saiba qual é o seu bem; Ou seja, sentir-se em sintonia com o destino histórico popular, mesmo que não concorde com o que as massas desejam.

"Sobre a revolução." Do, No. 9. 10-12-1935.

98.- Ser um líder, triunfar e dizer às massas no dia seguinte: "Vocês são os responsáveis; eu estou aqui para obedecer a vocês", é evitar covardemente o glorioso fardo do comando.

"Sobre a revolução." Do, No. 9. 10-12-1935.

99.- Os condutores não têm desculpa se desertarem.

"Sobre a revolução." Do, No. 9. 10-12-1935.

100.- Os condutores não têm o direito de ficar decepcionados. Eles não podem render em capitulações a esperança abalada de tantos que os seguiram.

"Homenagem e reprovação a Dom José Ortega y Gasset." Haz, No. 12. 05-12-1935.

Parte dois

Esta segunda parte contém a parte crítica, provavelmente a de maior volume, da obra escrita de JOSÉ ANTONIO.
Não só a política nacional desde a Ditadura, mas também os atuais sistemas econômico-políticos vigentes no mundo, aqueles que contribuíram para a desordem atual ou estão caminhando para uma nova aurora, foram comentados e criticados por ele, sempre buscando golpear frontal e profundamente alguns dos compartimentos estanques da farsa política nacional, buscando sempre, pela "dura via da crítica", a salvação da Pátria, naquelas horas ameaçadoras de naufrágio, quando até os ratos abandonavam o navio naufragado.

I - CRÍTICA DO LIBERALISMO POLÍTICO

(A)

101.- O liberalismo é, por um lado, o regime sem fé: o regime que entrega tudo, mesmo as coisas essenciais do destino nacional, à livre discussão. Para o liberalismo, nada é absolutamente verdadeiro ou falso. A verdade é, em cada caso, o que diz o maior número de votos. Portanto, o liberalismo não se importa se um povo concorda em cometer suicídio, desde que a intenção de cometer suicídio seja processada de acordo com a lei eleitoral. E como para que a lei eleitoral funcione é preciso encorajar a existência de facções e incitar a luta entre elas, o sistema liberal é o sistema da desunião perpétua, da ausência perpétua de uma fé popular na comunhão profunda do destino.

"Nova luz na Espanha".

Artigo inédito destinado ao Patria Sindicalista, Zaragoza. Maio de 1934.

102.- O liberalismo nos divide e nos agita em torno de ideias; O socialismo abre entre nós o abismo, ainda mais feroz, da luta econômica. O que se faz, em ambos os regimes, com a unidade do destino, sem a qual nenhum povo é verdadeiramente um povo?

"Nova luz na Espanha".

Artigo inédito destinado ao Patria Sindicalista, Zaragoza. Maio de 1934.

103.- O Estado não acredita em nada; O Estado não acredita na liberdade, nem acredita na soberania do povo, porque a suspende sempre que necessário. O Estado nem sequer se considera guardião ou cumpridor de um propósito supremo.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

104.- O Estado liberal não acredita em nada, nem mesmo em si mesmo. Ele fica parado em todos os tipos de experimentos, até mesmo aqueles que visam a destruição do próprio Estado. Para ele, basta que tudo ocorra de acordo com certos procedimentos regulatórios. Por exemplo: segundo um critério liberal, pode-se pregar a imoralidade, o antipatriotismo, a rebelião, etc. O Estado não se envolve nisso, porque tem que admitir que os pregadores podem estar certos. Ora, uma coisa que o Estado liberal não permite é que uma reunião seja realizada sem que seja anunciada com tantas horas de antecedência, ou que três cópias de um regulamento sejam deixadas sem carimbo em determinado escritório. Você consegue imaginar algo tão bobo? Um Estado para o qual nada é verdadeiro apenas estabelece essa posição de dúvida como verdade absoluta e indiscutível. Ele transforma o antidogma em dogma. Por isso, os liberais estão dispostos a se deixar matar por sustentarem que nenhuma ideia vale a pena que os homens se matem uns aos outros por ela.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

105.- O liberalismo é a zombaria dos infelizes: ele declara direitos maravilhosos: liberdade de pensamento, liberdade de propaganda, liberdade de trabalho... Mas esses direitos são meros luxos para os favorecidos pela fortuna. Sob um regime liberal, os pobres não serão forçados a trabalhar, mas serão assediados pela fome. O trabalhador isolado, detentor de todos os direitos no papel, tem que escolher entre morrer de fome ou aceitar as condições oferecidas pelo capitalista, por mais duras que sejam. Sob o regime liberal, assistimos ao sarcasmo cruel de homens e mulheres que trabalham até a exaustão, doze horas por dia, por um salário miserável, e que, no entanto, a lei declara serem homens e mulheres "livres".

"Nova luz na Espanha".

Artigo inédito destinado ao Patria Sindicalista, Zaragoza. Maio de 1934.

(B)

106.- Quando, em março de 1762, um homem infame chamado Jean-Jacques Rousseau publicou O Contrato Social, a verdade política deixou de ser uma entidade permanente. Antes, em outros tempos mais profundos, os Estados, executores de missões históricas, tinham a justiça e a verdade inscritas na testa, e até nas estrelas. Jean-Jacques Rousseau veio nos dizer que a justiça e a verdade não eram categorias permanentes da razão, mas sim, a cada momento, decisões da vontade.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

107.- O filósofo genebrino é um homem doentio, delicado, refinado; Ele é um filósofo que, como Spengler diz que acontece com todos os românticos — e ele foi o precursor direto do romantismo — está cansado de sentir que vive em uma sociedade muito saudável, muito viril, muito robusta. Ele fica angustiado com a tristeza desta sociedade já estabelecida e sente a necessidade de partir, de retornar à Natureza, de se libertar da disciplina, da harmonia e das normas.
Essa angústia da natureza é como a nota constante em todos os seus escritos: o retorno à liberdade. O mais famoso de seus livros, o livro que influenciará todo o século XIX e que terminará quase em nossos dias, não começa exatamente como você leu em muitos lugares, mas quase começa com uma frase que é um suspiro. Diz: "O homem nasce livre e em toda parte ele é encontrado acorrentado." Este filósofo – como todos sabem – chama-se Jean-Jacques Rousseau; o livro se chamava "O Contrato Social". O "contrato social" busca negar a justificação daquelas autoridades que foram tradicionalmente recebidas por uma designação supostamente divina ou por uma designação baseada na tradição. Ele quer negar a justificação desses poderes e quer começar a reconstruir sua nostalgia pela liberdade. Ele diz: O homem é livre; O homem, por natureza, é livre e não pode de modo algum renunciar a ser livre; Não pode haver outro sistema além daquele que ele aceita por sua livre vontade; A liberdade nunca pode ser renunciada, porque equivale a renunciar à qualidade humana; Além disso, se a liberdade fosse renunciada, um pacto nulo seria concluído por falta de compensação;

Não se pode ser outra coisa senão livre e irrevogavelmente livre; Consequentemente, nenhuma forma de Estado pode surgir contra a livre vontade daqueles que compõem uma sociedade; Deve ter sido o contrato original das sociedades políticas; Este contrato, a concordância destas vontades, engendra uma vontade superior, uma vontade que não é a soma das outras, mas é consistente em si mesma; É um "eu" diferente, superior e independente das personalidades que o formaram com sua assistência. Ora, esta vontade soberana, esta vontade já desvinculada das outras vontades, é a única que pode legislar; Este é o que está sempre certo; Esta é a única que pode ser imposta aos homens sem que os homens tenham razão contra ela, porque se eles se voltassem contra ela, eles se voltariam contra si mesmos; Essa vontade soberana não pode estar errada nem desejar o mal aos seus súditos.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

108.- Jean-Jacques Rousseau assumiu que todos nós que vivemos numa cidade temos uma alma superior, de uma hierarquia diferente de cada uma de nossas almas, e que esse eu superior é dotado de uma vontade infalível, capaz de definir a cada momento o que é justo e injusto, o bem e o mal. E como essa vontade coletiva, essa vontade soberana, só se exprime por meio do sufrágio — a conjectura da maioria que triunfa sobre a da minoria na adivinhação da vontade superior —, descobriu-se que o sufrágio, essa farsa de cédulas colocadas numa urna de vidro, tinha a virtude de nos dizer a cada momento se Deus existia ou não, se a verdade era a verdade ou não era a verdade, se a Pátria deveria permanecer ou se seria melhor que ela se suicidasse em determinado momento.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

109. A Revolução encontra os princípios rousseaunianos já elaborados e os aceita. Na Constituição de 1789, na de 1791, na de 93, na do terceiro ano, na do oitavo ano, o princípio da soberania nacional é formulado, quase nas mesmas palavras usadas por Rousseau: "O princípio de toda soberania reside, essencialmente, na nação. "Nenhuma corporação, nenhum indivíduo, pode exercer autoridade que não emane expressamente dela." Não pense que o sufrágio universal é sempre introduzido ao mesmo tempo em que este é declarado. Somente em uma das Constituições revolucionárias francesas, a de 1793, que nunca foi aplicada, esse sufrágio é estabelecido; nas outras, não; nas outras, o sufrágio é restringido, e mesmo na do oitavo ano ele desaparece; mas o princípio é sempre formulado: "Toda soberania reside, essencialmente, na nação."

Entretanto, há algo nas Constituições revolucionárias que não estava no "Contrato Social", que é a declaração dos direitos do homem. Já vos disse que Rousseau não admitia que o indivíduo reservasse nada diante dessa vontade soberana, desse "eu" soberano, constituído pela vontade nacional. Rousseau não admitiu isso; as Constituições revolucionárias, sim. Mas era Rousseau quem estava certo. Com o tempo, o poder das Assembleias se tornaria tal que a personalidade do homem realmente desapareceria, e seria ilusório reivindicar contra esse poder qualquer tipo de direito que o indivíduo tivesse reservado para si.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

110.- Sendo o Estado liberal servidor desta doutrina, veio a constituir-se não só como executor resoluto do destino nacional, mas como espectador das lutas eleitorais. Para o Estado liberal, a única coisa que importava era que um certo número de cavalheiros estivesse sentado nas mesas de votação; que as eleições começariam às oito e terminariam às quatro; que as urnas não fossem quebradas... quando ser quebradas é o destino mais nobre de todas as urnas. Depois, respeitar calmamente tudo o que saísse das urnas, como se isso não lhe importasse em nada. Ou seja, os governantes liberais nem sequer acreditavam na sua própria missão; Eles não acreditavam que eles próprios estivessem ali cumprindo um dever respeitável, mas que qualquer um que pensasse o contrário e pretendesse atacar o Estado, por meios justos ou injustos, tinha tanto direito de dizer isso e tentar fazê-lo quanto os guardiões do próprio Estado tinham de defendê-lo.
Daí surgiu o sistema democrático, que é, antes de tudo, o sistema mais ruinoso de desperdício de energia. Um homem dotado para a elevada função de governar, que é talvez a mais nobre das funções humanas, tinha que dedicar oitenta, noventa ou noventa e cinco por cento de sua energia a substanciar afirmações formuladas, a fazer propaganda eleitoral, a cochilar nas cadeiras do Congresso, a bajular os eleitores, a suportar suas impertinências, porque era dos eleitores que ele receberia poder; suportar a humilhação e o assédio daqueles que, precisamente pela função quase divina de governar, eram chamados a obedecer-lhe; E se, depois de tudo isso, lhe restassem algumas horas de madrugada, ou alguns minutos roubados de um descanso inquieto, era nesse excedente mínimo que o homem dotado para governar podia pensar seriamente nas funções substantivas do Governo.

Depois veio a perda da unidade espiritual do povo, porque como o sistema funcionava na obtenção de maiorias, qualquer um que aspirasse vencer o sistema tinha que garantir a maioria dos votos. E ele tinha que obtê-los roubando-os, se necessário, de outras partes, e para isso ele não tinha que hesitar em caluniá-los, em despejar os piores insultos sobre eles, em mentir deliberadamente, em não desperdiçar uma única fonte de mentiras e desonestidade. E assim, sendo a fraternidade um dos postulados que o Estado liberal nos mostrou em seu frontispício, nunca houve uma situação na vida coletiva em que homens injuriados, inimigos uns dos outros, se sentissem menos irmãos do que na vida turbulenta e desagradável do Estado liberal.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

111. O liberalismo (pode ser chamado assim porque as Constituições revolucionárias não aspiravam a nada mais do que levantar uma barreira contra a tirania), o liberalismo tem sua grande era, aquela em que estabelece todos os homens como iguais perante a lei, uma conquista da qual não pode haver retorno. Mas uma vez que essa conquista foi alcançada e sua grande era passou, o liberalismo começou a se ver sem nada para fazer e estava ocupado se destruindo. Naturalmente, o que Rousseau chamou de vontade soberana acaba sendo reduzido à vontade da maioria. Segundo Rousseau, era a maioria - teoricamente, para expressar uma conjectura da vontade soberana; mas na prática, pelo triunfo sobre a minoria dissidente — que prevaleceria sobre todos os outros; Alcançar essa maioria significava que os partidos tinham que lutar para obter mais votos que os outros; que eles tiveram que fazer propaganda uns contra os outros, depois de se fragmentarem. Ou seja, sob a tese da soberania nacional, que se supõe indivisível, é justamente quando as opiniões mais se dividem, pois à medida que cada grupo aspira ter sua vontade identificada com a suposta vontade soberana, os grupos têm cada vez mais que se qualificar, se perfilar, lutar entre si, se destruir e tentar vencer nas disputas eleitorais. Acontece assim que, na decomposição do sistema liberal (e naturalmente essa transição, esse desfile, resumido em poucos minutos, é um processo de muitos anos), nessa decomposição do sistema liberal, os partidos vão se fragmentando de tal forma que já nos últimos suspiros do regime, em algum lugar da Europa, como na Alemanha alguns dias antes de Hitler, havia nada menos que trinta e dois partidos.

E, claro, além dessa pulverização de partidos; melhor, quando sairmos dessa pulverização dos partidos, porque de vez em quando algumas minorias se unem. Ocorre então o fenômeno de que a maioria, metade mais um ou metade mais três dos deputados, sente-se investida de plena soberania nacional para explorar e subjugar, não só os demais deputados. mas para o resto dos espanhóis, sente que tem uma faculdade ilimitada de autojustificação, isto é, acredita que está dotado do poder de fazer bem tudo o que lhe ocorre, e não considera mais nenhum tipo de estima pessoal, nem legal nem humana, para o resto dos mortais.
Jean-Jacques Rousseau previu algo assim e disse: "Muito bem; mas como a vontade soberana é indivisível e, além disso, não pode ser enganada, se por acaso um homem se sentir em conflito com a vontade soberana, esse homem é quem está enganado e, então, quando a vontade soberana o obriga a se submeter a ela, ela não faz nada além de forçá-lo a ser livre." Considere o sofisma e considere se, por exemplo, quando nós, os deputados da República, representantes inegáveis da soberania nacional, sobrecarregamos vocês com impostos ou inventamos alguma outra lei incômoda para atormentá-los, ocorreu a vocês que, nesse ato de sobrecarregá-los com impostos, ou de atormentá-los um pouco mais, estávamos realizando o trabalho benéfico de torná-los um pouco mais livres, quer vocês quisessem ou não.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

II - CRÍTICA DO LIBERALISMO ECONÔMICO

(A)

112.- A propriedade, tal como a concebemos até agora, está a chegar ao fim; Eles vão acabar com isso, por meios justos ou injustos, com as massas que estão, em grande medida, certas e que, além disso, têm força.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

113.- O capital... é um instrumento econômico que tem que servir a economia total e não pode ser... o instrumento de vantagem e privilégio de alguns que tiveram a sorte de chegar lá primeiro. "Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

114.- A propriedade não é capital: o capital é um instrumento econômico e, como instrumento, deve ser colocado a serviço da totalidade econômica, não do bem-estar pessoal de ninguém. Os reservatórios de capital devem ser como reservatórios de água; Elas não foram construídas para que algumas pessoas organizassem corridas na superfície, mas para regular o curso dos rios e mover turbinas em cachoeiras.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

(B)

115.- Por outro lado, temos o economista escocês. O economista escocês é outro tipo de homem; Ele é um homem exato, formal, de gosto simples, um tanto voltairiano, bastante distraído e um tanto melancólico. Este economista, antes de se tornar economista, explicou Lógica na Universidade de Glasgow e depois Filosofia Moral. Então a filosofia moral era composta de várias coisas bem diferentes: Teologia Natural, Ética, Jurisprudência e Política. Ele chegou a escrever, em 1759, um livro intitulado "Teoria dos Sentimentos Morais"; Mas, na realidade, não foi este livro que lhe abriu as portas da imortalidade; O livro que lhe abriu as portas da imortalidade se chama "Investigações sobre a Riqueza das Nações". O economista escocês, como todos vocês já devem ter adivinhado, chamava-se Adam Smith.
Bem, para Adam Smith o mundo econômico era uma comunidade natural criada pela divisão do trabalho. Essa divisão do trabalho não era um fenômeno consciente, desejado por aqueles que tinham compartilhado a tarefa; Foi um fenômeno inconsciente, um fenômeno espontâneo. Os homens estavam dividindo o trabalho sem chegar a um acordo; Ninguém, ao fazer esta divisão, foi guiado pelo interesse dos outros, mas pela sua própria utilidade; o que cada um é, buscando a sua própria utilidade, veio a harmonizar-se com a utilidade dos outros, e assim, nesta sociedade espontânea e livre, apresentam-se: primeiro, o trabalho, que é a única fonte de toda a riqueza; Então, a troca, ou seja, a troca das coisas que nós produzimos pelas coisas que os outros produzem; Então, a moeda, que é uma mercadoria que todos tinham certeza que os outros aceitariam; Por fim, o capital, que é a economia com o que não tivemos que gastar, a economia com produtos para que possamos usá-los para dar vitalidade a novas empresas.

Adam Smith acredita que o capital é a condição indispensável para a indústria: o capital condiciona a indústria – estas são as suas palavras. Mas tudo isso acontece espontaneamente, como eu lhe digo; Ninguém concordou que funcionasse assim e, no entanto, funciona assim, tem que funcionar assim; Além disso, Adam Smith considera que deveria ser assim, e está tão seguro, tão feliz com essa demonstração que está encadeando, que, diante do Estado, o soberano – ele também o chama de soberano –, ele diz: "O melhor que você pode fazer é não se meter em nada, deixar as coisas como estão. Essas coisas na economia são muito delicadas; não toque nelas, porque se você não tocar nelas, elas se farão sozinhas e irão bem."
"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."
Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

116. - Assim como Rousseau descobriu que a Revolução Francesa logo adotou seus princípios, Smith teve a sorte, raramente alcançada por qualquer escritor, de que a Inglaterra logo depois estabeleceu completa liberdade econômica. Ele abriu mão do livre jogo da oferta e da demanda, o que, segundo Adam Smith, simplesmente produziria equilíbrio econômico sem pressão de ninguém. E, de fato, o liberalismo econômico também viveu sua era heroica, uma era heroica magnífica. Nunca devemos ser cruéis com os caídos, nem com os caídos físicos, com os homens que, por serem homens, mesmo que fossem nossos inimigos, merecem todo o respeito que acompanha a dignidade e a qualidade humanas, nem com os caídos ideológicos. O liberalismo econômico teve uma grande era, uma era magnífica de esplendor; Foi seu ímpeto e iniciativa que levaram à expansão de uma enorme riqueza até então não explorada; a chegada, mesmo às classes mais baixas, de grandes confortos e descobertas; A competição e a abundância inegavelmente aumentaram as chances de vida de muitos. Agora, o liberalismo econômico iria morrer porque, como seu filho, esse tremendo fenômeno iria ocorrer muito em breve, talvez o fenômeno mais tremendo do nosso tempo, que é chamado de capitalismo (e a partir deste momento parece-me que não estamos mais contando histórias antigas).
Gostaria, de agora em diante, que nos entendêssemos sobre as palavras. Quando falamos de capitalismo, não estamos nos referindo à propriedade privada; Essas duas coisas não são apenas diferentes, mas quase poderíamos dizer que são opostas. Um dos efeitos do capitalismo foi a aniquilação quase completa da propriedade privada em suas formas tradicionais. Isso está claro o suficiente para todos, mas não seria descabido dizer algumas palavras de esclarecimento adicional. O capitalismo é a transformação, mais ou menos rápida, do que é o elo direto entre o homem e suas coisas em um instrumento técnico para exercer a dominação. A propriedade antiga, a propriedade do artesão, a propriedade do pequeno produtor, do pequeno comerciante, é como uma projeção do indivíduo sobre suas coisas. Enquanto ele for o dono, ele pode ter essas coisas, usá-las, aproveitá-las, trocá-las, se quiser;

O conceito de propriedade está presente no direito romano há séculos, quase com estas mesmas palavras: Mas à medida que o capitalismo se torna mais sofisticado e complicado, note que a relação entre o homem e suas coisas se torna mais distante e uma série de instrumentos técnicos de dominação são introduzidos; e o que era essa projeção direta, humana, elementar, da relação entre um homem e suas coisas, se complica; Começam a ser introduzidos signos que envolvem a representação de uma relação de propriedade, mas signos que cada vez mais substituem a presença viva do homem, e quando o capitalismo atinge suas últimas perfeições, o verdadeiro dono da antiga propriedade não é mais um homem, não é mais um grupo de homens, mas uma abstração representada por pedaços de papel: é o que acontece no que se chama de sociedade anônima. A corporação é a verdadeira proprietária de um conjunto de direitos e se tornou tão desumanizada e agora é tão indiferente ao proprietário humano desses direitos que a troca de acionistas não altera a organização legal ou o funcionamento de toda a sociedade de forma alguma. Pois bem, esse grande capital, esse capital técnico, esse capital que atinge dimensões enormes, não só não tem nada a ver, como eu dizia, com a propriedade no sentido elementar e humano, como é seu inimigo. Por isso, muitas vezes, quando vejo como, por exemplo, patrões e trabalhadores, em lutas ferozes, chegam a matar-se uns aos outros nas ruas, a ponto de caírem vítimas de atentados onde se expressa uma crueldade sem solução possível, penso que eles não sabem que são certamente protagonistas de uma luta econômica, mas de uma luta econômica na qual, mais ou menos, estão ambos do mesmo lado; que o poder do capitalismo, a técnica do capitalismo financeiro, está no lado oposto, contra os patrões e contra os trabalhadores. E se não, diga-me, você que tem muito mais experiência do que eu nessas questões: sempre que você teve que ir às grandes instituições de crédito para pedir ajuda financeira, você sabe muito bem quais juros elas cobram, 7 e 8 por cento, e sabe não menos que o dinheiro que lhe é emprestado não pertence à instituição que o empresta, mas sim a quem o confiou, recebendo juros de 1,5 ou 2 por cento, e essa enorme diferença que lhe é cobrada por passar o dinheiro de mão em mão pesa tanto sobre você quanto sobre seus trabalhadores, que podem estar esperando atrás de uma esquina para matá-lo. Bem, esse capital financeiro é o que tem caminhado para o fracasso nas últimas décadas, e está falhando de duas maneiras: primeiro, do ponto de vista social (quase deveríamos esperar isso); Então, do ponto de vista técnico do próprio capitalismo, e demonstraremos isso em breve.

Do ponto de vista social, acontece que, sem querer, vou concordar em mais de um ponto com a crítica feita por Karl Marx. Como agora, na verdade, desde que todos nós entramos na política, temos que falar sobre isso constantemente; Como todos nós tivemos que nos declarar marxistas ou antimarxistas, Karl Marx é apresentado por alguns – certamente não por nenhum de vocês – como uma espécie de tecelão de sociedades utópicas. Vimos até mesmo impresso "Os Sonhos Utópicos de Karl Marx". Vocês sabem muito bem que se houve alguém no mundo que não era um sonhador, esse alguém foi Karl Marx: implacável, ele apenas se colocou diante da realidade viva de uma organização econômica, a organização econômica inglesa das manufaturas de Manchester, e deduziu que dentro dessa estrutura econômica havia constantes operando que acabariam por destruí-la. Foi o que Karl Marx disse em um livro formidavelmente grosso; tanto que ele não conseguiu terminá-lo em vida; Mas por mais densa que seja a verdade, esta é a verdade; um livro de dialética muito precisa e de humor extraordinário; Um livro, como eu disse, de pura crítica, em que, depois de profetizar que a sociedade construída sobre esse sistema acabaria sendo destruída, ele nem se preocupou em dizer quando ela seria destruída ou de que forma a destruição ocorreria. Ele simplesmente disse: dadas tais e tais premissas, deduzo que isso vai acabar mal; e depois disso ele morreu, antes mesmo de ter publicado o segundo e terceiro volumes de sua obra; e foi para o outro mundo (não ouso dizer inferno, porque seria um julgamento precipitado) completamente alheio à suspeita de que um dia apareceria algum antimarxista espanhol que se encaixaria na linha dos poetas. Este Karl Marx já previu o fracasso social do capitalismo, que agora estou discutindo com vocês. Ele viu que pelo menos essas coisas iriam acontecer: primeiro, a aglomeração do capital. Tem que ser produzido por uma grande indústria. A pequena indústria mal funcionava com mais de dois ingredientes: mão de obra e matéria-prima. Em tempos de crise, quando o mercado estava encolhendo, essas duas coisas eram fáceis de reduzir: menos matéria-prima era comprada, a mão de obra era reduzida e a produção ficava mais ou menos equilibrada com as demandas do mercado; Mas então vem a grande indústria, e a grande indústria, além daquele elemento que o próprio Marx chamará de capital variável, emprega uma parte enorme de suas reservas em capital constante; uma parte enorme que excede em muito o valor das matérias-primas e da mão de obra; Reúne grandes instalações de máquinas, que não podem ser reduzidas em um instante.

Então, para que a produção compense essa aglomeração de capital morto, de capital irredutível, a grande indústria não tem outra escolha senão produzir a uma taxa enorme, como ela faz; e como ao aumentar a quantidade acaba produzindo mais barato, invade o território das pequenas produções, destrói-as uma após a outra e acaba absorvendo-as. Essa lei da aglomeração do capital foi prevista por Marx, e embora alguns afirmem que ela não se concretizou, estamos vendo que sim, porque a Europa e o mundo estão cheios de trustes, grandes sindicatos de produção e outras coisas que vocês conhecem melhor do que eu, como essas magníficas lojas de preço único, que podem se dar ao luxo de vender a preços de dumping, sabendo que você não pode resistir à concorrência por alguns meses e que eles, por outro lado, compensando um estabelecimento com outro, uma filial com outra, podem esperar de braços cruzados nossa aniquilação total.

Segundo fenômeno social que ocorre: a proletarização. Artesãos que são deslocados de seus ofícios, artesãos que eram donos de seus instrumentos de produção e que, naturalmente, têm que vender seus instrumentos de produção porque eles não lhes servem mais; Os pequenos produtores, os pequenos comerciantes, estão sendo economicamente aniquilados por esse avanço enorme, imenso, imparável do grande capital e acabam sendo incorporados ao proletariado, proletarizam-se. Marx descreve isso com extraordinário sotaque dramático quando diz que esses homens, depois de venderem seus produtos, depois de venderem o instrumento com o qual fabricam seus produtos, depois de venderem suas casas, não têm mais nada para vender, e então percebem que eles próprios podem ser uma mercadoria, que seu próprio trabalho pode ser uma mercadoria, e se lançam no mercado para se alugarem como escravos temporários. Bem, esse fenômeno da proletarização de enormes massas e sua aglomeração em cidades ao redor de fábricas é outro sintoma da falência social do capitalismo.

E ainda ocorre outra coisa, que é o desemprego. Nos primeiros dias do uso de máquinas, os trabalhadores relutavam em deixá-las entrar nas oficinas. Parecia-lhes que aquelas máquinas, que podiam fazer o trabalho de vinte, cem ou quatrocentos trabalhadores, iriam substituí-los. Como estávamos na época da fé no "progresso indefinido", os economistas da época sorriam e diziam: "Esses trabalhadores ignorantes não sabem que isso só aumentará a produção, desenvolverá a economia, dará maior impulso aos negócios...; haverá espaço para máquinas e para homens." Mas descobriu-se que tal lugar não existia; que em muitos lugares as máquinas substituíram quase todos os homens em números exorbitantes.

Por exemplo, na produção de garrafas da Checoslováquia – este é um fato que me vem à mente – onde, não em 1880, mas em 1920, eram empregados 8.000 trabalhadores, agora não há mais de 1.000, e ainda assim a produção de garrafas aumentou.

O deslocamento do homem pela máquina não tem sequer a compensação poética que se atribuía à máquina nos primeiros tempos, aquela compensação que consistia em aliviar os homens de uma tarefa formidável. Foi dito: "Não, as máquinas farão o nosso trabalho, as máquinas nos libertarão do nosso trabalho." Não há tal compensação poética, porque o que a máquina fez não foi reduzir a jornada de trabalho dos homens, mas, mantendo a jornada de trabalho a mesma, mais ou menos – já que a redução da jornada de trabalho se deve a causas diferentes – deslocar todos os homens excedentes. Nem teve a compensação de implicar um aumento de salários, porque, evidentemente, os salários dos trabalhadores aumentaram; Mas aqui também temos que dizer tudo como encontramos nas estatísticas e na verdade. Você sabe quanto o valor total dos salários pagos aos trabalhadores aumentou durante o período de prosperidade nos Estados Unidos, durante o melhor período, de 1922 a 1929? Bem, aumentou em 5%. E você sabe, no mesmo período, quanto aumentaram os dividendos recebidos pelo capital? Bem, eles aumentaram em 86%. Diga-me se esta é uma maneira justa de compartilhar as vantagens das máquinas!

Mas era de se esperar que o capitalismo tivesse esse colapso social. O que era menos previsível era que também sofreria uma falência técnica, o que talvez esteja levando sua situação a termos desesperadores.

Por exemplo, crises periódicas têm sido um fenômeno produzido pela indústria em larga escala, e produzidas precisamente pela razão que mencionei anteriormente quando expliquei a aglomeração do capital. Os custos irredutíveis do primeiro estabelecimento são custos mortos que não podem ser reduzidos em nenhuma circunstância quando o mercado declina. A superprodução, aquela produção muito acelerada da qual falei antes, acaba saturando os mercados. Ocorre então subconsumo, e o mercado absorve menos do que as fábricas entregam. Se a estrutura da pequena economia anterior fosse mantida, a produção seria reduzida proporcionalmente à demanda por meio da diminuição da aquisição de matérias-primas e mão de obra; Mas como isso não pode ser feito na grande indústria, porque ela tem esse enorme capital constante, esse enorme capital morto, a grande indústria vai à falência; Ou seja, tecnicamente, a grande indústria lida pior com tempos de crise do que a pequena indústria. Primeira falência por sua antiga arrogância.

Mas então uma das notas mais simpáticas e atraentes do período heróico do capitalismo liberal também falha; Foi aquela arrogância dos seus primeiros dias, quando ele disse: "Não preciso de assistência pública alguma; mais ainda, peço às autoridades públicas que me deixem em paz, que não interfiram nos meus assuntos". O capitalismo, muito em breve, assim que chegaram os tempos de crise, recorreu à ajuda pública; Assim, vimos como as instituições mais fortes buscaram a benevolência do Estado, seja para solicitar proteção tarifária, seja para obter auxílio financeiro. Ou seja, como diz um escritor inimigo do sistema capitalista, o capitalismo, tão desdenhoso e refratário a uma possível socialização de seus lucros, é o primeiro a pedir uma socialização das perdas assim que as coisas vão mal.

Finalmente, outra vantagem do livre comércio, da economia liberal, era que ela estimulava a competição. Foi dito que se todos os produtores competissem no livre mercado, os produtos se tornariam cada vez melhores e a situação de quem os comprasse se tornaria cada vez melhor. Bem, o grande capitalismo eliminou automaticamente a concorrência ao colocar a produção nas mãos de algumas poucas entidades poderosas.

E então vieram todos os resultados que conhecemos: a crise, a paralisia, o fechamento de fábricas, o imenso desfile de proletários sem trabalho, a guerra europeia, o pós-guerra... E o homem que aspirava viver dentro de uma economia e política liberais. Dentro de um princípio liberal, que dava substância e otimismo a uma política e a uma economia, ele se viu reduzido a esta terrível qualidade: antes era um artesão. pequeno produtor, membro de uma corporação talvez dotada de privilégios, residente de um município forte; não é mais nada assim. O homem foi despojado de todos os seus atributos, ele foi deixado quimicamente puro em sua condição de indivíduo; não lhe resta mais nada; tem dia e noite; Ele não tem um pedaço de terra onde pisar nem uma casa que o abrigue; A antiga cidadania completa, humana, inteira e plena foi reduzida a estas duas coisas devastadoras: um número nas listas eleitorais e um número nas filas nos portões das fábricas.

E então olhe para as duas perspectivas para a Europa: por um lado, a proximidade de uma possível guerra; A Europa, desesperada, perturbada, nervosa, pode precipitar-se em outra guerra; Por outro lado, a atração da Rússia, a atração da Ásia, porque não se esqueça do ingrediente asiático dessa coisa chamada comunismo russo, no qual há tanta ou mais influência marxista germânica, tipicamente anarquista, influência asiática. Lênin anunciou, como etapa final do regime que pretendia implementar – anunciou-o num livro publicado pouco antes do triunfo da Revolução Russa – que no final haveria uma sociedade sem Estado e sem classes.

Esta última etapa tinha todas as características do anarquismo de Bakunin e Kropotkin; Mas para chegar a esta etapa final foi necessário passar por outra etapa muito difícil, marxista, a ditadura do proletariado. E Lenin, com extraordinário cinismo irônico, disse: "Esta etapa não será livre nem justa. O Estado tem a missão de oprimir; todos os Estados oprimem; o Estado da classe trabalhadora também saberá ser opressor; o que acontece é que ele oprimirá a classe recentemente expropriada, oprimirá a classe que até agora o oprimia. O Estado não será livre nem justo. E, além disso, não sabemos quando virá a passagem para a última etapa, para essa etapa afortunada do anarquismo comunista." Esta é a hora que ainda não chegou; provavelmente nunca chegará. Para uma sensibilidade europeia, para uma sensibilidade burguesa ou proletária europeia, isso é terrível, desesperadoramente. Lá realmente alcançamos a dissolução numérica, a opressão sob um estado de ferro. Mas o desesperado proletariado europeu, incapaz de explicar sua existência na Europa, vê a Rússia como um mito, como uma possível libertação remota.
"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."
Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

(C)

117.- Observem aonde nos levou a decomposição final do liberalismo político e do liberalismo econômico: colocar enormes massas europeias neste dilema assustador: ou uma nova guerra, que será o suicídio da Europa, ou o comunismo, que será a rendição da Europa à Ásia.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

III - CRÍTICA AO MARXISMO

118.- ...o liberalismo, ao escrever maravilhosas declarações de direitos em papel que quase ninguém lia, entre outras razões porque o povo nem sequer era ensinado a ler; Enquanto o liberalismo escrevia estas declarações, fez-nos testemunhar o espetáculo mais desumano jamais visto: nas melhores cidades da Europa, nas capitais dos Estados com as melhores instituições liberais, os seres humanos, nossos irmãos, amontoavam-se em casas informes, pretas, vermelhas, horríveis, aprisionados entre a miséria e a tuberculose e a anemia das crianças famintas, e recebiam de vez em quando o sarcasmo de lhes dizerem que eram livres e, além disso, soberanos.

Discurso proclamando a Falange Espanhola dos JONS.

Teatro Calderon, Valladolid. 04-03-1934.

119.- Pode haver forma de existência mais feroz do que a do proletário que vive talvez quatro décadas fabricando o mesmo parafuso no mesmo imenso armazém, sem nunca ver o dispositivo completo do qual esse parafuso fará parte e sem estar vinculado à fábrica senão pela frieza desumana da folha de pagamento?

"Tradição e revolução."

Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

120. Uma figura, em parte sombria e em parte atraente, a figura de Karl Marx, previu todo esse espetáculo que estamos testemunhando, a crise do capitalismo. Agora todo mundo está nos perguntando se são marxistas ou antimarxistas. Eu pergunto a vocês, com o rigor do autoexame que estou aplicando às minhas palavras: O que significa ser antimarxista? Você está dizendo que não quer que as previsões de Marx se tornem realidade? Então estamos todos de acordo. Isso significa que Marx estava errado em suas previsões? Então, os que estão errados são aqueles que o culpam por esse erro.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

121.- O socialismo tinha que nascer, e nasceu justamente (não escondemos nenhuma verdade), o socialismo. Os trabalhadores tiveram que se defender desse sistema, que só lhes prometia direitos, mas não se importava em lhes proporcionar uma vida justa.
O socialismo, que era uma reação legítima contra essa escravidão liberal, veio a se desviar, porque deu lugar, primeiro, à interpretação materialista da vida e da história; segundo, num sentido de retaliação; Terceiro, numa proclamação do dogma da luta de classes.
O socialismo, especialmente o socialismo que foi construído, impassível na frieza dos seus gabinetes, pelos apóstolos socialistas, em quem acreditam os pobres trabalhadores, e que Alfonso García Valdecasas já nos revelou tais como eles eram; O socialismo, assim entendido, não vê na História nada mais que um jogo de mecanismos econômicos: o espiritual é suprimido; A religião é o ópio do povo; A pátria é um mito para explorar os infelizes. É o que diz o socialismo. Não há nada além de produção, organização econômica. Então os trabalhadores têm que espremer bem suas almas para que não fique nem a menor gota de espiritualidade dentro deles.

O socialismo não aspira à restauração da justiça social quebrada pelo mau funcionamento dos Estados liberais, mas sim à retaliação; Ela aspira atingir tantos níveis de injustiça quanto os sistemas liberais alcançaram nessa direção. Finalmente, o socialismo proclama o dogma monstruoso da luta de classes; Ela proclama o dogma de que as lutas de classes são indispensáveis e ocorrem naturalmente na vida, porque nunca pode haver nada que as apazigue. E o socialismo, que era uma crítica justa ao liberalismo econômico, trouxe-nos, por outro caminho, a mesma coisa que o liberalismo econômico: desintegração, ódio, separação, esquecimento de todos os laços de fraternidade e solidariedade entre os homens.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

122.- A luta de classes teve um motivo justo, e o socialismo teve, no início, uma razão justa, e não temos motivos para negar isso. O problema é que o socialismo, em vez de seguir seu primeiro caminho de aspiração à justiça social entre os homens, tornou-se uma pura doutrina de frieza congelante e não pensa, em absoluto, na libertação dos trabalhadores. Há trabalhadores por aí orgulhosos de si mesmos, dizendo que são marxistas. Muitas ruas em muitas cidades da Espanha receberam o nome de Karl Marx, mas Karl Marx era um judeu alemão que, de seu escritório, observava com terrível impassibilidade os eventos mais dramáticos de seu tempo. Ele era um judeu alemão que, à frente das fábricas inglesas em Manchester, e enquanto formulava leis implacáveis sobre a acumulação de capital; Enquanto formulava leis implacáveis sobre a produção e os interesses dos empregadores e trabalhadores, ele escreveu cartas ao seu amigo Friedrich Engels dizendo-lhe que os trabalhadores eram uma ralé e uma canalha, que não deveriam ser preocupados, exceto na medida em que servissem para provar suas doutrinas.
O socialismo deixou de ser um movimento de redenção dos homens e se tornou, como eu disse, uma doutrina implacável, e o socialismo, em vez de querer restabelecer a justiça, quis chegar, na injustiça, como represália, onde a injustiça burguesa havia chegado em sua organização. Mas, além disso, ele estabeleceu que a luta de classes nunca cessaria e, além disso, afirmou que a História deve ser interpretada materialisticamente; Ou seja, para explicar a História, só contam os fenômenos econômicos. Assim, quando o marxismo culmina em uma organização como a russa, as crianças ouvem, nas escolas, que a religião é o ópio do povo; que Pátria é uma palavra inventada para oprimir, e que até mesmo o pudor e o amor dos pais pelos filhos são preconceitos burgueses que devem ser banidos a todo custo.

O socialismo se tornou isso. Você acha que se os trabalhadores soubessem disso, eles sentiriam simpatia por algo tão terrível, aterrorizante e desumano como aquilo que aquele judeu chamado Karl Marx concebeu em sua cabeça?

Discurso proclamando a Falange Espanhola dos JONS.

Teatro Calderon, Valladolid. 04-03-1934.

123.- À medida que o socialismo se desumanizou na mente inóspita de Marx, ele se transformou em uma doutrina de luta feroz e gelada. Desde então, não aspira à justiça social: aspira a satisfazer uma antiga dívida de ressentimento, impondo à tirania de ontem – a burguesia – uma ditadura do proletariado.

"Nova luz na Espanha".

Artigo inédito destinado ao Patria Sindicalista, Zaragoza. Maio de 1934

124. As previsões de Marx estão se concretizando mais ou menos rápido, mas implacavelmente. Isso leva à concentração de capital; Isso leva à proletarização das massas e, finalmente, a uma revolução social, que terá um período muito difícil de ditadura comunista. E esta ditadura comunista deve horrorizar-nos, europeus, ocidentais, cristãos, porque esta é verdadeiramente a terrível negação do homem; Esta é de fato a assunção do homem em uma imensa massa amorfa, onde a individualidade se perde, onde a vestimenta corpórea de cada alma individual e eterna se dilui. Note bem que é por isso que somos antimarxistas; Somos antimarxistas porque ficamos horrorizados, como horroriza todo ocidental, todo cristão, todo europeu, seja patrão ou proletário, com essa ideia de ser como um animal inferior num formigueiro. E isso nos horroriza porque sabemos algo sobre isso por meio do capitalismo; O capitalismo também é internacional e materialista. É por isso que não queremos nem um nem outro; É por isso que queremos evitar - porque acreditamos em sua afirmação - o cumprimento das profecias de Karl Marx. Mas nós queremos isso resolutamente; Não queremos que seja como aqueles partidos antimarxistas que estão por aí e acreditam que o cumprimento inexorável de certas leis econômicas e históricas pode ser atenuado dizendo algumas palavras gentis aos trabalhadores e enviando-lhes alguns casacos de tricô para seus filhos.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

125.- Se a revolução socialista não fosse nada mais do que a implementação de uma nova ordem econômica, não teríamos medo. A questão é que a revolução socialista é algo muito mais profundo. É o triunfo de um sentido materialista da vida e da história; É a substituição violenta da Religião pela irreligiosidade; a substituição da Pátria por uma classe fechada e ressentida; o agrupamento dos homens por classe, e não o agrupamento dos homens de todas as classes dentro da Pátria comum a todos eles; É a substituição da liberdade individual pela submissão férrea de um Estado que não apenas regula nosso trabalho, como um formigueiro, mas também regula implacavelmente nosso descanso. Isso é tudo. É a chegada impetuosa de uma ordem que destruirá a civilização ocidental e cristã; É o sinal do encerramento de uma civilização que nós, educados em seus valores essenciais, nos recusamos a considerar obsoleta.
A Falange antes das eleições de 1936.

Discurso no Cinema Europa, Madri. 02-02-1936.

126.- Que ideia meus detratores têm dos bolcheviques? Você acha que o bolchevismo consiste, acima de tudo, em demarcar terras e reassentar nelas um povo faminto e centenário? Bem, eles estão errados. O bolchevismo é, em sua raiz, uma atitude materialista em relação ao mundo. O bolchevismo poderia resignar-se ao fracasso em suas tentativas de coletivização camponesa; Mas ele não desistirá da coisa mais importante: erradicar toda religião do povo, destruir a unidade familiar, materializar a existência. O bolchevismo é alcançado por alguém que parte de uma interpretação puramente econômica da História. O antibolchevismo é, justamente, a posição que vê o mundo sob o signo do espiritual. Essas duas atitudes, que não são chamadas de bolchevismo ou antibolchevismo, sempre existiram. Um bolchevique é qualquer pessoa que aspira obter vantagens materiais para si e para seu povo, não importa o que aconteça. Antibolchevique, aquele que está disposto a se privar de prazeres materiais para defender valores de qualidade espiritual. Os antigos nobres que comprometeram suas vidas e propriedades pela religião, pela pátria e pelo rei foram a negação do bolchevismo. Nós, que hoje, diante de um sistema capitalista rangente, sacrificamos confortos e vantagens para conseguir um reajuste do mundo sem afundar o espiritual, somos a negação do bolchevismo. Talvez por nossos esforços, não tão vilipendiados, consigamos consolidar alguns séculos de vida menos luxuosa para os eleitos, mas que não passarão sob o signo da ferocidade e da blasfêmia. Por outro lado, aqueles que se aterrorizam com o gozo infinito da opulência gratuita, aqueles que consideram a satisfação das suas últimas superfluidades cada vez mais urgente do que o alívio de um povo faminto; Esses intérpretes materialistas do mundo são os verdadeiros bolcheviques. E com um bolchevismo de refinamento assustador: o bolchevismo dos privilegiados.

"Bolchevismo". Jornal ABC. 31-07-35.

IV - O LIBERALISMO ESPANHOL

(A)

127.- Pode-se dizer que o liberalismo fora da Espanha não passou de um luxo intelectual: uma espécie de brincadeira para tempos fáceis. A França, por exemplo, que colocou o liberalismo em circulação mais eficaz, tem o cuidado de deixá-lo de lado assim que as coisas ficam sérias. Na França, não se brinca com a Polícia – de origem napoleônica – nem com a Lei – com guilhotinas e guianas a seu serviço – nem com o país – guarnecido por implacáveis cortes marciais. O liberalismo serve para conversar e tolerar licenças superficiais.

"Uma oportunidade para a Espanha." Liberdade, de Valladolid. 22-10-1934.

(B)

128. De fato, nosso liberalismo político e nosso liberalismo econômico quase foram poupados do trabalho de se decompor, porque quase nunca existiram. Liberalismo político, você sabe o que era. Até muito recentemente, as eleições eram organizadas pelo Ministério do Interior, e muitos espanhóis estavam até satisfeitos que as coisas estivessem acontecendo dessa forma. Um dos espanhóis mais brilhantes, Angel Ganivet, em 1887, disse, mais ou menos: "Felizmente, na Espanha temos uma instituição admirável, que é o encasillado; ela impede que as eleições sejam realizadas, porque no dia em que as eleições forem realizadas, as coisas serão muito sérias. Obviamente, para assumir a vontade das massas, você tem que colocar em circulação ideias muito cruas e acessíveis; porque ideias difíceis não chegam a uma multidão; e como então acontecerá que os homens mais talentosos não desejarão passar por essas ruas apertando a mão do eleitor honesto e dizendo bobagens, aqueles para quem as bobagens vêm naturalmente e peculiarmente acabarão triunfando." E anos depois – creio que em 1893 –, recalcitrante e tenaz em sua posição antidemocrática, chegou a dizer: "Sou um admirador entusiasta do sufrágio universal, com apenas uma condição: que ninguém vote". E acrescentou: "Não pensem que isto é uma brincadeira de mau gosto. Entendo que, em essência, em princípio, todos os homens devem participar do destino de seu país, pois acho que a situação perfeita para um homem é se tornar um homem de família; mas como ambas as coisas são tão difíceis, aconselho aqueles que vejo no caminho do casamento a não fazê-lo; e aqueles que vejo dispostos a votar, aconselho-os a não votar. Felizmente, o povo espanhol não precisa deste conselho, porque eles próprios decidiram não votar."

Esse era, de fato, o nosso liberalismo político. E quando isso deixou de ser assim, quando houve eleições honestas, assistimos ao espetáculo de umas Cortes que, convencida de que a sua vitória a autorizava a fazer o que quisesse, o fez verdadeiramente, a ponto de nos esmagar a nós, os mortais. Mas fora desse vai e vem entre o regime liberal, que não existiu, e as Cortes, que existiram por muito tempo, descobrimos que o Estado espanhol, o Estado constitucional espanhol, tal como o vemos configurado na carta fundamental e nas leis acessórias, não existe; É uma pura piada, é uma pura simulação da existência. O Estado espanhol não existe em nenhuma de suas instituições mais importantes.
"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

(C)

129.- O capitalismo espanhol foi fraco desde o início; Desde o início, começou a ceder aos auxílios estatais e tarifários. Nossa economia era mais empobrecida do que quase qualquer outra; Nosso povo vivia mais miseravelmente do que quase qualquer outro.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

130.- O liberalismo econômico também não precisava fracassar na Espanha, porque o capital espanhol, em geral, nunca conheceu o melhor período do liberalismo econômico, o período heróico do capitalismo em suas origens. Aqui, as grandes empresas, desde o início, recorreram ao Estado em busca de ajuda: não só não o rejeitaram, como recorreram a ele; E muitas vezes – vocês sabem disso muito bem, está na mente de todos – não só imploraram a ajuda do Estado, não só conseguiram aumentos na tarifa protecionista, mas fizeram dessa discussão uma arma de ameaça para obter todas as capitulações do Estado espanhol.
"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

131.- Nossa modesta economia é sobrecarregada pela manutenção de uma massa parasitária insuportável: banqueiros que enriquecem emprestando dinheiro alheio a juros altos; proprietários de grandes propriedades, que sem amor nem esforço, cobram aluguéis enormes para alugá-las; diretores de grandes empresas que são dez vezes mais bem pagos do que aqueles que, por meio de seus próprios esforços, os tornam bem-sucedidos; detentores de ações livres que são frequentemente pagos em perpetuidade por serviços de intriga; usurários, agiotas e garotos de recados. Para que essa espessa camada de ociosos sobreviva, sem acrescentar o menor fruto aos esforços dos outros, empresários, industriais, comerciantes, fazendeiros, pescadores, intelectuais, artesãos e trabalhadores, exaustos por um trabalho sem esperança, têm que sobreviver com seus parcos meios de existência. Assim, o nível de vida de todas as classes produtivas espanholas, a classe média e as classes populares, é desanimadoramente baixo; Para a Espanha, o excesso de produtos próprios é um problema, porque o povo espanhol, esgotado, quase não consome nada.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16-01-1936

(D)

132.- Quantas vezes vocês ouviram homens de direita dizerem: estamos em uma nova era, precisamos caminhar para um Estado forte, precisamos harmonizar o capital com o trabalho, precisamos buscar uma forma corporativa de existência! Garanto que nada disso significa nada, é tudo bobagem. .. Harmonizar capital com trabalho... é como dizer: "Vou harmonizar com esta cadeira."... Quando falamos em harmonizar capital com trabalho, o que estamos tentando fazer é continuar a alimentar uma minoria insignificante de pessoas privilegiadas com o esforço de todos, com o esforço dos trabalhadores e dos empregadores.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

V - SOBRE O ESTADO CORPORATIVO E OUTRAS FORMAS DE ESTADO

(A)

133. - Essa coisa do estado corporativo é outra coisa levada pelo vento. Mussolini, que tem alguma ideia do que é o Estado corporativo, quando instalou as vinte e duas corporações há alguns meses, fez um discurso no qual disse: "Este é apenas um ponto de partida; mas não é um ponto de chegada." A organização empresarial, até o momento, não é nada mais, aproximadamente, em linhas gerais, do que isto: os trabalhadores formam uma grande Federação; Os patrões formam outra grande Federação (os patrões, como são chamados na Itália), e entre essas duas grandes Federações o Estado é criado como uma espécie de peça de ligação. Como solução temporária, tudo bem; Mas observe bem que este é, ampliado, um recurso muito semelhante ao dos nossos Júris Mistos. Este recurso tem mantido até agora a relação de trabalho intacta nos termos em que ela é configurada pela economia capitalista; permanecem a posição de quem fornece trabalho e a posição de quem aluga seu trabalho para viver.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

134.- Mas estados totalitários não existem. Há nações que encontraram ditadores brilhantes, que serviram para substituir o Estado; Mas isso é inimitável e na Espanha, hoje, teremos que esperar que esse gênio surja. Exemplos do que são chamados de estados totalitários são a Alemanha e a Itália, e observe que eles não apenas não são semelhantes, mas são radicalmente opostos entre si; comece em pontos opostos. A Alemanha está enraizada na capacidade do povo de acreditar em seu instinto racial. O povo alemão está em um estado de autodesprezo; A Alemanha vive em uma superdemocracia. Roma, por outro lado, passa pela experiência de possuir um gênio de mentalidade clássica, que quer moldar um povo do alto. O movimento alemão é de tipo romântico; seu curso, o mesmo de sempre; A Reforma e até a Revolução Francesa começaram ali, já que a Declaração dos Direitos do Homem é uma cópia exata das constituições norte-americanas, que nasceram do pensamento protestante alemão.

Nem a social-democracia nem a tentativa de criar, sem um gênio, um estado totalitário seriam suficientes para evitar a catástrofe. Há outro tipo de unguento, do qual somos prolíficos na Espanha: refiro-me às confederações, blocos e alianças. Todos eles partem do pressuposto de que a união de vários anões é capaz de formar um gigante. Precauções devem ser tomadas ao usar este tipo de remédio. E não devemos nos deixar surpreender por sua verborragia. Assim, há movimentos que, como primeiro ponto de seus programas, ostentam a religião, mas só assumem posições onde isso significa vantagem material; que, em troca de uma moderação na Reforma Agrária ou de um corte nos salários do Clero, renunciam ao crucifixo nas escolas ou à abolição do divórcio.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935

VI - O FASCISMO

135.- Para acender uma fé, não de direita (que no fundo aspira preservar tudo, até o injusto), nem de esquerda (que no fundo aspira destruir tudo, até o bem), mas uma fé coletiva, integradora, nacional, nasceu o fascismo.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

136.- O fascismo não é uma tática –violência–. É uma ideia – unidade. Em contraste com o marxismo, que afirma a luta de classes como um dogma, e com o liberalismo, que exige a luta partidária como um mecanismo, o fascismo sustenta que há algo acima de partidos e classes, algo de natureza permanente, transcendente e suprema: a unidade histórica chamada Pátria.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

137.- Não há nada mais distante do jovem cavalheiro ocioso, convidado a uma vida na qual não cumpre nenhuma função, do que do cidadão do Estado fascista, a quem não são reconhecidos quaisquer direitos, exceto na proporção do serviço que presta a partir de sua posição. Se alguma coisa realmente merece ser chamada de estado operário, é o estado fascista.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

138.- Num estado fascista, nem a classe mais forte nem o maior partido triunfam; que triunfe para todos o princípio organizador comum, o pensamento nacional constante, do qual o Estado é o órgão.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

139.- Quase nenhuma das objeções contra o fascismo é formulada de boa fé. Eles são alimentados por um desejo oculto de se darem uma desculpa ideológica para a preguiça ou a covardia, se não para o defeito nacional por excelência: a inveja, capaz de arruinar as melhores coisas, desde que não ofereçam uma oportunidade para outro ser humano brilhar.

"Violência e justiça." Carta a Julian Pemartin. 02-04-1933.

140.- Enquanto o Tratado de Latrão é assinado em Roma, aqui nós rotulamos o fascismo como anticatólico. Ao fascismo que na Itália, depois de noventa anos de maçonaria liberal, restabeleceu o crucifixo e o ensino religioso nas escolas. Entendo a preocupação em países protestantes onde pode haver um conflito entre a tradição religiosa nacional e o fervor católico de uma minoria. Mas na Espanha, a que pode levar a exaltação do que é genuinamente nacional, senão a encontrar as constantes católicas da nossa missão no mundo?

"Violência e justiça." Carta a Julian Pemartin. 02-04-1933.

VII - CRÍTICA GERAL À POLÍTICA ESPANHOLA

(A)

141.- A Espanha vive há muito tempo uma vida aborrecida, uma vida pobre, uma vida triste, oprimida entre duas lajes que ainda não conseguiu romper: acima, a falta de qualquer ambição histórica, a falta de qualquer interesse histórico; abaixo, a falta de justiça social profunda. A falta de interesse histórico, que vem do pessimismo de trinta ou quarenta anos, de não encontrar um interesse que nos una a todos no esforço pela mesma causa. A falta de justiça social vem do fato de que, embora tenhamos sido libertados até agora – e não deixaremos de abençoar essa circunstância – dos horrores da grande indústria, da grande indústria que desencadeou uma das maiores crises do mundo, por outro lado, temos que reconhecer que nossa vida agrária, a de nossas pequenas cidades e de nossas vilas, é absolutamente desumana e indefensável.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934

142.- A nossa Espanha estava, por um lado, a salvo da crise universal; por outro lado, como se estivesse angustiada por uma crise própria, como se estivesse ausente de si mesma por razões típicas de desenraizamento que não eram comuns ao mundo.

"Tradição e revolução."

Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

143.- ...Aqui não posso falar em nome de nenhuma piedade filial; Tenho que falar como membro de uma geração que viveu depois da Ditadura e que, queira ou não, tem que julgar com olhos serenos, e se possível, com altura histórica, o fenômeno da história e da política constituído pela Ditadura.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

144.- A Ditadura rompeu a ordem constitucional que a regia em seu advento, lançou o país em um processo revolucionário e, infelizmente, não conseguiu concluí-lo.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

145.- ...a Ditadura, que subverteu uma ordem constitucional, não teve que se justificar por exigências legais, ... Sem isso significa ... que não teve que se justificar como um fato histórico, como um fato político.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

146.- ...a Ditadura... fracassou tragicamente e gravemente porque não soube como levar a cabo o seu trabalho revolucionário.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

147.- O General Primo de Rivera... não era compreendido por aqueles que supunham que ele era amado, e não era amado por aqueles que poderiam tê-lo compreendido. Ou seja: se os intelectuais, que há muito esperavam uma transformação revolucionária da Espanha, de baixo ou de cima, o tivessem compreendido, a revolução poderia ter sido realizada. Aqueles não o entendiam, mas aqueles que, por uma razão ou outra, não tinham vontade de fazer uma revolução, o amavam.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

148.- Em 1923, ainda não havia sido construída nenhuma doutrina capaz de substituir a doutrina liberal democrática burguesa dos Estados então existentes. Se considerarmos que o general de 1923 acompanhou Mussolini por apenas onze meses, ficaremos surpresos que ele tenha tido que adivinhar todas as bases conceituais de um sistema, quando esse mesmo sistema levou dez ou doze anos para produzir a bibliografia com a qual agora se justifica a posteriori. O general Primo de Rivera ficou sem isso; Ele teve que adivinhar a razão interna de cada uma de suas ações, e ele adivinhou por seis anos, quase milagrosamente.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

149.- A Ditadura, que se encarnava, disse eu, num homem verdadeiramente extraordinário, num homem – e estou certo de que ninguém o negará – que tinha – como disse Ortega y Gasset, que foi um dos seus adversários mais constantes – uma alma cálida e, além disso, um espírito temperado e uma cabeça muito clara; que tinha uma faculdade de intuição, adivinhação e compreensão como muito poucos homens, encontrou uma lacuna, sem a qual é impossível levar adiante um regime: a Ditadura carecia de elegância dialética. Isso, na época, era totalmente desculpável.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

(B)

150.- A Monarquia Espanhola foi o instrumento histórico de execução de um dos maiores sentidos universais. Ele fundou e sustentou um Império, e o fundou e sustentou, precisamente, por aquilo que era sua virtude fundamental; para representar a unidade de comando. Sem unidade de comando, você não chegará a lugar nenhum. Mas a Monarquia deixou de ser uma unidade de comando há muito tempo: sob Filipe III, o rei não comandava mais; O rei continuou a ser o símbolo aparente, mas o exercício do poder caiu nas mãos de favoritos, nas mãos de ministros: Lerma, Olivares, Aranda, Godoy. Quando Carlos VI chegou ao poder, a Monarquia não passava de uma simulação sem substância. A Monarquia, que começou nos campos, isolou-se nas Cortes; O povo espanhol é implacavelmente realista; o povo espanhol, que exige que seus santos padroeiros lhes tragam chuva quando precisam, e se eles não a trazem, eles viram as costas ao altar; O povo espanhol, repito, não entendeu esta simulação de uma Monarquia sem Poder; Foi por isso que em 14 de abril de 1931, essa simulação caiu de seu local sem que sequer um piquete de alabardeiros entrasse em combate.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

151.- Diante do problema da Monarquia, não podemos deixar-nos levar nem por um momento pela nostalgia ou pelo ressentimento. Devemos enfrentar este problema da Monarquia com o rigor implacável de quem assiste a um espetáculo decisivo no curso dos dias que compõem a História. ...Compreendemos, sem sombra de irreverência, sem sombra de ressentimento, sem sombra de antipatia, muitos até com mil motivos sentimentais de afeição; Entendemos que a Monarquia Espanhola completou seu ciclo, esgotou sua substância e se desintegrou, como uma casca morta, em 14 de abril de 1931. Notamos sua queda com toda a emoção que ela merece... mas nós, ainda que nos doa, ainda que em alguns possam surgir reservas sentimentais ou nostalgia respeitável, não podemos desencadear o novo ímpeto da juventude que nos segue para recuperar uma instituição que consideramos gloriosamente falecida.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

152.- ...a República Espanhola, cuja legitimidade creio que ninguém questionará, não nasceu das eleições municipais de 12 de abril... Quando o Comitê Revolucionário anunciou no Diário Oficial o fato de ter tomado o poder, os senhores que formavam o Comitê Revolucionário assinaram seu decreto de 15 de abril não como vereadores eleitos, o que teria sido perfeitamente absurdo, mas como membros do Comitê Revolucionário que haviam imposto revolucionariamente seu poder ao fato público espanhol, como consequência exorbitante das eleições. municipal.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

153.- Raramente houve um momento mais propício para começar, uma vez concluído, um novo e grande capítulo na história do país... Uma clara esperança estava à frente de todo um povo; Vocês se lembram da alegria do dia 14 de abril, ... A alegria do dia 14 de abril, mais uma vez, foi o reencontro do povo espanhol com a velha nostalgia da revolução iminente. O povo espanhol precisava da sua revolução e acreditava tê-la alcançado... porque lhe parecia que esta data lhes prometia duas grandes coisas, há muito desejadas: primeiro, o retorno de um espírito nacional coletivo; Depois, a implementação de uma base material e humana para a convivência entre os espanhóis.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935

154.- Naquela manhã de abril não havia socialistas nem liberais, operários nem burgueses. Éramos todos um: uma massa esperançosa, pronta para ser moldada pelo nosso melhor lado. O que estava acontecendo que fez com que nós, pessoas que fomos inflamadas durante anos por diferentes desejos, nos confundíssemos em uma única emoção?
Foi o que aconteceu, de forma bem simples: como sempre quando se atinge um alto grau de temperatura espiritual, a vegetação de todos os programas se evaporou, as ilusões concretas queimaram, e a veia quente e escondida que todos nós carregamos dentro de nós, talvez sem perceber, saltou no ar, mais forte que qualquer deformação. Mais uma vez a qualidade religiosa e misteriosa dos grandes momentos populares brilhou: não se acreditava nem nisto nem naquilo, nem neste nem naquilo; Ele acreditava estar no momento de alegria que acabara de chegar. As pessoas não confiavam mais na virtude deste ou daquele programa, mas na certeza tácita de que haviam alcançado uma capacidade milagrosa de adivinhação.

As diferenças entre eles, que até o dia anterior pareciam montanhas, desapareceram. Era como se, sem saber como, tivéssemos aprendido a voar e que, da altura do nosso voo, tudo fosse pequeno. Se 14 de abril tivesse sido o único dia de eventos, e houvesse apenas os programas e os homens famosos, pouco se poderia esperar dele. O importante era outra coisa, a alegria do 14 de abril, que, apesar de tão imprecisa na expressão, escondia uma precisão mais profunda do que todos os programas; Isto: a fervorosa aspiração pela recuperação da unidade espiritual da Espanha sobre novas bases de existência física popular. Pátria e justiça para um povo sofredor. Nação e trabalho, disse mais tarde Ortega y Gasset.

"Juventude ao ar livre." Acima, nº 18. 07-11-1935.

155.- Em 14 de abril de 1931, ocorreu um fenômeno de alegria popular semelhante ao de 13 de setembro de 1923. Em 14 de abril de 1931, uma instituição milenar ruiu; ... o que encheu de alegria aqueles que estavam felizes naquela data foi a esperança de que estaríamos novamente em condições de ter a lápide da falta de ambição e de missão histórica quebrada de cima, e a lápide da falta de justiça social quebrada de baixo. A revolução de 14 de abril parecia prometer, em termos históricos, o retorno à Espanha de um interesse e empreendimento comuns... E então, em termos de base social, a revolução de 14 de abril trouxe nada menos que isso, e esta foi sua contribuição mais profunda e interessante: a incorporação dos socialistas a uma obra governamental que não era exclusivamente proletária.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

156.- Toda vez que o ressurgimento de uma aspiração nacional comum pareceu ser vislumbrado, logo foi frustrado pela luta de um partido contra outro. A última vez foi em 14 de abril, há três anos; Assim, à custa da perda – lamentada por muitos – de uma antiga instituição, um momento de alegre esperança coletiva pareceu surgir nos olhos de quase todos.

"Um manifesto para a Espanha". FE, No. 12. 28-04-1934

157.- Os homens de 14 de abril pareciam estar retornando ao patriotismo e chegavam pelo melhor caminho: o amargo caminho da crítica. Essa era sua promessa de fertilidade...

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

(D)

158.- O primeiro Governo da República nasceu tingido da mediocridade de uma banda de música: foi um avanço muito estimável dos que tivemos depois de 1933.

"Azaña. A revolução, ocasião para um César." Acima, nº 17. 31-10-1935.

159.- Os homens de 14 de abril têm a terrível responsabilidade na História de terem decepcionado mais uma vez a revolução espanhola. Os homens de 14 de abril não fizeram o que 14 de abril prometeu.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

160.- ...assistimos ao espetáculo de umas Cortes que, convencida de que o seu triunfo a autorizava a fazer o que quisesse, o fez verdadeiramente, a ponto de nos esmagar a nós, os mortais.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

161.- (A República) em vez de ter contribuído para melhorar a sorte do povo com uma política generosa, irritou-o com uma propaganda agressiva, e depois deixou-o sem nada: faminto como antes e mais furioso. Um marxismo grosseiro e hostil impedia que o nacional e o social fossem harmonizados. A política social em muitos lugares assumiu um ar de insolência e arrogância dos vencedores. As crianças nas escolas começaram a levantar os punhos, e os trabalhadores socialistas começaram a olhar para a rua com a arrogância daqueles que toleram a vida do resto de nós por pura condescendência. Um ar russo, asiático e opressivo impregnava tudo. A ditadura do proletariado começava a ser sentida.

"Juventude ao ar livre." Acima, nº 18. 07-11-1935.

162.- ...não há nada que desgaste mais um regime do que tentar esclarecer as responsabilidades de regimes anteriores.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

(F)

163.- Sua aparição (de Azaña) parecia ser o presságio de uma mudança de estilo. Azaña não era popular: ele era um intelectual minoritário; um escritor seleto e desdenhoso; um dialético exigente, frio, exato e original. Desde que surgiu no centro das atenções com performances públicas ressonantes, ele se mostrou aparentemente livre da mediocridade coletiva e absolutamente desdenhoso de aclamação. Ele era, sem dúvida, um sujeito político do maior interesse: um homem que havia alcançado o mais alto posto de comando, quase sem compromissos nem esforços, num momento singularmente propício, e que estava preparando os instrumentos para moldar um povo à sua vontade. Os velhos radicais e socialistas radicais não tinham nada a revelar; Este membro mal-humorado e misterioso do Ateneu poderia, talvez, realizar experimentos surpreendentes.
Qual foi a causa do fracasso de Azaña? É possível que algum antigo ressentimento individual tenha superado seu status de político. É possível que essas condições políticas externas – e extraordinárias – tenham sido desperdiçadas em inutilidade devido à falta de inspiração fértil. Azaña ou Infertilidade poderia ser o nome do ensaio escrito sobre ele. Um jogo complicado e preciso de alavancas e engrenagens... mas sem motor.
Azaña entregou-se a uma espécie de esteticismo político que acabou sendo um esteticismo de crueldade. Seus melhores trabalhos, aqueles que não eram simplesmente uma falta de jeito agressiva, eram filigranas inúteis. Com um senso esportivo de história, ele fazia seus movimentos pelo prazer do movimento em si, não pelo resultado; Ele imitou, por exemplo, aqueles campeões de corridas a pé, que não correm em direção à linha de chegada – onde nada os espera – mas sim ao longo do percurso. Sua política era, portanto, uma política monstruosa. Para aqueles que não conseguiam perceber a convolução estética que ela escondia, era como uma tortura diabólica e ininteligível; A Espanha passou pelas mãos do seu ditador como pelas de um massagista asiático, entre fascinada e atormentada; No dia em que ele deixou o poder dela, ele sentiu o alívio de alguém que retorna ao descanso.

"Azaña. A revolução, ocasião para um César." Acima, nº 17. 31-10-1935.

164.- ...a reprovação política que se pode fazer ao Sr. Azaña, a acusação verdadeira e grave que se pode fazer ao Sr. Azaña, é esta: o Sr. Azaña tinha em suas mãos uma dessas circunstâncias que acontecem às pessoas a cada cinquenta, sessenta ou cem anos; O Sr. Azaña poderia simplesmente ter realizado a revolução espanhola, a urgente e necessária revolução espanhola.

Parlamento. "Como a justiça histórica é administrada." 21-03-1935

165.- Azaña governará novamente. Ele trará isso nas costas, mais uma vez, com rugidos revolucionários, mesmo que seja em torno das urnas, as massas que ouviram sua voz em 20 de outubro. Azaña terá novamente em suas mãos a oportunidade cesariana de levar a cabo, mesmo contra os clamores das massas, o destino revolucionário que o escolheu duas vezes. Mais uma vez, a Espanha, vasta e virgem, assustada e esperançosa, lhe dará a oportunidade de tomar posse de seu segredo. Somente se ele a encontrar, ele terá uma mensagem forte para gritar contra o rugido das massas vermelhas que o levantaram. Mas Azaña não descobrirá o segredo: ou se renderá às massas, que farão dele um trapo servil, ou quererá se opor às massas sem a autoridade de uma grande tarefa, e então as massas o esmagarão e esmagarão a Espanha.

"Azaña. A revolução, ocasião para um César." Acima, nº 17. 31-10-1935.

166.- Se quatro ou seis dias depois de 6 de outubro de 1934, o Estado espanhol, considerando Don Manuel Azaña representante de um sentimento oposto e incompatível com o próprio Estado, o tivesse mandado fuzilar, é bem possível que tivesse cometido uma injustiça criminal, mas é claro que a justiça histórica teria sido feita.

Parlamento. "Como a justiça histórica é administrada." 21-03-1935.

(G)

167.- Direitas e esquerdas são valores incompletos e estéreis; A direita, por querer ignorar a angústia econômica premente que os tempos colocam, acaba privando suas invocações religiosas e patrióticas de valor humano. A esquerda, ao fechar as almas populares ao espiritual e ao nacional, acaba degradando a luta econômica em uma ferocidade de bestas. Hoje, duas concepções totais do mundo se colocam frente a frente; Quem vencer interromperá permanentemente o turno habitual; Ou prevalece a concepção espiritual, ocidental, cristã, espanhola da existência — com tudo o que ela implica em termos de serviço e sacrifício, mas com tudo o que ela concede em termos de dignidade individual e decoro nacional — ou prevalece a concepção materialista, russa da existência, que, ao submeter os espanhóis ao jugo feroz de um Exército Vermelho e de uma força policial implacável, desintegrará a Espanha em repúblicas locais.

Comunicação aos membros do FE e JONS escrita nas masmorras

da Direção Geral de Segurança. 14-03-1936.

168.- Por trás dessas expressões externas esconde-se uma dor profunda. A essência dessas atitudes, "direita" e "esquerda", poderia ser resumida da seguinte forma: os "direitistas" são aqueles que consideram que o propósito geral do Estado justifica qualquer sacrifício individual, e que qualquer interesse pessoal deve ser subordinado ao coletivo; Ao contrário, a "esquerda" coloca a afirmação do indivíduo como sua primeira prioridade, e tudo está subordinado a ela; O mais importante é o seu interesse, e nada que o ameace será considerado lícito.
Mas, de acordo com essas definições, o comunismo seria de direita? Porque o comunismo subordina tudo ao interesse do Estado; Em nenhum país houve menos liberdade do que na Rússia; Em nenhum outro houve uma opressão mais sufocante do Estado sobre o indivíduo. Mas sabe-se que o objetivo final do comunismo é uma organização sem Estado ou classe, uma anarquia e igualdade perfeitas. Isto é o que os líderes comunistas declararam; após um duro período de rigor ditatorial, o coletivismo anarquista aproximadamente. Em tempos vulgares, como o que vivemos, os perfis dos estados constantes são apagados. E assim acontece que os ultraconservadores se sentem esquerdistas, ou seja, individualistas, quando se trata de defender seus interesses. Tanto a "direita" quanto a "esquerda" se entrelaçam e se contradizem, porque deram as costas ao espírito fundamental de suas constantes.

"Estado, indivíduo e liberdade."

Conferência sobre curso de treinamento FE e JONS. 28-03-1935.

169.- A direita quer preservar a pátria, quer preservar a unidade, quer preservar a autoridade; Mas ignora essa angústia do homem, do indivíduo, do semelhante que não tem o que comer.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 09-04-1935

170.- A direita é a aspiração de manter uma organização econômica, mesmo que ela seja injusta, e a esquerda é, no fundo, o desejo de subverter uma organização econômica, mesmo que muitas coisas boas sejam arrastadas para subvertê-la.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

171.- A constante da esquerda é interessante pelo destino do indivíduo frente a toda arquitetura política, como se fossem termos opostos. O esquerdismo está, portanto, a dissolver-se; É, portanto, corrosivo; É irônico, e, sendo dotado de um brilhante conjunto de capacidades, ele é, no entanto, muito adequado para destruição e quase nunca adequado para construção.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

172.- (Direita e esquerda) encobrem sua inadequação com palavras: alguns invocam a Pátria sem senti-la ou servi-la de forma alguma; Outros amenizam seu desdém e indiferença pelos problemas profundos de cada um com fórmulas que, na realidade, não passam de uma mera casca verbal que nada significa.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

(H)

173.- É bom que as urnas se assemelhem ao tambor da loteria. Não faz diferença se uma bola rola para o buraco primeiro ou se um grupo de cédulas sobrepuja outro grupo. Isso é decidido por qualquer elfo responsável pelas chances da loteria; Isto, qualquer espírito, bom ou mau, de justiça, de retaliação ou de histeria. Pura sorte: uma boa piada contra um candidato pode privá-lo da vitória no último minuto. A vontade de abalar um governo irritante pode levar um povo a destruir mil coisas.

"Vitória sem asas." FE, n.º 1. 07-12-1933 (censurado). Acima, nº 23. 12-12-1935.

174.- E há quem acredite que neste sorteio nada menos que a contra-revolução venceu. Muitos se sentem muito felizes. Mais uma vez, a Espanha tende a se curar de forma falsa, a fechar a boca da ferida sem resolver o processo interno. Simplificando: considerar uma revolução terminada quando ela ainda está viva por dentro, mais ou menos coberta por essa pele frágil que saiu das urnas.

"Vitória sem asas." FE, n.º 1. 07-12-1933 (censurado). Acima, nº 23. 12-12-1935.

(I)

175.- ...da escola populista, o que você quer esperar? A escola populista é como uma daquelas grandes fábricas alemãs onde se produz o substituto para quase tudo o que é autêntico. Por exemplo, o fenômeno socialista surge no mundo; emerge o ímpeto sangrento, violento e autêntico das massas socialistas; Então a escola populista, rica em arquivos e em jovens cautelosos, cheios, sim, de prudência e cortesia, mas que se assemelham mais do que tudo aos formados na mais refinada escola maçônica, produz um substituto para o socialismo e organiza algo chamado democracia cristã: diante das Casas do Povo, as Casas do Povo; na frente dos arquivos, arquivos; contra as leis sociais, leis sociais. Ele se treina para escrever memórias sobre divisão de lucros, sobre aposentadoria de trabalhadores e mil outras sutilezas. A única coisa que acontece é que os verdadeiros trabalhadores não entram nessas preciosas gaiolas do populismo, e as preciosas gaiolas nunca esquentam. O fascismo surge no mundo com seu valor de luta, de levante, de protesto dos povos oprimidos contra as circunstâncias adversas e com seu cortejo de mártires e com sua esperança de glória, e imediatamente o partido populista sai e vai, suponhamos, para que ninguém se sinta aludido, ao Escorial, e organiza um desfile de jovens com bandeiras, com viagens pagas, com tudo o que quiserem, menos com o valor juvenil revolucionário e forte que a juventude fascista teve.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

176.- A direita só tirou consequências egoístas e conservadoras de sua vitória: revogou a lei de Reforma Agrária, que era ruim, não para substituí-la por uma boa, mas para substituí-la por uma simulação sarcástica que não dará terras aos camponeses espanhóis em menos de dois séculos; Eles testemunham sem angústia o renascimento dos salários de fome; Eles dedicam pouco mais do que palavras à questão do desemprego... Em uma palavra: eles se acomodam e não fazem nada diante da persistência de um modo de vida triste, miserável, anti-higiênico, rude e sem esperança.

"Juventude ao ar livre." Acima, nº 18. 07-11-1935.

177.- Se a direita triunfante em 1933 tivesse trazido alguma mensagem para comunicar à Espanha, o César fracassado da revolução de abril não teria levantado a cabeça novamente. Mas seria inútil procurar precedentes de maior desajeito do que o demonstrado pela direita espanhola. Em vez de apagar a memória do inimigo com a presença real de uma obra profunda e forte, eles não fizeram nada além de manter viva a memória do inimigo em uma campanha constante de difamação desajeitada e feia, e adormecer em uma indolência mortal, imperdoável em tempos revolucionários como os atuais. A política do segundo período de dois anos (o período estúpido de dois anos, como também foi chamado aqui) tem sido esterilmente conservadora em tudo o que impede qualquer alegria para o futuro. Política híbrida; Nem completamente secular, para não ofender os católicos, nem religiosamente inspirado, para não mortificar os velhos padres radicais; Nem generoso em termos sociais, para respeitar o egoísmo dos velhos chefes agrários, nem desprovido de uma declaração tão platônica, cristão-democrática, do inquieto canonista Sr. Jiménez.

"Azaña. A revolução, ocasião para um César." Acima, nº 17. 31-10-1935

178.- Paz e soneca. É isso que três quartos desta Espanha, que renunciou à guerra na Constituição e perdeu, estragou, o antigo sabor do heroísmo, deseja como seu programa máximo.

"Enquanto a Espanha tira uma soneca." Do, No. 7. 19-07-1935.

179.- Pode-se dizer que nosso país está amaldiçoado por não se tornar realidade, sempre em um período de recrutamento incerto.

"Um manifesto para a Espanha". FE, No. 12. 28-04-1934.

(F)

180.- A insolência esquerdista da Assembleia Constituinte foi má, mas também não foi a arrogância destas Cortes, o riso desajeitado da maioria atual diante da angústia viva da Espanha, o que queríamos. Nós, os jovens, que somos movidos por impulsos espirituais, livres do egoísmo grosseiro dos velhos chefes; Aspiramos a uma Espanha grande e justa, ordeira e religiosa. Não é isso, não é isso.

"Juventude ao ar livre." Acima, nº 18. 07-11-1935.

181.- Não percebem que respiramos uma atmosfera semelhante à daqueles últimos dias de 1930, quando todos já previámos a proximidade de um abismo? Isso é morrer, e é morrer depois de uma vida de esterilidade.

Discurso de encerramento do II Conselho Nacional. Cinema Madrid, Madri, 17-11-1935.

182.- Afinal, se nada mais acontecesse do que isso, que toda essa confusão cujo colapso todos nós previmos, e muitos de nós esperávamos, chegasse ao fim, não teríamos nada a ver com o espetáculo. Mas isso não é tudo. Porque, às vésperas do colapso, temos que nos perguntar: O que virá a seguir?

Discurso de encerramento do II Conselho Nacional. Cinema Madrid, Madri, 17-11-1935.

(K)

183.- O separatismo local é um sinal de decadência, que surge precisamente quando esquecemos que uma Pátria não é aquela coisa imediata e física que podemos perceber mesmo no mais primitivo estado de espontaneidade.

Discurso proclamando a Falange Espanhola dos JONS.

Teatro Calderon, Valladolid. 04-03-1934.

184.- A perda de unidade (territorial, espiritual, histórica) é menos evidente aqui do que em outros lugares? Em todo caso, pode-se dizer que devemos esperar que as coisas piorem. Mas se é possível fazer isso antes, qual a vantagem de esperar por momentos de desespero? Principalmente quando se está formando uma ditadura socialista, organizada pelo Poder, que colocaria a Espanha, se não fracassar, em uma situação muito difícil de superar.

"Violência e justiça." Carta a Julian Pemartin. 02-04-1933.

185.- Foi dito que a autonomia é um reconhecimento da personalidade de uma região; que a autonomia é conquistada justamente pelas regiões mais diferenciadas, pelas regiões que atingiram a maioridade, pelas regiões que apresentam as características mais típicas; Eu ficaria grato – e acredito que a Espanha ficaria grata a todos nós – se meditássemos sobre isso: se damos autonomia como recompensa à diferenciação, corremos o risco gravíssimo de que essa mesma autonomia possa ser um estímulo para aprofundar a diferenciação. Se a autonomia é conquistada distinguindo-se com características muito profundas do resto das terras da Espanha, corremos o risco de que, ao entregar a autonomia, convidemos essas diferenças com o resto das terras da Espanha a se aprofundarem.

É por isso que entendo que quando uma região pede autonomia, em vez de perguntar se ela tem características mais ou menos marcantes, o que temos que perguntar é até que ponto a consciência da unidade do destino está enraizada em seu espírito; Se a consciência da unidade do destino estiver bem enraizada na alma coletiva de uma região, não haverá perigo algum em dar a essa região liberdade para organizar sua vida interna de uma forma ou de outra.

Parlamento. "Espanha e Catalunha". 11-30-1934.

186.- Uma região é considerada adulta "quando adquiriu tão fortemente a consciência de sua unidade de destino na pátria comum que essa unidade não está mais em perigo pelo afrouxamento dos laços administrativos.

"A Espanha é irrevogável." FE, No. 15. 19-07-1934.

187.- Todos aqueles que sentem pela Espanha dizem viva a Catalunha! e vivam todas as terras irmãs nesta admirável, indestrutível e gloriosa missão, que vários séculos de esforço nos legaram com o nome de Espanha.

Parlamento. "Sobre a Catalunha". 04-01-1934.

188.- ... quando usamos o nome de Espanha, e note que não me juntei a nenhum grito, há algo dentro de nós que se move muito acima do desejo de ofender um regime e muito acima do desejo de ofender uma terra tão nobre, tão grande, tão ilustre e tão amada como a terra da Catalunha.

Parlamento. "Sobre a Catalunha". 04-01-1934

189.- Temos que voltar a estudar a Catalunha, temos que observar a Catalunha lentamente, com todo o amor, com toda a inteligência, mas sem pressa, sem soluções preconcebidas, para que possamos ver se ali está bem estabelecido o sentido de unidade nos destinos nacionais.

Parlamento. "Espanha e Catalunha". 11-30-1934.

(L)

190.- A revolta da Generalitat da Catalunha foi apenas um episódio na subversão total com a qual se tentou a aniquilação da Espanha.

"Lição gritada." Acima, nº 5. 18/04/1935.

191.- ...houve uma tentativa de golpe que, felizmente para o Governo e para todos, assumiu um carácter antinacional; Ele teve a tolice de levantar uma bandeira separatista, o que despertou repulsa instintiva, mesmo nas camadas populares mais baixas. O lado proletário da tentativa foi obscurecido por esta causa de inibição; que qualquer homem espanhol do povo, não importa quanta propaganda internacionalista tenha sido colocada em sua alma, sempre é repelido por aderir a uma bandeira de anti-separação nacional.

Parlamento. "Em 6 de outubro, o estado de guerra e a Falange." 25-01-1935.

192.- Os revolucionários tinham um sentido místico; se preferir, satânico, mas um sentido místico de sua revolução, e diante desse sentido místico da revolução, a sociedade não foi capaz de se opor, o Governo não foi capaz de se opor, o sentido místico de um dever permanente válido para todas as circunstâncias.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

193.- O Governo falhou completamente em seu dever de pôr fim à rebelião, de dar-lhe um desfecho que não fosse cruel, mas rápido e limpo. Se esse dever tivesse sido cumprido, o Governo tinha outro: tinha de considerar quais eram as causas da desrazão interna, as razões da falta de coerência, da justificação interna, que permitiam a uma minoria ousada lançar um ataque ao Poder. O Governo deveria ter feito esse exame de consciência, como sempre faz no dia seguinte a uma vitória, para saber onde os derrotados poderiam ter razão e para impedir que outros tentem fazer o que os derrotados deixaram de fazer. E o Governo faz isso cada vez menos; A cada dia o Governo está menos preocupado com a razão de sua própria existência.

Parlamento. "Em 6 de outubro, o estado de guerra e a Falange." 25-01-1935.

194.- O Governo tem plena consciência de até que ponto foi cercado por toda a assistência por ocasião do dia 7 de outubro. Não é preciso lembrar, porque já o lembrei em alguma ocasião, como até o ímpeto juvenil das pessoas que me acompanham ou seguem foi o primeiro a se manifestar, comigo à frente, na Puerta del Sol; mas precisamente para gritar ao Governo isto: "Vocês estão numa data decisiva; vocês têm diante de si uma data decisiva, da qual podem ser tiradas consequências inesgotáveis para a Espanha!"

Parlamento. "Em 6 de outubro, o estado de guerra e a Falange." 25-01-1935.

195.- Nem o Estado espanhol nem a sociedade espanhola se teriam defendido vigorosamente contra a revolução se não tivesse entrado em jogo o fator, que sempre nos parece imprevisto, mas que nunca deixa de aparecer em ocasiões históricas, desse gênio subterrâneo da Espanha, desse gênio heróico e militar da Espanha, dessa veia perene da Espanha que, agora como sempre, abrigada em uniformes militares, em uniformes de soldadinhos resistentes, de oficiais magníficos, de veteranos firmes e de voluntários prontos, mais uma vez, agora como sempre, restaurou a unidade e a tranquilidade da Espanha.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

196.- ... esta veia heróica e militar –a mesma de sempre– nos salvou; Essa veia heróica e militar deve mais uma vez adquirir seu status preeminente.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

197.- Os homens da Espanha que tentaram penetrar nas profundezas da nossa realidade viva para destruí-la brincaram com a Catalunha como se ela fosse um dócil peão para o sacrifício. Os líderes da revolução divisionista, suicida e estéril que sofremos, colocaram os catalães como propícias vítimas de palha, usando a loucura anacrônica, sangrenta e burlesca de uma estúpida facção catalã, que havia vagado nas últimas horas do crime comum para uma especulação rancorosa e grosseira com os mais obscuros e equívocos sentimentos particularistas.

"Lição gritada." Acima, nº 5. 18/04/1935.

198.- O triunfo sobre a primeira tentativa armada de rebelião da Generalitat teve substância histórica por meio século. Nunca pensamos que seria um desperdício. Mas foi um desperdício. A "tática" continuou recomendando soluções mornas e procedimentos lentos. O resultado brilhante e decisivo da tentativa foi substituído por um labirinto interminável de atrasos e pechinchas. No entanto, mais de um ano depois, estamos testemunhando o que é chamado de "liquidação dos eventos de outubro". O Estatuto está sendo devolvido em pedaços, sem garantias de preservação da unidade nacional. E quanto ao socialismo, em vez de desmantelá-lo e substituí-lo, ele é irritado por um lado e encorajado por outro.

"Juventude ao ar livre." Acima, nº 18. 07-11-1935.

199.- São precisamente as oportunidades desperdiçadas que sempre abriram caminho às revoluções nacionais: porque Vittorio Veneto foi desperdiçado, veio a marcha sobre Roma; Como o dia 7 de outubro foi desperdiçado, é bem possível que venha a revolução nacional, em cujas fileiras me alinho.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

(LL)

200.- (A) revolução do ano 31... fez isso na hora errada e fez isso mal. Ele fez isso com uma lei de reforma agrária que tem, pelo menos, esses dois inconvenientes: um inconveniente, que em vez de querer encontrar as unidades econômicas de cultivo e adaptar a essas unidades econômicas as formas mais adequadas de exploração, que provavelmente seriam a exploração familiar na pequena propriedade irrigada e a exploração sindical no latifúndio de terra firme - veja como concordamos que o latifúndio é necessário, mas não o latifundiário - em vez disso, a lei foi deixada em uma situação provisória de tipo coletivo, que não melhorou o destino humano do agricultor e, em vez disso, provavelmente o prendeu para sempre em uma pesada burocracia.
(Outro inconveniente), aquele que dá mais argumentos aos inimigos da Lei Agrária de 1932: a expropriação sem indenização dos Grandes da Espanha.
... Os senhorios jurisdicionais, por uma obra quase de prestidigitação jurídica, foram transformados em senhorios territoriais; Ou seja, mudaram sua natureza de títulos de direito público para títulos de direito patrimonial privado. Naturalmente, isso não era respeitável; mas não era respeitável nas mãos dos grandes da Espanha, assim como não era respeitável em nenhuma outra mão. Em vez disso, você passou a adotar uma designação genealógica e a se fixar no nome que certas famílias tinham o direito de usar, e incluiu, junto com alguns que tinham antigos senhorios territoriais, alguns de criação recente, alguns que paradoxalmente foram elevados à grandeza da Espanha precisamente por causa de seus grandes talentos como cultivadores de fazendas.

Parlamento. "Reforma agrária." 23/24-07-1935.

200 bis.- Está previsto (no projeto) que a propriedade será paga pelo seu preço justo de avaliação, e acrescenta-se que não poderão ser destinados mais de 50 milhões de pesetas por ano a essas operações de reforma agrária. O que é necessário para restabelecer a população espanhola em solo espanhol? Oito milhões de hectares, dez milhões de hectares? Bem, em números redondos, isso vale cerca de 8 bilhões de pesetas; Com cinquenta milhões por ano, levaremos 160 anos para fazer a reforma agrária. Se dissermos isso aos camponeses, eles terão motivos para responder que estamos zombando deles. Não é possível passar cento e sessenta anos fazendo reforma agrária; É preciso fazê-lo mais cedo, mais rapidamente, com urgência, com urgência, e é por isso que deve ser feito, mesmo que o golpe os apanhe e seja um pouco injusto, para com os atuais latifundiários; Isso deve ser feito subestimando o valor econômico, assim como o valor jurídico foi subestimado.

Parlamento. "Reforma agrária." 23/24-07-1935.

201.- Temos setecentos mil homens desempregados e acontece que diante da existência desses setecentos mil homens desempregados, que constituem com sua mera presença uma diatribe contra o que afirmamos ser a civilização moderna e ocidental da Espanha; Contra a acusação viva dessas setecentas mil pessoas famintas, descobrimos que a seguinte política de anúncio foi implementada: a C.E.D.A. Ele elaborou um projeto, ou um projeto de lei, porque não estava no poder naquela época, para destinar cem milhões para benefícios de desemprego. O partido radical disse: "Cem milhões para nós? Nós elaboramos um projeto para que um bilhão seja usado." Nem os 100 milhões nem o 1 bilhão foram alocados até agora para remediar o desemprego dos trabalhadores. Em vez disso, já temos a esperança reconfortante de que alguns edifícios públicos serão construídos, quem sabe se serão necessários ou não, para aliviar parcialmente o problema dos trabalhadores. Mas o governo realmente acredita que os sucessores imediatos daqueles que fizeram a revolução de 14 de abril com o anúncio de que iriam introduzir uma ordem social diferente – um aspecto em que até mesmo os oponentes do sentido político de 14 de abril provavelmente teriam que concordar – que aqueles que prometeram uma organização econômica diferente podem se contentar com a construção de alguns edifícios públicos e acreditar que isso fornecerá uma solução para o problema social? O Governo deve entender que isso não é, na realidade, a justificativa para um sistema político, que isso não é a justificativa para um regime.

Parlamento. "Em 6 de outubro, o estado de guerra e a Falange." 25-01-1935.

(M)

202.- ...a declaração constitucional de que a Espanha renuncia à guerra. O que isso significa? Se for apenas pura estupidez, sem nada por trás, então a culpa é dos autores. Se é possível dizer que a Espanha pretende ser neutra em futuras guerras, então esta declaração deveria ter sido seguida de um aumento de forças em terra, no mar e no ar, porque uma nação com todas as suas costas abertas e localizada em um dos pontos mais perigosos da Europa não pode decidir, nem mesmo sobre sua neutralidade, se não puder garantir que ela seja respeitada. Somente os fortes podem ser dignamente neutros. Não sei se os autores dessa frase queriam nos impor uma neutralidade indigna.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

203.- A Espanha está envolvida na política internacional francesa há quatro anos, movendo-se na órbita internacional da França. O fato de a Espanha desenvolver uma política internacional em acordo com potências amigas não é algo que deveria nos surpreender. Mas em assuntos internacionais as nações nunca dão nada, exceto ao custo de receber algo, e a França, cuja política internacional servimos, nos maltrata em tratados comerciais e nos relegou a uma posição inferior em Tânger e negocia o regime do Mediterrâneo pelas nossas costas, como se não estivéssemos no Mediterrâneo; Ou seja, a única coisa que nos compensa por servir à política internacional francesa no mundo é a vaidade satisfeita de algum ministro ou embaixador pedante.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

204.- ...discretamente, em conferências públicas de um chefe de Governo e de um Ministro de Relações Exteriores, vai-se organizando a política do Mediterrâneo, vai-se colocando à disposição o Mediterrâneo e, como se fôssemos uma ilha no Oceano Pacífico, este é o momento em que não temos a mínima notícia de que o Governo esteja preocupado em reivindicar uma posição, em nome de Espanha, para se fazer ouvir na organização e na política do Mediterrâneo.

Parlamento. "Em 6 de outubro, o estado de guerra e a Falange." 25-01-1935

(N)

205.- Quebrada toda possibilidade de coexistência, as Cortes deverão ser dissolvidas. Uma eleição será a entrega do país à luta entre duas metades amargas: direita e esquerda. Quem estará certo nessa luta? Para saber isso, precisamos analisar o que é esquerda e direita na Espanha.

"Carta a um soldado espanhol." Novembro de 1934.

206.- A ordem constitucional atual não pode mais se sustentar. Para sobreviver, o Estado precisa recorrer a subterfúgios que o colocam fora do funcionamento normal das instituições. Já não é apenas o estado de guerra, que se tornou endêmico, com suas consequências de fechamentos, intervenção na imprensa, prisões governamentais e tudo mais; É a formação de um Governo que nasce num sistema parlamentar, mas que não conseguirá viver meia hora no Parlamento; de um Governo que, para gozar de uma fugaz ilusão de vida, tem de manter as Cortes fechadas até ao limite autorizado pela Constituição.

"Carta a um soldado espanhol." Novembro de 1934.

(O)

207.- Os atuais administradores da Frente Popular, obedientes a um plano traçado externamente, destroem sistematicamente tudo na vida espanhola que possa oferecer resistência à invasão dos bárbaros.

"Carta aos militares da Espanha."

Folha clandestina escrita na Prisão Modelo de Madri. 04-05-1936.

208.- A vitória da Frente Popular não é, neste sentido, boa para nós. Uma vitória da direita também não teria sido boa. Teria chegado a tal degradação utilitária que tudo tenderia a sufocar completamente os valores espirituais e, o que é pior, a convertê-los em puro verbalismo, paródia e falsificação. Esse processo degradante já estava bem avançado às vésperas das eleições. Seu triunfo desta vez foi o triunfo de um capitalismo conivente em seus piores aspectos. A Falange teria sofrido espiritualmente mais nessa paz lamacenta do que na dura guerra que está ocorrendo hoje.

"Em tempos difíceis" (sic).

209.- Os “slogans” vêm de fora, de Moscou. Veja como eles governam exatamente em várias cidades. Veja como na França, de acordo com as ordens soviéticas, a Frente Popular foi formada nos mesmos moldes da Espanha. Vejam como aqui – segundo aqueles que conhecem estes negócios – houve uma trégua até à data precisa em que terminaram as eleições francesas, e como no próprio dia em que os distúrbios em Espanha já não iriam influenciar a decisão dos eleitores franceses, os incêndios e os massacres recomeçaram.

“Carta aos militares da Espanha.”

Folha clandestina escrita na Prisão Modelo de Madri. 04-05-1936.

210.- Os “propósitos da revolução” são bastante claros. O Grupo Socialista de Madri, em seu programa oficial, exige para as regiões e colônias um direito ilimitado de autodeterminação, o que poderia levá-las até mesmo a se declararem a favor da independência.

“Carta aos militares da Espanha.”

Folha clandestina escrita na Prisão Modelo de Madri. 04-05-1936.

211.- A direção do movimento que avança é radicalmente anti-espanhola. Ele é um inimigo do país. (O Claridad, o órgão socialista, zombou de Indalecio Prieto porque ele fez um discurso patriótico.) Ele despreza a honra ao incentivar a prostituição coletiva de jovens trabalhadoras naquelas festas campestres onde se cultiva todo o descaramento; Ela enfraquece a família, que na Rússia foi substituída pelo amor livre e pelas cantinas coletivas. pela facilidade do divórcio e do aborto (você não ouviu garotas espanholas gritando hoje em dia: “Filhos, sim; maridos, não!”?), e nega a honra que sempre norteou os eventos espanhóis, mesmo nos ambientes mais humildes; Hoje toda a vilania tomou conta da Espanha; As pessoas são mortas covardemente, na proporção de cem para um; a verdade é falsificada pelas autoridades; Eles caluniam com difamações imundas e silenciam a boca dos insultados, para que não possam defender-se; traição e delação são recompensadas... Isto é Espanha? Este é o povo da Espanha? Parece que vivemos um pesadelo ou que o velho povo espanhol (sereno, corajoso, generoso) foi substituído por uma plebe frenética, degenerada, drogada com panfletos de literatura comunista. Somente nos piores momentos do século XIX nosso povo viveu momentos semelhantes, sem a intensidade de hoje.

“Carta aos militares da Espanha.”

Folha clandestina escrita na Prisão Modelo de Madri. 04-05-1936.

212.- O Exército é, antes de tudo, a salvaguarda do permanente; É por isso que você não deve se envolver em brigas acidentais. Mas quando é o próprio permanente que está em perigo; Quando a própria existência da Pátria está em risco – o que poderia, por exemplo, se as coisas seguissem um determinado caminho, até mesmo perder sua unidade – o Exército não tem escolha a não ser deliberar e escolher. Se você se abstém de seu dever com base em uma interpretação puramente externa, você se expõe ao risco de ficar, da noite para o dia, sem nada para servir. Diante de reveses decisivos, o Exército só pode servir ao permanente de uma maneira: recuperando-o com suas próprias armas.

"Carta a um soldado espanhol." Novembro de 1934.

213.- Haverá ainda entre vós – soldados espanhóis, oficiais de terra, mar e ar – alguém que proclame a indiferença dos militares para com a política? Isso poderia e deveria ter sido dito quando a política era conduzida entre partidos. A espada militar não foi chamada para decidir suas lutas, que eram, aliás, bastante medíocres. Mas hoje não estamos na presença de uma luta interna. A própria existência da Espanha como entidade e como unidade está em jogo. O risco agora é exatamente comparável ao de uma invasão estrangeira. E isso não é uma figura de linguagem; A estranheza do movimento que assola a Espanha é denunciada por seus slogans, por seus gritos, por seus propósitos, por seu significado.

"Carta aos militares da Espanha." Folha clandestina escrita na Prisão Modelo de Madri.

04-05-1936.

214.- O último jogo é sempre o jogo das armas.

"Carta aos militares da Espanha." Folha clandestina escrita na Prisão Modelo de Madri. 04-05-1936.

215.- Sem a vossa força –soldados– será titanicamente difícil vencermos a luta. Com sua força vacilante, o inimigo certamente triunfará. Meça sua terrível responsabilidade. Depende de você se a Espanha continuará existindo. Veja se isso não o obriga a passar por cima dos líderes covardes ou vendidos, para superar hesitações e perigos. O inimigo, cauteloso, especula sobre sua indecisão. A cada dia ele ganha alguns passos. Tome cuidado para que, quando o momento urgente chegar, você não esteja já paralisado pela teia insidiosa que está tecida ao seu redor. Livre-se das amarras deles agora mesmo. Forme uma união muito firme a partir de agora, sem esperar que aqueles que estão vacilantes entrem nela. Jure pela sua honra que você não deixará o chamado da guerra sem resposta.

"Carta aos militares da Espanha." Folha clandestina escrita na Prisão Modelo de Madri. 04-05-1936.

215 bis.- Gostem ou não, militares espanhóis, numa época em que o Exército conserva as únicas essências e os únicos usos que revelam plenamente uma permanência histórica, o Exército voltará a ter a tarefa de substituir o inexistente Estado.

Com o destino da Espanha nas mãos do Exército, são de se prever dois obstáculos opostos que podem arruinar a prova. Essas duas armadilhas são humildade excessiva e ambição excessiva.

I. Excesso de humildade. – É muito temível que o Exército se atribua o papel excessivamente modesto de mero executor da subversão e se apresse em colocar o poder nas mãos de outros. Neste caso, são previsíveis duas soluções igualmente errôneas:

a) O Governo de notáveis, ou reunião de figuras eminentes, exigido por suas respectivas reputações, sem consideração pelos princípios políticos que professam. Isso frustraria a magnífica possibilidade nacional do momento. Um Estado é mais do que um conjunto de algumas técnicas; É mais do que uma boa gestão: é o instrumento histórico para executar o destino de um povo. Um povo não pode ser liderado sem uma consciência clara de seu destino. Mas é justamente a interpretação desse destino e os caminhos para sua realização que constituem as posições políticas. A equipe de cavalheiros ilustres que não concordam com uma fé política seria reduzida a uma gestão melhor ou pior, destinada a definhar sem o calor popular ao seu redor.

b) O governo de concentração, ou reunião de representantes dos diferentes partidos que desejam participar do governo. Esta solução aumentaria a esterilidade interna essencial da solução anterior, constituindo, na prática, nada mais do que uma recaída na política partidária; Especificamente no caso dos partidos de direita, pois estava claro que os de esquerda não iriam querer intervir. Ou seja, o que poderia ter sido o início de uma promissora era nacional se reduziria, mais uma vez, ao triunfo de uma classe, de um grupo, de um interesse parcial. Esses seriam os perigos do excesso de humildade; mas o oposto também é assustador. Vamos considerar isso.

II. Ambição excessiva. – Não, entendamos, ambição pessoal nas forças armadas, mas ambição histórica. Isso aconteceria se os militares, cientes de que não basta uma boa gestão, mas que é preciso despertar a emoção de uma tarefa coletiva, de uma interpretação nacional do momento histórico, quisessem ser eles próprios a despertá-la. Isto é, se os militares, executores ou colaboradores do golpe de Estado, se propusessem a descobrir por si mesmos a doutrina e a direção do novo Estado. Os militares não têm treinamento político suficiente para tal tentativa.

Se eu tentasse – como tantos outros – bajular o Exército, simplesmente atribuiria a ele todas as suas capacidades. Pela mesma razão que sei o que o Exército representa, a imensa riqueza de virtudes silenciosas, heróicas e intactas que ele guarda, me pareceria indecente bajulá-lo. Penso, por outro lado, que é justo colocar um esforço de lucidez a seu serviço. É por isso que digo essas coisas como as penso: o Exército, acostumado a considerar que a política não é sua missão, tem um ângulo de visão incompleto na política. É uma ingenuidade vergonhosa defender soluções políticas. Assim, devido à falta de eficácia doutrinária e sugestão dialética, não consegue atrair a participação popular e juvenil persistente. Não esqueçamos o caso do General Primo de Rivera: cheio de patriotismo, coragem e inteligência natural, ele não conseguiu despertar um entusiasmo duradouro devido à sua falta de uma visão sugestiva da História. A União Patriótica, carente de substância doutrinária, permaneceu uma imprecisão ingênua e bem-intencionada.

Se a Providência coloca novamente em vossas mãos o destino da Pátria, oficiais, considerai que seria imperdoável empreender o mesmo caminho sem uma meta. Não se esqueça de que quem rompe com a normalidade de um Estado incorre na obrigação de construir um novo Estado, não apenas de restabelecer uma aparência de ordem. E que a construção de um novo Estado exige um senso resoluto e maduro de história e política, não uma confiança irresponsável na própria capacidade de improvisação.

"Carta a um soldado espanhol." Novembro de 1934.

Parte Três

Finalmente, esta terceira parte inclui o pensamento político positivo de JOSÉ ANTONIO: as razões da atividade histórica de uma geração; os slogans da Falange, um instrumento revolucionário; a tarefa que a revolução nacional tem que realizar — revolução social, reforma agrária, sindicalização vertical... — e, finalmente, a visão clara do futuro imperial da Espanha e a tarefa que temos pela frente no momento presente — a tarefa exemplar e instrutiva: dizer a "última palavra" que nos tornará um farol para o mundo e nos colocará política e historicamente, mais uma vez, à frente das nações.

I - JUVENTUDE AO AR LIVRE

216.- Ouvimos ensinamentos e propaganda derrotistas por várias décadas e quase perdemos a fé em nós mesmos. Esta já era a Espanha que herdou uma Espanha de fraquezas, de capitulações, de pitorescos, da Madri de Fornos e do "quarto de Apolo", dos jornalistas espadachins, daqueles que penhoravam alegremente suas capas enquanto o resto do império espanhol se perdia. Estávamos acostumados a uma vida medíocre e vulgar.

Parlamento. "Juventude e 6 de Outubro" 09-10-1934.

217.- ...o fato de que... a Espanha... não tem interesse histórico a cumprir na vida universal e mantém um regime social totalmente injusto, é o que faz com que a Espanha ainda tenha sua revolução pendente.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

218.- ...quando nós, os homens da nossa geração, abrimos os olhos, encontramos um mundo em ruína moral, um mundo dividido em todo o tipo de diferenças; E, no que nos diz respeito, nos encontramos em uma Espanha em ruína moral, uma Espanha dividida por todo tipo de ódio e todo tipo de conflito.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

219.- ...uma juventude que neste momento está desfasada dos partidos governantes e da oposição, não o é porque tem, ..., a vontade de fazer o papel de cavalheiros fascistas. Nada poderia estar mais distante do nosso propósito hoje...
Nossa geração, que tem talvez trinta ou quarenta anos de vida pela frente, não pode se resignar a continuar vivendo nessa camada plana entre a falta de interesse histórico e a falta de justiça social.

Parlamento. "Julgamento sobre a ditadura e a necessidade da revolução espanhola."

06-06-1934.

220.- ...Todos nós que olhamos para o mundo depois de catástrofes como a Grande Guerra, e a crise, e depois de acontecimentos como a Ditadura e a República Espanhola, sentimos que há algo latente na Espanha e que exige cada dia mais insistentemente ser trazido à luz – e é o que eu sustentava aqui na outra noite – uma revolução que tem duas veias: a veia de uma profunda justiça social, que não há outra opção que não seja implementar, e a veia de um profundo sentido tradicional, de uma medula tradicional espanhola que talvez não resida onde muitos pensam e que deve ser rejuvenescida a todo custo.

Parlamento. "Romantismo, revolução, violência." 03-07-1934.

221.- ...se uma geração se dedicar à política, não pode se dedicar com o repertório de meia dúzia de frases com as quais muitas outras gerações caminharam pela política.

Parlamento. "Romantismo, revolução, violência." 03-07-1934.

222.- Pensamos como sempre, sem reservas mentais, na Espanha e nada mais que a Espanha; porque a Espanha é mais do que uma forma constitucional; porque a Espanha é mais do que uma circunstância histórica; ... A Espanha nunca poderá ser algo que se oponha ao conjunto das suas terras e a cada uma dessas terras.

Parlamento. "Sobre a Catalunha". 04-01-1934.

223.- Para salvar a continuidade desta Espanha melancólica, míope, triste, que precisa de um remédio urgente a cada dois anos, eles não podem contar conosco. É por isso que estamos sozinhos, porque vemos que devemos construir outra Espanha, uma Espanha que escape das garras do ressentimento e do medo pela única rota de fuga alta e decente, de cima, e de lá vem nosso grito de "Viva a Espanha!" Agora é mais profético do que nunca. Do alto queremos ver uma Espanha que volte a dar ao seu povo as três coisas que proclamamos no nosso grito: a Pátria, o pão e a justiça.

A Falange antes das eleições de 1936.

Discurso no Cinema Europa, Madri. 02-02-1936.

224.- Precisamos de duas coisas: uma nação e justiça social. Não teremos uma nação enquanto cada um de nós se considerar portador de um interesse diferente: o interesse de um grupo ou de uma facção. Não teremos justiça social enquanto cada classe, em estado de luta, quiser impor sua dominação sobre as outras. Portanto, nem o liberalismo nem o socialismo são capazes de nos dar as duas coisas de que precisamos.

"Nova luz na Espanha".

Artigo inédito destinado ao Patria Sindicalista, Zaragoza. Maio de 1934.

225.- A Espanha precisa da sua revolução; A Espanha precisa de uma revolução que restaure seu senso de propósito no mundo e a coloque em uma base social tolerável... A base social espanhola está saturada e atravessada por injustiças; Os espanhóis, em grande parte, ainda vivem no nível dos animais. O país espanhol, a nação espanhola, precisa de uma reorganização total da sua economia; Ela precisa de um senso social completamente novo e precisa se sentir unida em uma missão coletiva a ser cumprida.

Parlamento. "Como a justiça histórica é administrada." 21-03-1935.

226.- ...todas as revoluções foram incompletas até agora, pois nenhuma delas serviu, em conjunto, à ideia nacional de Pátria e à ideia de justiça social. Integramos essas duas coisas: a Pátria e a justiça social, e resolutamente, categoricamente, com base nesses dois princípios inabaláveis, queremos construir nossa revolução.

Discurso proclamando a Falange Espanhola dos JONS.

Teatro Calderon, Valladolid. 04-03-1934.

227.- Diante de uma vontade decidida de atacar, não basta uma intenção congelada e passiva de resistir. Uma fé deve ser combatida por outra fé. Nem mesmo nas melhores horas imperiais, quando há tanto que merece conservação, a intenção inerte de preservar é suficiente. Uma nação é sempre um empreendimento, e a Espanha é assim de uma maneira única. Ou ela é vítima de um destino universal ou é vítima de um rápido processo de desintegração.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16/01/1936.

228.- Não há ninguém que possa salvar o material; O importante é que a catástrofe das coisas materiais não destrua também os valores essenciais do espírito. E é isso que queremos salvar, custe o que custar...

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

229.- ...alguém nos dirá, por que vocês introduzem a política na Universidade? Por dois motivos: primeiro, porque ninguém, por mais especializado que seja numa tarefa, pode escapar ao desejo comum da política; Segundo, porque falar sinceramente sobre política é evitar o pecado daqueles que, escondendo-se atrás de um apolitismo hipócrita, introduzem a política no método científico.

"Direito e política". Conferência de abertura do curso SEU. 11-11-1935.

230.- (A missão da juventude espanhola é)... bem clara: levar a cabo por si mesma a construção de toda a Espanha harmoniosa; por si só, pelos próprios jovens que o sentem e o compreendem, sem intermediários ou administradores.

"Juventude ao ar livre." Acima, nº 18. 07-11-1935.

231.- Se o serviço à Espanha é algo eterno e incorruptível, contra o qual nenhuma conspirações ou obstáculos dos tempos podem fazer nada, para este melhor serviço – para o qual a entrega da própria vida pouco significa – todas as lições devem ser cuidadosamente extraídas. E para aprender essas lições, que são agilmente espanholas, pregamos a redescoberta das veias autênticas da Espanha.

"Lição gritada." Acima, nº 5. 18-04-1935

232.- ...seríamos apenas mais um partido se viéssemos a anunciar um programa de soluções concretas. Esses programas têm a vantagem de nunca serem cumpridos. Por outro lado, quando se tem um sentido permanente da história e da vida, esse próprio sentido nos dá soluções para coisas concretas, assim como o amor nos diz quando devemos lutar e quando devemos abraçar, sem que o amor verdadeiro tenha um programa mínimo de abraços e brigas.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

233.- Somente o embarque em empreendimentos mais elevados tornará absolutamente impossível criar um estado de espírito semelhante ao que facilitou o golpe criminoso na Catalunha.

"Lição gritada." Acima, nº 5. 18/04/1935.

234.- ...vereis como reconstruímos a dignidade do homem para reconstruir sobre ela a dignidade de todas as instituições que, juntas, constituem a Pátria.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935

II - O INSTRUMENTO DA REVOLUÇÃO

235.- ...com uma candura risível, aconselhavam, como remédio, um retorno puro e simples às velhas tradições, como se a tradição fosse um estado e não um processo, e como se fosse mais fácil para as pessoas do que para os homens realizar o milagre de andar para trás e retornar à infância.
Entre uma e outra dessas atitudes, alguns de nós pensamos se não seria possível chegar a uma síntese das duas coisas: da revolução – não como pretexto para desorganizar tudo, mas como oportunidade cirúrgica para refazer tudo com pulso firme a serviço de uma norma – e da tradição – não como remédio, mas como substância; não com a intenção de copiar o que os grandes antigos fizeram, mas com a intenção de adivinhar o que eles fariam em nossas circunstâncias.

"Tradição e revolução."

Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

236.- Fruto dessa preocupação de alguns, nasceu a Falange. Duvido que qualquer movimento político tenha vindo ao mundo com um processo interno mais austero, com uma elaboração mais severa e com um sacrifício mais autêntico por parte de seus fundadores, para quem — quem saberia tão bem quanto eu? — poucas coisas são mais amargas do que ter que gritar em público e sofrer a vergonha das exibições.

"Tradição e revolução."

Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

237.- Nossos irmãos do J.O.N.S. Guiados por Ramiro Ledesma, eles foram os primeiros a abrir o difícil espaço. Eles foram os primeiros guerrilheiros do novo estilo, os galos de março que cantavam escandalosa e ferozmente na suave primavera da Espanha, que hoje nos presenteia por toda parte com sua irresistível explosão de verde.

"FÉ e JONS". FE, No. 7. 22-02-1934.

238.- Nosso movimento... se conecta... com a revolução de 14 de abril. A ocasião da nossa aparição na Espanha foi 14 de abril de 1931. Esta data... foi vista de pontos de vista muito diferentes; Como todas as datas históricas, ela foi vista com certa falta de jeito e vulgaridade.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

239.- F.E. e J. O. N. S. foram dois movimentos idênticos, oriundos do mesmo estado de espírito ético e patético, com raízes intelectuais comuns, nascidos da mesma autenticidade espanhola simples. Ambas foram e são colocadas a serviço das mesmas grandes invariantes da história do país e nutridas da mesma relevância técnica e universal diante das vicissitudes dos tempos.

"FÉ e JONS". FE, No. 7. 22-02-1934.

240.- Dois movimentos, com um objetivo idêntico e uma técnica idêntica, além disso baseados no princípio inabalável da unidade e da abolição dos partidos, não tinham outro remédio senão aniquilar-se um ao outro, o que teria sido desumano, pouco inteligente e absurdo, ou fundir-se num só, tão logo a vitalidade já por demais evidente de ambos tivesse sido demonstrada. Uma vez feita a união, a sorte sorriu para nós em tudo.

"FÉ e JONS". FE, No. 7. 22-02-1934.

241.- Unimo-nos desde o alto como seres nobres e generosos, para defender abnegadamente a Pátria e não por interesses particulares subordinados que unem partidos de classe sob máscaras de grandes princípios. Não temos interesses de classe subordinados, e qualquer um que nos conhece e nos observa de perto e profundamente sabe disso. Fomos unidos não apenas pelas coisas mais elevadas e nobres, mas pela emoção, mais ainda do que pela inteligência. O sangue dos nossos mortos nos uniu e é o que selou nosso pacto. Aqui embaixo nos abraçamos num único fardo; Mas lá em cima, acima do céu azul da Espanha, José Ruiz de la Hermosa e Matías Montero y Rodríguez de Trujillo estão se abraçando forte hoje.

"FÉ e JONS". FE, No. 7. 22-02-1934.

242.- Com as J.O.N.S., hoje mais ainda que ontem, ao nos constituirmos em um único grupo de combate, não somos absolutamente "nem de esquerda nem de direita", isto é, da Espanha, da Justiça, da comunidade total do destino dos povos como integridade vitoriosa das classes e dos partidos.

"FÉ e JONS". FE, No. 7. 22-02-1934.

243.- Nosso movimento... não é uma maneira de pensar, é uma maneira de ser. Não devemos propor apenas construção, arquitetura política. Devemos adotar, diante da vida como um todo, em cada uma de nossas ações, uma atitude humana, profunda e completa. Essa atitude é o espírito de serviço e sacrifício, o sentido ascético e militar da vida.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

244.- Aqui ninguém é nada, mas uma peça, um soldado nesta obra, que é a nossa obra e a da Espanha.
Discurso proclamando a Falange Espanhola dos JONS.

Teatro Calderon, Valladolid. 04-03-1934.

245.- Só há duas maneiras sérias de viver: a religiosa e a militar (ou, se preferirem, só uma, porque não há religião que não seja milícia, nem milícia que não seja aquecida por um sentimento religioso); E é hora de entendermos que a Espanha deve ser restaurada com esse sentido religioso e militar da vida.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

246.- A disciplina e a servidão cantam sobre as cabeças de uma geração que aspira a tornar impossível um novo ataque contra o ser inteiro e eterno da Espanha.

"Lição gritada." Acima, nº 5. 18/04/1935.

247.- A milícia levanta sua bandeira de recrutamento em todos os cantos da consciência nacional. Para aqueles que ainda mantêm sua dignidade como homens, como patriotas. Para aqueles que ainda sentem o pulsar do sangue espanhol em seus pulsos e ouvem em suas almas a voz de seus ancestrais, enterrados em sua pátria solar, e cujos corações ecoam com o eco familiar das glórias dos homens de sua nação e de sua raça que clamam por sua perpetuidade.

"Sentido heroico da milícia." Do, No. 6. 16-07-1935.

248.- A milícia é uma exigência, uma necessidade inelutável dos homens e dos povos que querem salvar-se, um ditame irresistível para aqueles que sentem que a sua pátria e a continuidade do seu destino histórico exigem, em torrentes incruentas de gritos, em ondas de vozes imperiais e imperiosas, a sua integração numa força hierárquica e disciplinada, sob o comando de um chefe, com a obediência de uma doutrina, na ação de uma única tática generosa e heróica.

"Sentido heroico da milícia." Do, No. 6. 16-07-1935.

249.- Viveste diariamente a tensa existência da Falange; Você passou a entender a vida através de uma atitude completa, um sentido total, aplicável tanto ao grande quanto ao pequeno; Sua boa aparência se tornou a mesma que a graça da camisa azul; você adquiriu um vocabulário inconfundível.

"Enquanto a Espanha tira uma soneca." Do, No. 7. 19-07-1935.

250.- O que menos importa no movimento que agora anuncia sua maré alta na Europa é a tática da força, meramente adjetiva, circunstancial e desnecessária em alguns países.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

251.- Quase sempre, começar com fotos é a melhor maneira de chegar a um entendimento.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

252.- ...se isto deve ser alcançado em qualquer caso pela violência, não paremos na violência. Pois quem disse – ao falar de "tudo menos violência" – que a hierarquia suprema dos valores morais está na gentileza? Quem disse que quando nossos sentimentos são insultados, em vez de reagir como homens, somos obrigadas a ser gentis? Sim, a dialética é uma coisa boa como primeiro instrumento de comunicação. Mas não há dialética mais admissível do que a dialética dos punhos e das pistolas quando a justiça ou a Pátria são ofendidas.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

253.- Se não houvesse outro meio senão a violência, que importância teria? Todos os sistemas foram implementados violentamente, até mesmo o liberalismo brando (a guilhotina de 1993 é responsável por muito mais mortes do que Mussolini e Hitler juntos).
A violência não é sistematicamente repreensível. É quando é usado contra a Justiça. Mas mesmo São Tomás, em casos extremos, admitiu rebelião contra o tirano. Assim, usando a violência contra uma seita triunfante, semeadora de discórdia, negadora da continuidade nacional e obediente a slogans estrangeiros (Internacional de Amsterdã, Maçonaria, etc.). Por que você desqualificaria o sistema que implementa tal violência?

"Violência e justiça." Carta a Julian Pemartin. 02-04-1933.

254.- Não queremos vegetar na velha ordem. Sob seu governo, a Espanha suportou a humilhação internacional, a desunião interna, a apatia das grandes empresas, o abandono, a sujeira e a vida subumana de milhões de pessoas...
...A Espanha deve ser mobilizada de cima a baixo e colocada em pé de guerra. A Espanha precisa se organizar de uma vez, não ficar de cama como um doente sem vontade de melhorar, em meio às pomadas e cataplasmas da boa administração.

"Enquanto a Espanha tira uma soneca." Do, No. 7. 19-07-1935.

255.- ...nós, que não somos nem de direita nem de esquerda, que sabemos que ambas as posições são incompletas, insuficientes, mas que não ignoramos, contudo, que à direita e à esquerda, como que à espera da voz que a redima, está todo o material humano de que a Espanha dispõe...

A Falange antes das eleições de 1936.

Discurso no Cinema Europa, Madri. 02-02-1936.

256.- ...os membros desse grupo de jovens do qual faço parte consideram que não só é ruim uma ditadura de direita e uma ditadura de esquerda, mas que já é ruim que haja uma posição política de direita e uma posição política de esquerda.

Parlamento. "Conceito de Estado". 19-12-1933.

257.- Não estamos nem no grupo de reação monárquica, nem no grupo de reação populista. Nós, diante da fraude do 14 de abril, diante da trapaça do 14 de abril, não podemos estar em nenhum grupo que tenha, mais ou menos oculto, um propósito reacionário, um propósito contrarrevolucionário, porque argumentamos precisamente contra o 14 de abril, não que tenha sido violento, não que tenha sido incômodo, mas que tenha sido estéril, que tenha frustrado mais uma vez a iminente revolução espanhola. E é por isso que nós, contra todos os insultos, contra todas as deformações, o que fazemos é recolher do meio da rua, entre aqueles que o tiveram e o abandonaram, e aqueles que não o querem recolher, o sentido, o espírito revolucionário espanhol que, cedo ou tarde, por bem ou por mal, nos devolverá a comunidade do nosso destino histórico e a profunda justiça social que nos falta. É por isso que nosso regime, que terá em comum com todos os regimes revolucionários o fato de provir do descontentamento, do protesto, do amor amargo à Pátria, será um regime completamente nacional, sem patriotismo, sem a farsa da decadência, mas vinculado à Espanha exata, difícil e eterna que esconde a veia da verdadeira tradição espanhola; e será social em profundidade, sem demagogia, porque não será necessário, mas implacavelmente anticapitalista, implacavelmente anticomunista.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

258.- ...sentimos, não a vanguarda, mas todo o exército de uma nova ordem que deve ser estabelecida na Espanha; que deve ser implementado na Espanha, digo eu, e ambiciosamente, porque a Espanha é assim, acrescento; de uma nova ordem que a Espanha deve comunicar à Europa e ao mundo.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

259.- A Falange é serva de dois extremismos, de dois misticismos: o da revolução cristã e civilizadora permanente e o da revolução moderna, reivindicativa e popular atual. A Falange pode limpar, consertar e dar esplendor a tudo o que é sujo, incerto, deformado e opaco à esquerda e à direita, mas que à esquerda e à direita responde a raízes profundas e mal cultivadas, desenvolvidas em árvores cruéis e retorcidas.

Dessa dupla correção surge a integridade do nosso Estado, que está ligado por seus dois extremos à fundação de um país que permanece em grande parte tradicional e católico, e à fundação de um país que, por outro lado, fervilha de reivindicações modernas e populares. Dessa forma, a Falange, em sua revolução ordenada, combina consciência de modernidade e consciência de eternidade, isto é, plenitude de consciência histórica.

"Em tempos difíceis" (sic).

260.- Nosso movimento não vinculará de forma alguma seu destino ao interesse de grupo ou de classe que está por trás da divisão superficial entre direita e esquerda.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

261.- ...muitas pessoas que supunham que havíamos vindo ao mundo para arriscar nossas vidas em defesa de sua própria paz, até mesmo em jornais conservadores nos censuravam por não ceder ao assassinato; Eles imaginaram que estávamos arriscando nossas vidas e as vidas de nossos jovens camaradas para que seu descanso não fosse perturbado.

Parlamento. "Romantismo, revolução, violência." 03-07-1934.

262.- ...já que tais e tais modelos circularam pelo mundo, e já que um dos traços característicos dos espanhóis é sua completa falta de interesse em compreender o próximo, nada poderia ser menos parecido com o sentido dramático da Falange do que as interpretações que floresceram em torno dela nas mentes de amigos e inimigos. Desde aqueles que, sem mais delongas, acreditavam que éramos uma organização voltada para a troca de golpes, até aqueles que, com mais força intelectual, nos consideravam favoráveis à absorção do indivíduo pelo Estado; Desde aqueles que nos odiavam como representantes da reação mais negra, até aqueles que supunham que nos amavam tanto que viam em nós uma futura salvaguarda para sua digestão, quanta estupidez alguém deve ter lido e ouvido sobre nosso movimento! Em vão viajamos pela Espanha gritando em discursos; Editamos jornais em vão; O espanhol, firme em suas primeiras conclusões infalíveis, negou-nos, mesmo como caridade, o que mais valorizaríamos: um pouco de atenção.

"Tradição e revolução."

Prólogo do livro Arriba España, de J. Pérez de Cabo. Agosto de 1935.

263.- ...porque o fascismo tem uma série de acidentes externos, intercambiáveis, que não queremos aceitar de forma alguma; As pessoas, pouco inclinadas a fazer distinções delicadas, jogam todos os atributos do fascismo em nós, sem ver que nós apenas assumimos do fascismo aquelas essências de valor permanente...
...essa sensação de acreditar que o Estado tem algo a fazer e algo em que acreditar é o que o fascismo tem como conteúdo permanente, e isso pode muito bem ser separado de todos os floreios, de todos os acidentes e de todos os enfeites do fascismo, nos quais há alguns que eu gosto e outros que eu não gosto nem um pouco.

Parlamento. "Romantismo, revolução, violência." 03-07-1934.

264.- Porque se nos lançamos aos campos e cidades da Espanha com muito trabalho e com algum perigo, que não importa, para pregar esta boa nova, é porque, como já vos disseram todos os companheiros que falaram antes de mim, estamos sem Espanha. A Espanha está dividida em três tipos de secessões: separatismo local, luta entre partidos e divisão entre classes.

Discurso proclamando a Falange Espanhola dos JONS.

Teatro Calderon, Valladolid. 04-03-1934.

265.- A Falange não existe. A Falange não tem importância alguma. É o que dizem. Mas nossas palavras já estão no ar e no chão. E nós, no pátio da prisão, sorríamos sob o sol. Sob este sol de primavera, em que tantos brotos aparecem.

"Prieto se aproxima da Falange." Here We Are, nº 1, em Palma de Maiorca. 23-05-1936.

266.- Desde que se disse que deixamos de existir, não há um só aspecto da vida espanhola que não esteja tingido pela nossa presença. Não estou mais falando de fascismo ou antifascismo. Estou falando especificamente sobre a ideologia e o vocabulário da Falange. Bastaria recordar aquelas palavras que eram usadas em slogans políticos até três anos atrás: "direita", "esquerda", "povo da ordem", "democracia", "reformas sociais"... Quem ousaria negar seu desaparecimento? Será que mesmo movimentos que cumpriram uma missão considerável em seu tempo ousariam empregar sem modificações sua antiga declaração enumerativa: "religião", "pátria", "família", "ordem", "propriedade"?

Claramente, cada um desses slogans ainda rotula valores humanos fundamentais; mas eles não podem mais se jogar nessa situação desse jeito. As letras ainda podem ser interessantes, mas a música envelheceu lamentavelmente. A luta política adquiriu um tom e profundidade diferentes. Por fim, aqueles que não estavam na linha marxista perceberam que é preciso confrontar o marxismo, cavando até as raízes que ele explora. Simplificando, é um antídoto inútil ao marxismo que não parte desta consideração: o mundo... está testemunhando os minutos culminantes do fim de uma era. Talvez da era capitalista liberal; talvez de uma mais espaçosa, da qual o capitalismo liberal foi o último estágio. Estamos na iminência de uma "invasão bárbara"; de uma catástrofe histórica do tipo que geralmente ocorre como o ápice de cada era. A frivolidade nunca foi tão legítima quanto agora. Raramente a existência recuperou sua qualidade religiosa e militante como agora. As lacunas dos nossos dias se recusam a cicatrizar falsamente. Devemos pedir ajuda às últimas reservas vitais, àqueles que, nas horas ascendentes, conseguiram construir as nações. Daí a palavra dos nossos dias: "o nacional"; o nacional disse como propaganda de uma missão, de uma tarefa, não como um vago orçamento das tarefas de todas as partes. Agora muitos agitam o estandarte nacional. Mas na política ativa, com esse sentido preciso, poético e combativo, os primeiros a pronunciar a palavra "nacional" foram os homens da Falange Espanhola.

E com ela toda uma dialética, toda uma poética, todo um rigor formal feito, antes de tudo, de renúncias. No começo éramos poucos e nossa voz era fraca. Em nenhum caso tivemos grandes órgãos de publicidade. Realizamos eventos, mas eles quase sempre eram abafados por uma imprensa em parte hostil e em parte desconfiada. Entretanto, através das formas misteriosas pelas quais a religião se espalha, nossos slogans, nossas teses, estavam se tornando contagiosos e se espalhando. Neste momento não há um único político espanhol que não tenha adotado, mais ou menos abertamente, pontos e perfis do nosso vocabulário.

"Prieto se aproxima da Falange." Here We Are, nº 1, em Palma de Maiorca. 23-05-1936.

267.- Espanta-me que, mesmo depois de três anos, a grande maioria dos nossos compatriotas persista em julgar-nos sem sequer ter começado a compreender-nos, e sem sequer ter procurado ou aceitado a mínima informação. Se a Falange se estabelecer como algo duradouro, espero que todos sintam a dor de ter derramado tanto sangue por não termos aberto um espaço de atenção calma entre a raiva de um lado e a antipatia do outro.

Testamento de José Antonio. 18-11-1936.

268.- Enquanto tantas aparências infladas ruíram ao primeiro golpe da adversidade, a Falange, sem dinheiro e perseguida, é a única que mantém sua fé alegre no ressurgimento da Espanha e sua frente dura contra assassinatos e atrocidades.

Comunicação aos membros do FE e JONS escrita nas masmorras

da Direção Geral de Segurança. 14-03-1936.

269.- Viemos lutar para que um Estado totalitário possa fazer chegar a mesma quantidade de seus bens aos poderosos e aos humildes.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

270.- Para estas coisas, que não são negociações, mas tarefas, o nosso esforço é sem mesquinharia. À sombra desta bandeira estamos dispostos a alistar-nos – os primeiros ou os últimos – numa Frente Nacional. Não para ganhar eleições com efeitos efêmeros, mas com vocação para a permanência. Parece-nos monstruoso que o destino da Espanha tenha que ser decidido a cada dois anos pelo acaso das urnas. Que a cada dois anos nos envolvemos no jogo trágico em que, com gritos, subornos, tolices e insultos, tudo o que é permanente na Espanha é posto em risco e a harmonia do povo espanhol é quebrada. Queremos a Frente Nacional para um trabalho coletivo de longo prazo. Para um domingo de eleições, pela vaidade de alguns minutos, não. Para nós, esta situação eleitoral representa apenas uma etapa. Confiamos que, quando isso acabar, não ficaremos sozinhos na empreitada que estas linhas prenunciam. Mas sozinhos ou acompanhados, enquanto Deus nos der forças, continuaremos, sem orgulho nem decadência, com a alma tranquila, no nosso trabalho artesanal e militante.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16/01/1936.

271.- Foi inútil para a Falange Espanhola do J.0.N.S. repetidamente levantou sua voz contra um sistema político que brinca com o país em uma dança alternativa entre a direita e a esquerda. Foi inútil repetir que o destino e o interesse nacional são sempre os mesmos e não podem ser vistos nem pela direita nem pela esquerda, mas sim em toda a sua integridade. Apesar de tais pregações, os partidos de esquerda se esforçaram para nos caluniar, apresentando-nos, sabendo muito bem que mentiam, como defensores de um sistema capitalista que consideramos detestável, e os direitistas preferiram agrupar-se em torno dos líderes que apresentavam programas mais cômodos, ainda que sacrificassem toda a emoção juvenil, espanhola e profunda ao conforto de tais programas.
... Falange Espanhola do J.O.N.S. Não tem nada a ver diretamente com esse caos em que a decomposição cada vez mais fétida de um sistema político moribundo mergulhou a Espanha.

"Um manifesto para a Espanha". FE, No. 12. 28-04-1934.

272.- Se o resultado das votações for contrário, perigosamente contrário ao destino eterno da Espanha, a Falange, com suas forças, relegará as votações ao último lugar do desprezo. Se, depois da votação, triunfante ou derrotada, os inimigos da Espanha, os representantes de um sentido material que contradiz a Espanha, quiserem tomar novamente o poder, então mais uma vez a Falange, sem se gabar, mas sem desmaiar, estaria em seu lugar como estava há dois anos, como estava há um ano, como estava ontem, como sempre esteve.

A Falange antes das eleições de 1936.

Discurso no Cinema Europa, Madri. 02-02-1936.

273.- Nossa Falange, portadora da nova fé, fará da Espanha novamente uma nação e estabelecerá nela a justiça social. Ele lhe dará pão e fé. Meio de vida decente e alegria imperial.

"Nova luz na Espanha".

Artigo inédito destinado ao Patria Sindicalista, Zaragoza. Maio de 1934.

274.- Que Deus faça com que sua ardente engenhosidade nunca seja utilizada para outro serviço que não o da grande Espanha com que sonha a Falange.

Testamento de José Antonio. 18-11-1936.

III - A TEORIA DA REVOLUÇÃO

(A)

275.- O essencial é o significado histórico e político do movimento: a compreensão do seu valor para o futuro. Isso deve estar claro nas mentes e almas dos responsáveis.

"Carta a um soldado espanhol." Novembro de 1934.

276.- A construção de uma nova ordem deve começar pelo homem, pelo indivíduo, como ocidentais, como espanhóis e como cristãos; Temos que começar pelo homem e passar pelas suas unidades orgânicas, e assim subiremos do homem à família, e da família ao Município e, por outro lado, à União, e culminaremos no Estado, que será a harmonia de tudo.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

277.- Eis o que exige o nosso sentido total da Pátria e do Estado que a deve servir:
Que todos os povos da Espanha, por mais diversos que sejam, se sintam harmonizados em uma unidade irrevogável de destino.
Deixem os partidos políticos desaparecerem.
Ninguém jamais nasceu membro de um partido político; Em vez disso, todos nós nascemos como membros de uma família; somos todos vizinhos de um Município; todos nós nos esforçamos para fazer um trabalho.
Ora, se estas são as nossas unidades naturais, se a família, o Município e a corporação são aquilo por que verdadeiramente vivemos, por que precisamos do instrumento intermediário e pernicioso dos partidos políticos, que, para nos unir em grupos artificiais, começam por nos desunir nas nossas realidades autênticas?
Queremos menos discurso liberal e mais respeito pela profunda liberdade do homem.

Queremos que todos se sintam membros de uma comunidade séria e completa; Ou seja, são muitas funções a serem desempenhadas: algumas, com trabalho manual; outros, com a obra do espírito; alguns, com domínio de costumes e refinamentos. Mas numa comunidade como a que desejamos, que fique claro desde já, não deve haver hóspedes nem drones. Não queremos que sejam celebrados direitos individuais que nunca poderão ser cumpridos nas casas dos famintos, mas sim que cada homem, cada membro da comunidade política, receba, em virtude de sua seriedade, os meios para ganhar a vida de forma humana, justa e digna por meio de seu trabalho. Queremos que o espírito religioso, chave dos melhores arcos da nossa História, seja respeitado e protegido como merece, sem que o Estado interfira em funções que não são suas ou compartilhe – como fez, talvez por interesses alheios aos da verdadeira Religião – funções que ele próprio deveria desempenhar. Queremos que a Espanha recupere resolutamente o sentido universal da sua cultura e da sua história.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

278.- ...queremos... que o movimento deste dia, e o Estado que ele cria, seja o instrumento eficaz, autoritário, a serviço de uma unidade indiscutível, dessa unidade permanente, dessa unidade irrevogável que se chama Pátria.

Discurso sobre a fundação da Falange. Teatro de Comédia, Madri. 29-10-1933.

279.- ...queremos que todos os povos da Espanha sintam, não apenas o patriotismo elementar com que a terra nos atrai, mas o patriotismo da missão, o patriotismo do transcendental, o patriotismo da grande Espanha.

Parlamento. "Sobre a Catalunha". 04-01-1934.

(B)

280.- Eis uma grande e bela tarefa para aqueles que verdadeiramente consideram a pátria como uma tarefa: aliviar sua vida econômica da ventosa capitalista, que está inevitavelmente destinada a explodir no comunismo; Injetar a riqueza dos lucros que o capitalismo parasitário absorve na rede viva dos produtores genuínos alimentaria a pequena propriedade privada, libertaria verdadeiramente o indivíduo, que não é livre quando tem fome, e preencheria verdadeiras unidades orgânicas com substância econômica:

a família, o Município, com o seu património comunitário reconstruído, e a União, não um simples representante daqueles que têm de alugar o seu trabalho como mercadoria, mas sim o beneficiário do produto obtido através do esforço daqueles que o compõem.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16/01/1936.

281.- A única maneira de resolver o problema é alterar a organização da economia de cima para baixo. Esta revolução na economia não consistirá – como dizem que queremos, aqueles que dizem tudo porque lhes fica nos ouvidos, sem gastar cinco minutos a examiná-lo – na absorção do indivíduo pelo Estado no panteísmo estatal.
A revolução total, a organização total da Europa, deve começar com o indivíduo, porque aquele que mais sofreu com essa desordem, aquele que se tornou uma molécula pura, sem personalidade, sem substância, sem conteúdo, sem existência, é o pobre indivíduo, que foi o último a perceber as vantagens da vida. Toda a organização, toda a nova revolução, todo o fortalecimento do Estado e toda a reorganização econômica serão direcionados para incorporar ao gozo das vantagens aquelas enormes massas desarraigadas pela economia liberal e pela tentativa comunista.
Isso se chama absorção do indivíduo pelo Estado? O que acontece é que então o indivíduo terá o mesmo destino que o Estado, que o Estado terá dois objetivos muito claros: o que sempre dissemos: um, para fora, para afirmar a pátria; outra, interior, para tornar um maior número de homens mais felizes, mais humanos, mais participantes da vida humana. E no dia em que o indivíduo e o Estado, integrados em total harmonia, retornarem à total harmonia, tiverem um único fim, um único destino, uma única sina a percorrer, então o Estado poderá ser forte sem ser tirânico, porque só usará sua força para o bem e a felicidade de seus súditos.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

282.- Os trabalhadores só conhecem o Nacional-Sindicalismo através das versões dos seus inimigos. É por isso que acreditam que ele é um instrumento do capitalismo, quando justamente uma de suas razões de existir é o propósito de desmantelá-lo.

Entrevista realizada pelo jornalista Ramón Blardony em Alicante. 16-07-1936.

283.- Os trabalhadores são o sangue e o solo da Espanha, são parte de nós. Não os consideremos inimigos, mesmo que gritem contra nós. Não, camaradas; Nem todos aqueles que olham com maus olhos quando você divulga nosso jornal, quando você distribui nossos jornais, são inimigos. Eles fazem parte da nossa Falange.

"Frente vermelha" (sic).

284.- O hóspede ocioso convidado à vida sem contribuir em nada para as tarefas comuns é um tipo destinado a desaparecer em qualquer comunidade bem governada... O papel do hóspede que não paga está a caminho da extinção no mundo.

"Señoritismo". FE, No. 4. 25-01-1934

285.- Desmantelaremos o aparato econômico da propriedade capitalista que absorve todos os benefícios, para substituí-lo pela propriedade individual, propriedade familiar, propriedade comunal e propriedade sindical.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

(C)

286.- ...o Estado espanhol pode limitar-se a cumprir as funções essenciais do Poder, delegando não só a arbitragem, mas também a regulação completa, em muitos aspectos econômicos, a entidades de grande linhagem tradicional: aos Sindicatos, que já não serão arquiteturas parasitárias, segundo a abordagem atual da relação de trabalho, mas integridades verticais de todos aqueles que cooperam para levar a cabo cada ramo da produção.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

287.- No Estado fascista – e os trabalhadores logo o descobrirão, gostem ou não – os sindicatos operários são elevados à dignidade direta de órgãos do Estado.

"Crise do liberalismo" (1ª Carta a J.I. Luca de Tena). Jornal ABC. 22-03-1933.

288.- Economicamente, F. E. de las J. O. N. S. tende ao sindicalismo total; Ou seja, que a mais-valia da produção permanece inteiramente em poder do Sindicato orgânico e vertical dos produtores, a quem sua própria força econômica forneceria o crédito necessário para produzir, sem necessidade de alugá-lo - a alto preço - ao Banco. Talvez essas linhas econômicas tenham mais semelhanças com o programa alemão do que com o italiano.

Entrevista realizada pelo jornalista Ramón Blardony em Alicante. 16-07-1936.

289.- Os sindicatos são confrarias profissionais, confrarias de trabalhadores, mas ao mesmo tempo organismos verticais dentro da integridade do Estado. E cumprindo as humildes tarefas cotidianas e pessoais, tem-se a certeza de que se é um órgão vivo e indispensável no corpo da Pátria. O Estado fica assim aliviado de mil tarefas que agora desempenha desnecessariamente. Ele só reserva as da sua missão diante do mundo, diante da História.

"Estado, indivíduo e liberdade."

Conferência sobre curso de treinamento FE e JONS. 28-03-1935.

290.- Num desenvolvimento futuro que parece revolucionário e é muito antigo, que foi a construção das velhas corporações europeias, conseguir-se-á não alienar o trabalho como mercadoria, não manter esta relação bilateral de trabalho, mas todos os que participam na tarefa, todos os que formam e completam a economia nacional, serão constituídos em Uniões Verticais, que não necessitarão nem de comissões mistas nem de peças de ligação, porque funcionarão organicamente como funciona o Exército, por exemplo, sem que ninguém tenha pensado em formar comissões mistas de soldados e chefes.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

291.- Com o que queremos..., em que o trabalhador participe muito mais, em que o sindicato dos trabalhadores tenha uma participação direta nas funções do Estado, não vamos fazer avanços sociais um a um, como quem faz concessões em uma disputa de barganha, mas estruturaremos a economia de cima para baixo de uma forma diferente, sobre outras bases, e então acontecerá que se conseguirá uma ordem social muito mais justa.

Parlamento. "Doutrina da Revolução Espanhola." 06-11-1934.

292.- Ir para o campo, sim. Você verá mais e melhor quando fizer o Estado nele.

"Vá para o campo" (sic).

293.- Iremos àqueles campos e àquelas cidades da Espanha para transformar seu desespero em impulso. Para incorporá-los em uma empresa para todos. Para transformar em ímpeto o que hoje é a justa ferocidade dos vermes confinados em aldeias, sem uma única das graças ou prazeres da vida de um homem. Nossa Espanha está nos penhascos e nas curvas. Lá a encontraremos, enquanto no palácio das Cortes alguns grupos enjaulam sua vitória sem asas.

"Vitória sem asas." FE, n.º 1. 07-12-1933 (censurado). Acima, nº 23. 12-12-1935.

294.- Com uma reforma agrária inteligente, como a que Onésimo Redondo vos apresentou, e com uma reforma creditícia que resgatasse os camponeses, os pequenos industriais, os pequenos comerciantes, das garras de ouro da usura bancária, com essas duas coisas haveria trabalho suficiente para conseguir, durante cinquenta anos, a felicidade do povo espanhol.

Discurso sobre a Revolução Espanhola. Cinema Madrid, Madrid, 19-05-1935.

295.- ...são necessárias duas coisas: uma reforma creditícia, uma transição para a nacionalização do serviço de crédito e uma reforma agrária que delimite as áreas cultiváveis e as unidades econômicas de cultivo, instale nelas de forma revolucionária os camponeses e devolva à floresta e à pecuária as terras impróprias para a semeadura que hoje são arranhadas por multidões de infelizes condenados à fome perpétua.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16/01/1936.

296.- A vida rural espanhola é absolutamente intolerável. A reforma agrária é algo mais amplo do que o parcelamento, a divisão de grandes propriedades, a agregação de pequenas propriedades. A reforma agrária é algo muito maior, muito mais ambicioso, muito mais completo; É um empreendimento atraente e magnífico, que provavelmente só pode ser alcançado em circunstâncias revolucionárias.

Parlamento. "Reforma agrária." 23/24-07-1935.

297.- A reforma agrária não é para nós apenas um problema técnico, econômico, a ser estudado friamente pelas escolas; a reforma agrária é a reforma total da vida espanhola. A Espanha é quase toda rural. O campo é a Espanha; O fato de que no campo espanhol condições de vida intoleráveis são impostas à classe trabalhadora não é apenas um problema econômico: é todo um problema religioso e moral. É por isso que é monstruoso abordar a reforma agrária apenas com um critério econômico; É por isso que é monstruoso colocar o interesse material em conflito com o interesse material, como se fosse a única coisa em jogo; Por isso é monstruoso que aqueles que se defendem da reforma agrária reivindiquem apenas títulos de direitos patrimoniais, como se aqueles do outro lado, aqueles que clamam por sua fome secular, aspirassem apenas à posse patrimonial e não à plena possibilidade de viver como seres religiosos e humanos.
Esta reforma agrária também terá dois capítulos: primeiro, a reforma econômica; segundo, reforma social.

Discurso de encerramento do II Conselho Nacional. Cinema Madrid, Madri, 17-11-1935.

298.- A reforma agrária espanhola deve ter duas partes, e se não o fizer, não será mais que um remédio parcial, e provavelmente um agravamento das coisas. Em primeiro lugar, exige uma reorganização econômica do solo espanhol. Nem todo o solo espanhol é habitável, longe disso; Nem todo solo espanhol é arável. Existem vastos territórios em solo espanhol onde ser colono ou pequeno proprietário equivale a perpetuar uma miséria da qual nem pais, nem filhos, nem netos jamais serão resgatados. Existem terras absolutamente pobres, onde o esforço ininterrupto de geração após geração só consegue produzir quatro ou cinco sementes para uma. Manter os habitantes da Espanha presos nessas terras é condená-los para sempre a uma miséria que se estenderá aos seus descendentes até a décima geração.
Na Espanha, devemos começar designando as áreas habitáveis do território nacional. Essas áreas habitáveis constituem uma parte que talvez não exceda um quarto desse território; e dentro dessas áreas habitáveis as unidades de cultivo devem ser redefinidas. Não se trata de grandes ou pequenas propriedades; É uma questão de unidades de cultivo econômico. Há lugares onde a grande propriedade é indispensável – a grande propriedade, não o grande proprietário de terras, que é outra coisa – porque somente o cultivo em larga escala pode compensar as grandes despesas necessárias para que o cultivo seja bom. Há lugares onde a pequena propriedade é uma unidade de cultivo estimável; Há lugares onde a pequena propriedade é uma unidade desastrosa.

Parlamento. "Reforma agrária." 23/24-07-1935.

299.- E, depois disso, ter a coragem de deixar que as terras incultiváveis voltem à floresta, à nostalgia da floresta das nossas terras calvas, devolvê-las a pastos, para que renasça a nossa riqueza pecuária, que nos fez fortes e robustos; devolva tudo o que não é cultivo; nunca mais colocar um arado em sua pobreza. Uma vez delimitadas as terras aráveis da Espanha, proceda, ainda dentro da operação econômica, à reconstrução das unidades de cultivo. Nosso Conselho Nacional trabalhou admiravelmente nisso. Em termos gerais, podem ser identificados três tipos de cultivo, uma vez que, deste ponto de vista, os das regiões do Norte e do Levante podem ser comparados até certo ponto; Existem três tipos de culturas: as grandes culturas de sequeiro, que exigem industrialização e utilização de todos os meios técnicos necessários para que possam produzir economicamente, e que devem estar sujeitas a um regime de união; pequenas culturas, geralmente culturas irrigadas ou culturas em terras de zonas húmidas: estas devem ser divididas em parcelas para formar a unidade familiar: mas como acontece que em muitas destas terras a parcelação foi exagerada e deu origem a minifúndios antieconómicos, que em muitos casos serão parcelamentos, noutros serão agrupamentos para que se formem unidades de cultivo familiar, reservas de cultivo familiar, ou serão regidas por um regime familiar empresarial, para o fornecimento de instrumentos e para a colocação dos produtos; E há outras grandes áreas, como, por exemplo, os olivais, de interesse excepcional para a Espanha, onde o cultivo deixa longos períodos de meses de desemprego total para os homens. Terras desse tipo precisam ser complementadas, seja por pequenos campos irrigados, para onde os trabalhadores se deslocam durante os períodos de desemprego involuntário, seja pela instalação de pequenas indústrias, acessórias à agricultura, para que os agricultores possam viver durante esses longos períodos.

Uma vez feita esta classificação das terras; Uma vez estabelecidas essas unidades econômicas de cultivo, chega o momento de realizar a reforma social da agricultura. Considere o seguinte: em que consiste a reforma da agricultura do ponto de vista social? Consiste no seguinte: devemos tomar o povo espanhol, faminto há séculos, e resgatá-lo das terras áridas onde perpetuam sua miséria; deve ser transferido para novas terras aráveis; Ela deve ser instalada, sem demora, sem esperar séculos, como exige a lei da contrarreforma agrária, em boas terras. Você pode dizer: mas pagar os donos ou não? E eu vos respondo: Não sabemos isto; Dependerá das condições financeiras do momento. Mas o que eu estou dizendo a vocês é o seguinte: enquanto ainda não se sabe se temos condições financeiras de pagar pela terra, o que não se pode exigir é que aqueles que passam fome há séculos suportem a incerteza se haverá ou não uma reforma agrária; Aqueles que estão com fome há séculos devem ser instalados como primeira medida;

então veremos se as terras estão pagas; Mas é mais justo e humano, e salva um número maior de pessoas, realizar a reforma agrária correndo o risco dos capitalistas do que correndo o risco dos camponeses. Agora, tudo isso é apenas uma parte; Isto significa reconstruir a existência do nosso povo numa base material humana; mas também deve ser unido de cima; Devemos dar-lhe fé coletiva, devemos retornar à supremacia do espiritual.

Discurso de encerramento do II Conselho Nacional. Cinema Madrid, Madri, 17-11-1935.

300.- ...Este será o verdadeiro retorno à natureza, não no sentido da écloga, que é o de Rousseau, mas no sentido georgiano, que é a maneira profunda, severa e ritual de compreender a terra.

"Espanha e barbárie". Palestra no Teatro Calderón, Valladolid. 03-03-1935.

(E)

301.- Leis que sejam aplicadas com igual rigor para todos; é disso que precisamos. Uma erradicação implacável de práticas ruins de longa data: recomendação, intriga, influência. Justiça rápida e segura, que se alguma vez se dobrar, não será por covardia diante dos poderosos, mas por bondade para com os que estão errados. Mas essa justiça só pode ser alcançada por um Estado que esteja seguro de sua própria razão justificadora.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16/01/1936.

(F)

302.- Como pode alguém pensar que uma certa simpatia por um país ou outro influenciará nossas atitudes? Entre outras coisas, porque, certamente, entre nós aqui sentados, não há um único que tenha uma mente aberta que não tenha sido influenciado por muitos simpatizantes; Todos nós, inclusive eu, já demos uma olhada, alguns mais, outros menos, na cultura europeia; Todos nós sentimos a influência da literatura francesa, da educação inglesa, da filosofia alemã e da tradição política da Itália, que está realizando uma de suas experiências culminantes, uma experiência culminante que ninguém pode deixar de estudar seriamente e à qual, certamente, ninguém está livre de formular alguma objeção. É, portanto, apenas um interesse espanhol, uma posição espanhola, que vou defender neste momento, como tenho certeza de que todos vocês defenderão.

Parlamento. "Política internacional". 02-10-1935.

303.- Queremos uma política internacional que em cada momento esteja determinada pela guerra ou pela paz, que seja neutra ou beligerante para a livre conveniência da Espanha, não para a servidão a qualquer potência externa.

"Antes das eleições." Acima, nº 28. 16/01/1936.

IV - INSTRUÇÕES TÁTICAS

304.- É de se esperar que não haja mais tolos que aspirem a desperdiçar uma nova oportunidade histórica (a última) em benefício de interesses mesquinhos. E se houvesse, todo o seu rigor e o nosso rigor recairiam sobre eles. Não se pode invocar a honra suprema do Exército, nem apontar a hora trágica e solene da violação da letra das Ordenanças, de modo que tudo seria deixado ao reforço de uma organização econômica em um grande número de aspectos. A bandeira nacional não tremula para encobrir a mercadoria da fome. Milhões de espanhóis sofrem com isso e é de extrema urgência remediá-lo. Para isso, a grande tarefa da reconstrução nacional deve ser lançada a toda velocidade. Teremos que convocar todos, de forma orgânica e ordenada, para aproveitar o que a Espanha produz e pode produzir. Isso implicará sacrifícios na escassa vida espanhola. Mas vocês – temperados na religião do serviço e do sacrifício – e nós – que voluntariamente impusemos às nossas vidas um senso ascético e militar – ensinaremos a todos a suportar o sacrifício com um rosto alegre. Com o rosto feliz de quem sabe que, à custa de alguns sacrifícios materiais, está salvando o legado eterno dos princípios que a Espanha levou a meio mundo em sua missão universal.

"Carta aos militares da Espanha."

Folha clandestina escrita na Prisão Modelo de Madri. 04-05-1936.

305.- Nos séculos em que amadureceu o que viria a ser o Império, não se dizia: "Contra os mouros", mas sim: "Santiago e fecha a Espanha", que era um grito de esforço, de ofensiva. Nós, que fomos ensinados naquela escola, somos pouco afeitos. grite: "Abaixo isso", "Abaixo aquilo". Preferimos gritar: "Arriba! Arriba Espanha!" Espanha, una, grande e livre, não desanimada e medíocre.

"Antes das eleições." Arriba, nº 28. 16/01/1936.

V - O FATO DO IMPÉRIO OU DOUTRINA DA ÚLTIMA PALAVRA

306.- nesta Espanha que nunca foi superindustrializada, que não é superpovoada, que não sofreu guerra; onde discutimos a possibilidade de refazer um ofício que ainda existe em grande parte; onde temos uma massa forte, interligada, disciplinada e sofredora de pequenos produtores e pequenos comerciantes; onde temos uma série de valores espirituais intactos; Numa Espanha como esta, o que estamos esperando para recuperar a nossa oportunidade e nos colocar novamente, por mais ambicioso que isso pareça, à frente da Europa em poucos anos? O que estamos esperando?

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 09-04-1935

307.- O que estamos esperando para alcançar essa integração do homem e da pátria? Então estamos esperando que os partidos de esquerda e os partidos de direita percebam que essas duas coisas são inseparáveis.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

308.- É precisamente isso que a Espanha deve propor-se a fazer nestas horas: assumir este papel de harmonizadora do destino do homem e do destino da Pátria, dar-se conta de que o homem não pode ser livre, não é livre se não vive como homem, e não pode viver como homem se não lhe assegura um mínimo de existência, e não pode ter um mínimo de existência se a sua economia não se ordenar sobre outras bases que aumentem a possibilidade de gozo para milhões e milhões de homens, e a economia não se ordena sem um Estado forte e organizado, e não pode haver Estado forte e organizador senão ao serviço de uma grande unidade de destino, que é a Pátria; E então você vê como tudo funciona melhor, você vê como essa luta titânica e trágica entre o homem e o Estado que se sente o opressor do homem termina. Quando isso for alcançado (e pode ser alcançado, e essa é a chave para a existência da Europa, que é como a Europa era quando era e como a Europa e a Espanha terão que ser novamente), saberemos que em cada um dos nossos atos, no mais familiar dos nossos atos, na mais humilde das nossas tarefas diárias, estamos servindo, junto com o nosso modesto destino individual, o destino da Espanha e da Europa, e do mundo, o destino total e harmonioso da Criação.

"Enfrentando uma encruzilhada na história política e econômica do mundo."

Conferência no Círculo Mercantil em Madri. 04-09-1935.

309.- A Espanha nunca se justificou senão pelo cumprimento de um destino universal, e agora é hora de cumprir este: o mundo inteiro vive os últimos momentos da agonia da ordem capitalista e liberal; O mundo não pode mais continuar, porque a ordem capitalista liberal quebrou a harmonia entre o homem e seu ambiente, entre o homem e seu país. Como liberal, ele fez de cada indivíduo o centro do mundo; o indivíduo era considerado isento de todo serviço; Ele considerava a convivência com os outros como um palco para a manifestação de sua vaidade, de suas ambições, de suas extravagâncias; cada homem não tinha simpatia por nenhum dos outros. Como capitalistas, eles substituíram a propriedade humana, familiar, corporativa e municipal pela absorção de todo o conteúdo econômico, em benefício de grandes aparelhos de dominação, grandes aparelhos onde a presença humana direta é substituída pela presença congelada e desumana do título escrito, da ação, da obrigação, da carta de crédito. Chegamos ao fim desta era capitalista liberal, sem nos sentirmos vinculados a nada acima, a nada abaixo; Não temos um destino comum nem uma pátria comum; Porque cada um vê o país pela perspectiva estreita do seu partido; nem uma sólida convivência econômica, uma forma forte de se sentir sujeito à terra. Os mais privilegiados entre nós foram deixados como praticantes de profissões liberais, esperando que uma clientela mutável nos confiasse um processo judicial, uma operação cirúrgica ou a construção de uma casa; os outros, nessa coisa tremenda que é ser empregado durante anos e anos em um escritório, em cujo destino, em cuja prosperidade não se participa diretamente; os últimos, que não têm sequer um emprego liberal, nem um cargo para servir, nem um pedacinho de terra própria para regar com suor, mas estão na situação desesperada e monstruosa de serem proletários, isto é, homens que já venderam suas terras, suas ferramentas e sua casa, que não têm mais nada para vender e, como não têm nada para vender, têm que alugar por algumas horas a força de seus próprios braços, têm que se instalar, como eu os vi, naquelas praças das cidades da Andaluzia, suportando o sol, para ver se aparece alguém que os acolha por algumas horas em troca do salário de um dia, como se apanham escravos e camelos nos mercados da Abissínia. O capitalismo liberal leva necessariamente ao comunismo. Só há uma maneira profunda e sincera de impedir que o comunismo chegue: ter a coragem de desmantelar o capitalismo, desmantelá-lo para as próprias pessoas que ele beneficia, se realmente quiserem impedir que a revolução comunista varra os valores religiosos, espirituais e nacionais da tradição. Se quiserem, que nos ajudem a desmantelar o capitalismo e estabelecer uma nova ordem.

...esta é uma tarefa moral elevada. Os homens devem receber de volta seu conteúdo econômico para que suas unidades morais, suas famílias, suas guildas, seus municípios possam novamente ser preenchidos com substância; Precisamos tornar a vida humana novamente tão segura e confortável quanto antes; E para esta grande tarefa econômica e moral, para esta grande tarefa, na Espanha estamos nas melhores condições. A Espanha é o país que menos sofreu com o rigor do capitalismo: a Espanha – bendito seja o seu atraso! – é o mais atrasado em termos de capitalização em grande escala: a Espanha pode ser a primeira a ser salva deste caos que ameaça o mundo. E veja que em todos os momentos as palavras de ordem sejam pronunciadas por uma boca nacional. A nação que falar primeiro com as palavras dos novos tempos é aquela que liderará o mundo. É aqui que, se quisermos, podemos fazer da Espanha a líder do mundo novamente.

A Falange antes das eleições de 1936.

Discurso no Cinema Europa, Madri. 02-02-1936.

VI - INVOCAÇÃO FINAL

310.- Não queremos mais gritos de medo: queremos a voz de comando que lance novamente a Espanha, com passo decidido, pelo caminho universal dos destinos históricos.

A Falange antes das eleições de 1936.

Discurso no Cinema Europa, Madri. 02-02-1936.